

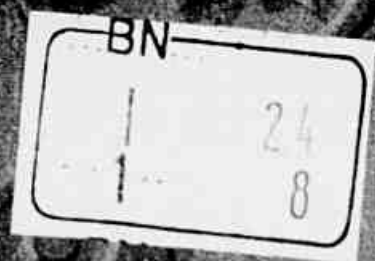
REVISTA DA SEMANA

N.º 34 == 19-8-44 == Cr\$1,50 em todo o Brasil



GAB. FOTOCART. DO M. DA GUERRA.

LOUREIRO, 1744.



DUQUE DE CAXIAS



JOCKEY CLUB MUNDANO



O acontecimento máximo do turf brasileiro é, sem dúvida, a disputa do "Grande Prêmio Brasil", corrida que leva ao Hipódromo da Gávea dezenas de milhares de espectadores, que ali, todos os anos, numa festa elegante e movimentada, assistem a um espetáculo pleno de lances emocionantes e sensacionais. Este ano, a grande tarde turfística contou com a honrosa presença do Presidente Getúlio Vargas e do Vice-Presidente do Uruguai, que aparecem juntos no cliché acima. Nas outras fotos, diversos aspectos da assistência da sensacional carreira.





AS LUZES ESTÃO VOLTANDO A BRILHAR...

Ha quatro anos, quatro longos e penosos anos, as hostes barbaras de Hitler, em Junho de 1940, entravam na Capital do Mundo. Período de miséria e fome, crimes e massacres. Uma negra mortalha se estendeu sobre a cidade-luz. Agosto de 1944: As forças da liberdade estão salvando a segunda grande capital da Europa até aqui dominada pelo Eixo. Roma já está libertada. Em Paris e Varsovia os nazistas estão sofrendo as ultimas derrotas fragorosas antes da capitulação total. As luzes estão voltando a brilhar.



...E QUE INAUGURADO O MONUMENTO, DESVENDADO AO PÚBLICO O ZEBU DE BRONZE, TENHAMOS A COMPENSAÇÃO DE VER SURGIR, NOS TALHOS DO RIO DE JANEIRO, ALGUNS ZEBUS DE CARNE, QUE EVIDENTEMENTE SERIAM BEMVINDOS..."

R. MAGALHÃES JUNIOR

MONUMENTOS A HOMENS E BICHOS

(PARA A REVISTA DA SEMANA)

A FILA, A ETERNA FILA. O POVO QUER CARNE, OS TALHOS NÃO A TEM PARA SERVIR — E OS ZEBUGOS SÃO VENDIDOS A TRÊS, QUATRO, CINCO MILHÕES DE CRUZEIROS... ELE É O NOVO SOBERANO E OS SEUS AMORES VALEM FORTUNAS...

VAI ser levantado em Minas um monumento que representará um preto na cional ao zebu. E' a consagração, na imortalidade do bronze, de um simples quadrupede, de um irracional, que vai conquistar, assim, a homenagem que muitos homens sonharam receber de corpo inteiro, sem conseguir ir além da simples bustificação. A aspiração dos grandes homens é, evidentemente, a de serem apontados á posteridade numa estátua imponente, que fale às gerações futuras do seu nome e dos seus feitos. Se eu fôsse um grande homem — permitam-me a hipótese como premissa de um argumento — não me contentaria senão com uma estátua de corpo inteiro, ademais equestre. Explico o meu ponto de vista. A estátua de um herói sem um cavalo não dignifica o homenageado com a mesma imponência com que o faria se ele estivesse montado. Todos os dias, da minha janela, nas pausas do trabalho rotineiro, contemplo com tristeza a estátua de Mauá. O pedestal não podia ser mais alto. Está acima do nível do terceiro andar do edifício d'A NOITE. Evidentemente, Mauá foi uma grande figura nacional. Foi um homem de arrojadas iniciativas, introdutor do trem de ferro no Brasil, realizador de inúmeros melhoramentos, construtor naval e homem de grande caráter. Mas está ali, com as mãos atrás das costas, de cabeça descoberta — e a pé. Ninguém presta maior atenção á estátua de um grande homem quando esse grande homem está a pé. Para começar, se lhe tivessem dado um cavalo, o pedestal não seria aquele pedestal esguio e ridículo. Seria um pedestal volumoso, amplo, sólido, capaz de suportar o peso de algumas toneladas mais de bronze. A estátua ganharia outra imponência, outra importância, outro relevo. Entre os nossos generais, os menos felizes, na consagração pública que receberam, foram Benjamin Constant, um dos fundadores da República, e Floriano Peixoto, seu consolidador. Ambos estão a pé nos seus monumentos, ao passo que o marechal Deodoro, que soltou o grito de "Viva a República" e que fez jus ao título de proclamador, está montado num gigantesco bagual, soberbamente imponente. D. Pedro I, que reinou menos do que D. Pedro II, tem uma estátua equestre, ao passo que José Bonifácio, figura historicamente mais importante do que a dele, está ali no largo de São Francisco, modestamente de pé, sem a grandeza e a majestade do primeiro imperante, ali muito perto, na praça Tiradentes. D. Pedro II, que poderia ter tido um monumento equestre, — chegou a ser feito o molde da estátua equestre, no qual ele apareceria com os trajes com que entrou em Uruguiana, após a capitulação de Estigarribia, — acreditava pouco em estátuas e preferiu que com o dinheiro do monumento fôsse construída uma escola no largo do Machado. Suas estátuas são todas de pé. Em Fortaleza, ele aparece numa dessas estátuas. Lembro-me de que, em minha companhia, um visitante do interior a examinou e disse sentenciosamente:

— Não gostei... Falta alguma coisa a essa estátua...

E em seguida, completando:

— Falta cavalo...

Dirão que é difícil fazer estátuas equestres de toda gente. Mas eu objetarei, com toda razão, que não é tão difícil assim. Os grandes homens, em geral, tem o seu instante equestre. Paulo de Frontin, em vez daquele simples busto que existe na praça Marechal Floriano, bem podia ter uma estátua equestre. Achar absurdo? Pois não é. O grande bemfeitor da cidade viveu o grande drama da sua vida de engenheiro moço e dinâmico durante o episódio da "água em seis dias". Que fazia então Paulo de Frontin? Andava a cavalo pelas florestas da Tijuca, inspecionando ele próprio os trabalhos, daqui para ali, dali para acolá, lutando contra os mosquitos, o calor, a fome e a fadiga, dominado pelo desejo de triunfar, de vencer todas as dificuldades. Evidentemente, não teria ele o aspecto de um general que dá uma carga, mas o seu heroísmo não seria menor, naquêle instante dramático. Até do próprio Jesus Cristo seria possível fazer-se uma estátua equestre, não para colocar a figura do divino mestre sobre o lombo de um cavalo, mas de um jumento, — o jumento em que ele entrou montado em Jerusalém.

Os cavalos de guerra eram também heróis, nas batalhas de outrora. Num conto magistral, um escritor ilustre, creio que François Coppée, contou-nos a história de um cavalo que, aposentado nas lides guerreiras, ficou porém junto ao batalhão, acompanhando no seu posto até á morte, toda vez que ouvia o toque de "revista". Adquiri-





NO URUGUAI, A GRATIDÃO NACIONAL AOS BOIS DE CARRO OU AOS CARROS DE BOIS SE MANIFESTOU NO ADMIRÁVEL MONUMENTO CONHECIDO PELO NOME DE "LA CARRETA", A QUE NÃO FALTAM, TAMBÉM, AS FIGURAS DE UM CAVALO E DE UM GAUCHO. — ESSA A REPRODUÇÃO DO MONUMENTO ALUDIDO.

ra consciência profissional. Na guerra de outrora, antes da moto-mecanização, os guerreiros dependiam dos seus cavalos no êxito como no desastre — para a vitória ou para a fuga. Quando se celebra o êxito de um guerreiro dos velhos tempos, de um que sempre marchou para a frente e que não sofreu revezes, é justo que o cavalo fiel e leal, que ele cavalgou nas refregas, tenha uma parte da homenagem.

Afinal, por que não se há de homenagear o boi? O boi é um cidadão exemplar na sociedade dos irracionais e a nenhum outro quadrúpede deve tanto o progresso do Brasil. O boi vale o que pesa — e dele tudo se aproveita, inclusive os ossos e o estrume para a fertilização dos campos. Mais valioso do que o boi só mesmo as vacas que nos fornecem leite, manteiga e queijo — além da carne e do couro. Se esses artigos andam escassos, a culpa não é dos bois, nem das vacas, que continuam generosos como sempre, mas dos homens que não sabem distribuí-los bem. Sem o boi, não teria havido esse veículo exemplar, que desbravou os primeiros e novos caminhos por onde a seiva da civilização transitou pela primeira vez para o interior do Brasil. Durante séculos, foi o carro de bois o único sistema de transportes conhecido no Brasil. Assim era, ao ser proclamada a independência — e Pedro Américo assinalou a sua presença na cena histórica da proclamação da Independência. Assim era, ainda, durante a guerra do Paraguai — e Taunay cita a presença do carro de bois na cena épica da retirada da Laguna. Na guerra dos Farrapos, o mais importante movimento liberal e republicano do tempo do império, o carro de bois teve papel saliente, utilizando-o Garibaldi para o transporte de embarcações de campanha, através de grandes tratos de terra, do rio Jacuhy até Laguna, afim de poder atacar Santa Catarina. Ainda há dias, o carro de bois era

exaltado por um conferencista, o sr. Bernardino José de Souza, que dissertou longamente sobre o seu papel na história nacional. O tema não é novo; entretanto Capistrano de Abreu já fizera o elogio do boi como um dos elementos que mais contribuíram para a penetração do Brasil. Acho que o boi, boi de carro especialmente, merece um monumento. No Uruguai, a gratidão nacional aos bois de carro ou aos carros de bois se manifestou no admirável monumento conhecido pelo nome de "a Carreta", a que não faltam, também, as figuras de um cavalo e de um gaucho. O zebu é um elemento novo de riqueza no Brasil. Só se pensa agora na criação de zebús e um reprodutor gir está valendo mais de um milhão de cruzeiros. Há quem viva à custa dos seus touros, alugando-os por vinte, trinta e cinquenta mil cruzeiros por semana, para a fecundação de vacas de raça. O novo rei da pecuária está destronando o boi comum, o gado que pode ter a carne saborosa, mas não tem o peso e o volume do zebu. É natural que cada país erga monumentos que exaltem as suas riquezas e delas falem aos visitantes. Numa pequena cidade francesa, há um monumento a uma mulher do povo, ao lado de uma vaquinha. Esse monumento consagra a memória de uma criatura que inventou, de colaboração com a vaquinha, uma das coisas que mais deliciam o paladar dos gastrônomos: o queijo Camembert. Venha o monumento ao zebu, símbolo dos tempos novos, na fase de ouro da criação de gado, — embora esse monumento usurpe uma glória mais legítima, a do boi plebeu que durante tanto tempo colaborou na nossa grandeza. Oxalá o Brasil, em vez de um desses monumentos, erguidos para documentar a sua opulência, a sua riqueza, o desenvolvimento da sua produção, tenha vários. E que, inaugurado o monumento, desvendado ao público o zebu de bronze, tenhamos a compensação de ver surgir, nos talhos do Rio de Janeiro, alguns zebús de carne, que evidentemente seriam bem-vindos...

A GUERRA EM MARCHA



OS MONSTROS MECANICOS

Nenhuma outra denominação cabe tão bem a esta carnificina em que se agita o mundo ha cinco longos anos — para nos referirmos apenas á Europa — onde a luta assumiu um aspecto mais sensacional e decisivo — do que este de “guerra total”. Milhares de vidas de mulheres e crianças foram ceifadas sob os tétos dos lares, onde esperavam o regresso impossível dos maridos e pais, mortos em luta desigual. Espetáculo não menos triste é o de crianças inocentes estropiadas pela barbarie nazista, capaz de deixar na sombra as hordas de Tamerlão e Atila.

Espetáculos inéditos de crueldade engendrados pelo engenho humano aplicado á destruição, foram presenciados pela humanidade estarrecida. Afinal, o que parecia fantástico foi se tornando, á força de repetição, um espetáculo comum. Centenas de aviões, muitas vezes alguns milhares, bombardeiam simultaneamente o território da Europa e os telegramas referem-se ao fáto laconicamente “operações aéreas de grande envergadura contra o inimigo”.

Avalanches de tanks armados com canhões de grande calibre, entram pelas cidades esmagando tudo á sua passagem, sem que fossem empregados grandes adjetivos ou exclamações para noticiar o fáto.

As coisas mais extraordinárias parecem normais e corriqueiras.

Os que de longe acompanham, pelo jornal ou pelo rádio, as noticias da guerra habituaram-se a considerar normal a morte de milhares de homens todos os dias, em todas as partes do mundo, desde as estepes geladas da Russia aos pantanaes da Oceania, no ar, na superficie e no fundo do mar. Destruição e morte diariamente, durante cinco anos, quasi transformam a guerra num espetáculo normal. Só uma ou outra vez, diante de alguma noticia mais horrivel, pensamos na monstruosidade da guerra. Assim é a natureza humana.

Mas algo de extraordinário, uma tremenda ameaça que até aqui não se havia concretizado, que se limitara ás páginas dos livros onde se encontrava junto a outras previsões fantásticas, vem se realizando.

Wells, “o profeta da Inglaterra” como já foi classificado, num dos seus livros de fantasia, descreve uma luta entre monstros mecanicos.

Quando a grande conflagração que estamos presenciando se aproximava, anunciada pela atmosfera carregada que se podia sentir no mundo inteiro, as coisas mais absurdas e extravagantes eram imaginadas. Cidades inteiras seriam arrasadas pelo simples apertar de um botão a muitas milhas de distancia, os países seriam invadidos por estranhas legiões de soldados mecanicos dirigidos pelo rádio.

Entretanto, as coisas não se passaram exatamente assim. A guerra não havia trazido grandes inovações. Apenas as armas já conhecidas começaram a ser aplicadas em massa, e com uma eficiencia desconhecida na conflagração de 1914-18.

Os aviões e os tanques, empregados em massa decidiram as batalhas mais importantes. As forças mecanizadas, tanques que são verdadeiras fortalezas ambulantes esmagam aldeias e cidades. Mas todos eles dirigidos pelo homem, guiados pela inteligencia humana.

As bombas voadoras, que ha cerca de três meses vêm caindo, com intervalo de dez ou quinze minutos no sul da Inglaterra e em Londres, constituem, sem duvida, a maior monstruosidade desta guerra.

Estes aviões mecanicos, inexoraveis, frios, com essa terrivel incompreensão das coisas inanimadas, tiram á luta os ultimos traços de épico que ainda podiamos encontrar.

Na luta contra esses monstros desapareceu aquele espirito esportivo que podia existir num combate aéreo ou numa carga de tanks ou de infantaria. A guerra começa a se mecanisar.

Onde nos levará a criação das bombas aéreas no caso de ser este invento desenvolvido na mesma escala da aviação e dos tanks?

A destruição total da humanidade? Talvez a guerra futura se apresente tão monstruosa que os homens decidam afinal descobrir outro modo de resolver os seus problemas.



DO BOJO DESSAS EMBARCAÇÕES SAEM AOS MILHARES OS SOLDADOS ALIADOS; OS TANKS E OS CANHÕES QUE VÃO AOS POUCOS EXPULSANDO OS DESMORALISADOS EXERCITOS NAZISTAS DOS TERRITORIOS OCUPADOS E LIBERTANDO OS POVOS OPRIMIDOS.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLV --- 19 8-1944 --- N. 34

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00
O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5802

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia.
Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal
434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo.
Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Toda correspondência deve ser endereçada ao diretor.

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

Sumário

LITERATURA

Monumentos a homens e bichos (Raymundo Magalhães).....	4/5
Adeus, Rogério! (Harrison Brand).....	19
Mau Sangue (Coelho Netto).....	30
Aventura do Pernetá (Ellery Queen).....	35
Ledo (Escagnolle Doria).....	42
Livros Novos.....	46/47

REPORTAGENS

Jockey Clube.....	2
Não é com Chico Xavier (Texto de Paulo de Salles Guerra, fotos de A. Vieira).....	8/13
O romance de Sagramor (Celestino Silveira).....	22/25
Figuras e Fatos.....	36/37
A glorificação de Francisco Serrador.....	38/39

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos.....	27
Modelos.....	28/29
"Maillots" para o próximo verão.....	32/33

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

PRISAO de VENTRE?
Pílulas
ALOICAS
REGULAM O INTESTINO SEM TORTURA-LO.

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, são causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use *Regulador Gesteira* sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas molestias do útero, pêso, dôres e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendencia a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador Gesteira*.

Chapéus.....	34
Figurinos.....	50/51
Outros Modelos.....	54
CURIOSIDADES:	
As luzes estão voltando a brilhar.....	3
Não incuta medo às crianças.....	40/41
Você tem vocação para detective?.....	43
Exposição de arte paranaense no Rio.....	14/15
SEÇÕES:	
A Guerra em Marcha.....	6
D: Rádio (Djalma Maciel).....	48
CARICATURAS:	
Uma tarde inesquecível (Guevara).....	20/21
Bom Humor.....	26
"Charge" de Raul.....	56
NOVELA:	
Covardia (Berliet Junior).....	57/58



QUINA PETROLEO ORIENTAL

PERFUME RIVIERA



Fixa o penteado, dá vida aos cabelos, evitando o embranquecimento prematuro. Extingue a caspa e combate todos os parasitas capilares.

A VENDA EM TODO O BRASIL

AINDA O MOMENTOSO "CASO" HUMBERTO DE CAMPOS

NÃO É COM CHICO XAVIER
DECLARA O ADVOGADO DA FAMÍLIA

(Reportagem de PAULO DE SALLES GUERRA — Fotos de ARNALDO VIEIRA)

FALA O DR. MILTON BARBOSA. "A OBRA DITA PSICOGRAFADA É OU NÃO AUTÊNTICA?". "A LIVRARIA EDITORA DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA FICARÁ EM MÁ SITUAÇÃO". "NÃO PERMITIREMOS QUE OS RÉUS FUJAM DA REALIDADE". "OS LIVROS DE HUMBERTO DE CAMPOS SÃO VENDIDOS, POR BOM PREÇO, EM MOEDA DESTES MUNDO". CRIME PREVISTO NA LEI PENAL". "NÃO HÁ ATENTADO A LIBERDADE RELIGIOSA".

Há muito que os mortos não causavam tanta agitação entre os vivos como agora nesta nossa pacata Sebastianópolis. A justiça vai intimar um espírito a comparecer a juízo, provando a sua existência (existência espiritual, naturalmente), para resolver um caso complicadíssimo, ímpar na história dos processos. O mais sério é que se trata de um espírito importante, de escritor conhecido, cujas obras são ainda procuradíssimas em todo o Brasil, tanto aquelas que escreveu em vida, como as que se dizem ditadas pelo seu espírito ao médium Francisco Xavier, isto é os livros "psicografados", para usarmos a terminologia espiritista.

Que haverá pelo astral? Pode alguém receber comunicações do Além, escrever obras ditadas por um grande escritor morto? E, no caso de ser possível tudo isto, podem estas obras ser vendidas sem autorização da família do escritor? Perguntas de ordem transcendental e de ordem jurídica, que pela primeira vez — pelo menos não há memória de um caso semelhante, — vêm se chocar produzindo uma grande celeuma na imprensa, com repercussão em todo o Brasil. O caso Humberto de Campos, ou, se preferirem, o caso "Chico Xavier", está, como se diz na gíria, com "cartaz feito". O assunto se torna obrigatório em todas as conversas.

A tudo isso, que dizem os espíritas? Como agirá o advogado da família de Humberto de Campos? Perguntas que ainda se mantêm sem resposta. Para resolver algumas dessas dúvidas fomos procurar o dr. Milton Barbosa, advogado da família do autor de "Memórias". S. a. abordou o caso com precisão e firmeza, esclarecendo os pontos mais importantes da questão.

— Não há "processo" contra Chico Xavier. A ação proposta, como já é do domínio público, visa, por enquanto, esclarecer se a obra "dita" psicografada é ou não autêntica; o que se pretende, em outras palavras, é constatar se essa obra é ou não do "espírito" de Humberto de Campos.

Si essa "prova" não puder ser produzida, pela livraria editora, por intermédio, naturalmente, do "médium" Xavier, ficará a livraria em apreço em muito má situação, em face das sanções penais previstas na lei vigente.

Si a prova, ao contrário, puder ser dada, o Espiritismo poderá firmar-se no conceito dos descrentes. E o juiz terá apenas que dar solução à



O dr. Milton Barbosa, advogado da família de Humberto de Campos, que nos fez interessantes declarações sobre o caso dos livros mediúnicos.

questão da propriedade literária. Não quero externar a minha opinião por enquanto, por me parecer cedo de mais para aventar hipóteses.

— A contestação da Federação Espírita visa pôr termo à demanda? — perguntámos.

— Não li ainda a contestação oferecida por Chico Xavier. Sei apenas que está subscrita pelo notável advogado Miguel Timponi, o que, por si só, é garantia do brilho e da cautela com que deve estar vasada.

Miguel Timponi é um dos mais hábeis e prestigiosos advogados dentre os que militam nos auditórios desta Capital. Mas não conheço os termos da sua peça jurídica. A curiosidade em torno das suas alegações tem sido tão grande no Fôro que ainda não me foi possível pôr-lhe os olhos em cima. Sei apenas que é um longo e erudito trabalho, caprichosamente elaborado. Na impossibilidade de o ler no Fôro, solicitei desse ilustre colega uma cópia, que ainda não chegou às minhas mãos apesar de já estar em caminho, pois já foi entregue a um nosso amigo comum, o honrado escrivão Délio Guaraná de Barros, da 8.ª Vara Cível.

O que sei desse trabalho é muito pouco para poder externar qualquer conceito que esclareça o espírito dos leitores da REVISTA DA SEMANA.

Afirma-se nos corredores do Fôro que os réus — Chico Xavier e a Livraria Editora da Federação Espírita — alegam que a ação proposta não poderá ser julgada nem ter andamento por implicar em um atentado à liberdade de crença religiosa, direito garantido pela Constituição Brasileira.

Não creio que seja esse o fundamento da contestação, pois desse modo estariam os réus fugindo da realidade, o que nós não permitiríamos.

O fato concreto, positivo e incontestável é conhecido: a existência de obras literárias espíritas, atribuídas ao "espírito" de Humberto de Campos e vendidas pela livraria editora, por bom preço, em moeda deste mundo... Que essas obras têm aceitação do público apenas em virtude do prestígio literário do "autor" a quem são atribuídas — não há como negar. Que é o prestígio de Humberto de Campos que explica a procura invulgar dessa produção literária ninguém, lealmente, poderá contestar. Que esse nome é um patrimônio econômico, parece impossível pôr-se em dúvida.

Mas esse patrimônio moral e econômico pertence exclusivamente à família do escritor morto.

Atribuir-se, falsamente, a tão prestigioso escritor a autoria de uma obra, elaborada por terceiros, é crime previsto na lei penal. E qualquer lucro auferido é ilícito.

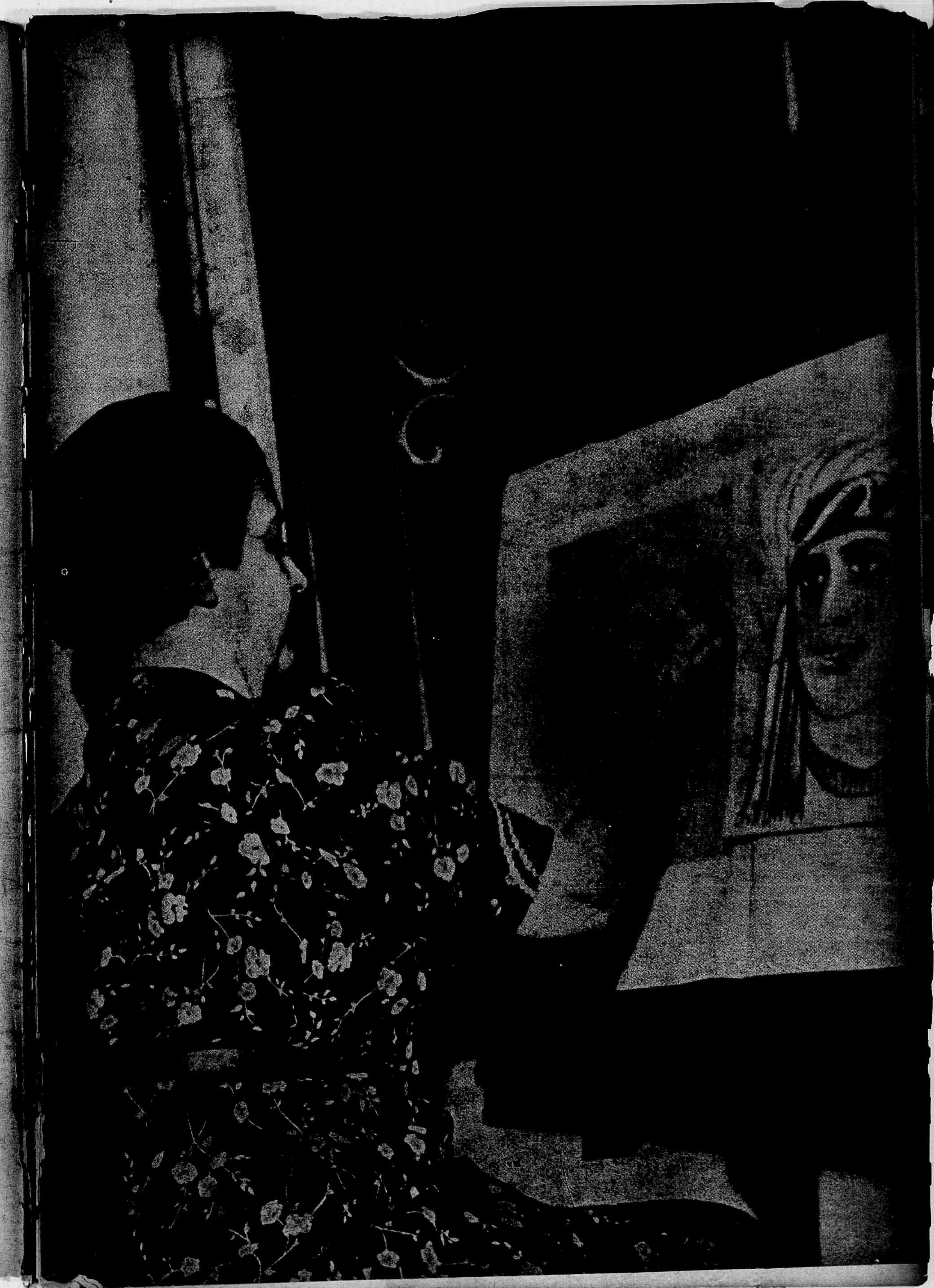
Por liberalidade, e apenas como testemunho do seu respeito pela crença religiosa dos "espíritas" foi que a família de Humberto de Campos propôs uma ação declaratória, ao invés de ingressar, de início, no Fôro Criminal e apreender a obra "psicografada".

Quiz, desse modo, oferecer ao Espiritismo uma oportunidade para que ele pudesse provar a autenticidade dos fenômenos "mediúnicos" de psicografia.

Si não puder provar... a situação se tornará muito grave, principalmente para a editora.

— Será que tão honesta e leal indagação — quando a família do escritor tem em seu benefício todo o direito positivo, civil e criminal —

D. Dinorá, em transe, esboça a figura da cabeça de um índio ante o olhar espantado do redator. Em cinco minutos estava pronto o quadro. Um nome foi escrito: Arará.



importará em atentado à liberdade de crença religiosa?...

Mas onde é esse atentado? Que tem a ver a "crença espírita" com a venda lucrativa de obras atribuídas a um prestigioso escritor não espírita, cuja identificação é impossível para aqueles próprios que lhe puseram o nome no frontispício dos volumes publicados?...

Não creio, meu caro amigo, que a esse processo pouco recomendável se tenham apegado os réus, servidos, como estão sendo, por tão acatado profissional como Miguel Timponi.

TAMBÉM SE MANIFESTAM OS ESPÍRITOS DOS PINTORES

Uma aluna de Bernardelli que faz quadros mediúnicos. "Executo os trabalhos mecanicamente". Medalha de ouro no "salão". "Eu fui uma cató-

lica praticante", declara d. Dinorá de Azevedo Simas Enéas. As primeiras manifestações foram psicográficas. O caso estranho do jovem português. Quando começou a mediunidade no desenho. Cerca de 1200 quadros feitos até agora. Um aviso prévio nos dias em que deve fazer um quadro. Processo de pintar muito diferente do normal: "Normalmente sigo os processos acadêmicos".

Talvez não fôsse da noite. Possivelmente éramos nós que, inconscientemente, criávamos uma atmosfera de mistério. Na rua escura, mal iluminada, procurávamos quase aflitos o número 19. Na fisionomia estúpida e indiferente das casas parecia haver um ar de chacota pela nossa aflição. Afinal, a muito custo, encontramos o número procurado.

Tratava-se simplesmente de uma informação que tivéramos sobre uma pintora que fazia

quadros mediúnicos. Isto é: o espírito de diversos pintores utilizam-na como instrumento para fazer os seus quadros.

E' uma casa amarela, de aspecto comum, sem nada de extraordinário. Esperávamos encontrar lá dentro pessoas com ar misterioso, diferente. Batemos palmas e fomos recebidos por um senhor baixinho, moreno, muito atencioso e loquaz. Era o coronel Alfredo Simas Enéas, ex-comandante do 14.º C. I. Dissemos a razão da nossa visita. Em pouco tempo tínhamos sido apresentados a toda a família: o coronel, d. Dinorá e duas irmãs desta. Todos muito afáveis, com um ar tranquilo e feliz de gente simples e boa.

D. Dinorá fala-nos sobre sua vida, as primeiras manifestações espíritas:

— Fiz o meu curso regular de pintura na Escola Nacional de Belas Artes, onde atualmente sou professora de gravura em substituição ao professor Gerárdé. Antes disso, porém, já era livre docente. Tive o "Prêmio de Viagem" por concurso, tendo obtido também medalha de ouro em 1918.

Na Europa, estive em Roma, onde fui aluna de Bianchi, medalhista do Vaticano. Fui também discípula de Mme. Lancelot Croce e de Henrique Gerárdé, irmão do meu antigo mestre no Rio.

Até o segundo ano fui discípula de Bernardelli.

Deixei depois a pintura pela gravura artística, tendo-me especializado mais tarde na miniatura.

Estranhámos que, sendo professora de pintura, discípula dos melhores mestres no Brasil e em Roma, apresentasse os seus desenhos como sendo feitos por espíritos. Manifestámos a nossa dúvida, e foi o coronel quem nos respondeu:

— A sua pergunta é perfeitamente razoável. Minha senhora tem quadros seus, independentemente da influência dos espíritos. São muito diferentes como o senhor mesmo poderá constatar confrontando uns e outros. Há certos detalhes curiosos que esclarecerão o que afirmei. Os desenhos mediúnicos são feitos em condições especiais. Em primeiro lugar, estes quadros são feitos mecanicamente. Ela pode fazê-lo conversando, com a atenção inteiramente fora do trabalho.

E d. Dinorá acrescenta:

— Sou o que se chama em espiritismo "mecânica". Sinto apenas umas vibrações esquisitas no braço e na mão que desenha. O resto do corpo, inclusive a cabeça, permanece inteiramente alheio ao trabalho. Outra coisa. O processo de executar a obra mediunicamente é muito diferente do normal. Costumo desenhar, normalmente, pelas regras clássicas: primeiro o esboço e depois os detalhes e aperfeiçoamentos. Uso borracha, retoco, modifico. Quando o desenho é mediúnico, começo indiferentemente por qualquer parte. Não uso borracha. Como recebo, fica. Meus quadros mediúnicos são feitos a carvão, giz ou com espátula. E o mais interessante é que normalmente não sei desenhar com espátula. Nunca aprendi nem tentei. Todos os quadros a espátula que vê são mediúni-

O quadro está terminado. Quem é Araré? Um espírito que, segundo nos explicou d. Dinorá, pode ser o protetor do repórter. A pintora parece estar satisfeita de poder nos demonstrar como executa os quadros mediúnicos.





D. Dinorá mostra-nos um dos seus quadros mediúnicos. Vemos na foto o coronel Simas Enéas e uma irmã da pintora. Segundo nos declarou a "médium", sobem a mais de 1200 os quadros até agora recebidos, que estão espalhados por diversos Centros Espíritas.

cos. Em geral, quando desenho mediunicamente faço-o no máximo em vinte minutos, tempo de uma sessão.

— E a que atribui êsse modo diferente de pintar quando recebe um espírito?

— Acho que deve ser uma manifestação do espírito para deixar bem clara a sua intervenção. Como sabe, há muitas pessoas incrédulas.

Outro detalhe curioso: não sou vidente e entretanto reproduzo a fisionomia de pessoas

Cabeça a carvão recebida por D. Dinorá. Está assinado o nome do espírito: Pia Stroza. Quem seria? A nossa entrevistada não tem a menor idéia. Aliás, não sabe nunca o que está desenhando, sendo a sua função puramente mecânica.



que não conheço, a quem nunca vi mas que realmente existiram.

— E como sabe que existiram?

— Isto é comprovado por videntes que observam a absoluta fidelidade do desenho.

— Já aconteceu fazer o retrato de alguma pessoa identificada por parentes ou conhecidos ainda vivos?

— Algumas vezes. Vou contar-lhe dois fatos interessantes, que podem ser confirmados quando desejar.

O primeiro passou-se com duas senhoras portuguesas. Elas pediram-me para obter um retrato mediúnico de um irmão falecido em Portugal, há trinta anos, e que não deixara nenhuma fotografia. Nada prometi, pois não tinha certeza de poder atendê-las. Chegando em casa recebi um retrato a carvão. Era um rapaz bonitão, com uma farda que não conhecia e nunca havia visto. Hesitei em levar o quadro. Afinal, animada por meu marido, resolví-me. Foi enorme a comoção das senhoras. O retrato era a fiel reprodução do irmão falecido. Este fato verificou-se na primeira fase das manifestações mediúnicas.

O outro caso ocorreu em Dom Pedrito, no Rio Grande do Sul. Uma moça, pertencente a uma conhecida família do lugar, morrera afogada no rio. Não a conhecia, pois o acidente se verificara muitos anos antes de chegarmos ao lugar. A pedido da família, recebi o seu retrato. Não apenas os parentes, mas diversos conhecidos comprovaram a semelhança.

— Sente alguma coisa diferente quando vai receber o espírito?

— Geralmente sou avisada com antecedência. Quando vou desenhar, costumo saber logo ao levantar-me.

— E em que consiste êste aviso?

— Não é muito fácil explicar com palavras o que sinto. É uma espécie de intuição. A verdade é que nunca falhou.

— Recebe êsses avisos com frequência?

— Uma vez por semana. Há períodos em que eles veem de quinze em quinze dias.

— E, nesse caso, pode fazer o retrato da pessoa que desejar?

— Não. Isto não depende de mim. Algumas vezes o espírito resolve atender ao pedido, outras vezes nega-se a aparecer.

Emmanuel, agora conhecido de todos, pelo noticiário dos jornais, guia de Chico Xavier. Segundo as versões espíritas, êste espírito teria sido, numa das suas encarnações, Publius Lentulus, contemporâneo de Poncius Pilatus.





No comêço não sei o que estou desenhando ou o que vou desenhar. Tudo se passa no que me diz respeito, mecanicamente. Não tenho a menor interferência nesses trabalhos. Não ha nada meu.

— E' sempre o espírito do mesmo artista que se manifesta nos seus desenhos?

— Não. São diversos os espíritos que se manifestam, o que pode ser facilmente constatado observando a diferença do traço nos quadros.

Prestámos atenção e realmente a diferença era visível. Cada desenhista tinha a sua fatura própria, o seu estilo.

— Nota esta diferença quando executa o trabalho? — perguntámos.

— Sim. Percebo nitidamente a diferença dos fluidos. Quando o traço é mais forte sinto a mão pesada. Outros espíritos teem o traço mais leve, mais delicado.

— Já fez muitos quadros pelo processo mediúnico?

— Cerca de 1200 trabalhos, que se encontram distribuidos por diversos centros espíritas do Brasil.

— Como se manifestou a sua mediunidade para o desenho?

— Veiu espontânea e inesperadamente. Estava ouvindo uma conferência na residência do coronel Fournier, feita pelo espírito de Antonio de Aquino, quando senti uma vibração forte no braço direito e um desejo de rabiscar. Deixei a mão correr no papel. Com enorme assombro, em poucos minutos havia desenhado o retrato de um guia espiritual do centro: o espírito de Juparanã.

— Sempre foi espírita?

— Muito ao contrário. Era católica praticante e filha de Maria. Comecei a praticar a mediunidade em 1923 no Centro Espírita Soledade, dirigido por d. Marcília de Alencar, esposa do comandante Gentil de Alencar.

— Sentiu alguma coisa especial, ao descobrir a mediunidade?

— Comecei a me sentir adoentada e não atinava com a causa. Dóres de cabeça, mal-estar. Consultei todos os especialistas. Ninguém atinava com o mal. Logo que comecei a receber as primeiras mensagens tudo cessou como por encanto. Hoje gozo boa saúde. Frequentei durante alguns anos muitos centros espíritas.

— As manifestações mediúnicas foram sempre de pintores?

— No comêço recebia mensagens doutrina-rias do guia espiritual. Eram manifestações psicográficas.

— Já experimentou o tratamento pelo espiritismo?

— Nunca. Desde que comecei a receber mensagens de pintores não tenho feito outra coisa.

— Seria impossível fazer uma demonstração diante de nós?

— Como já expliquei, isto não depende de mim. Si fôsse possível teria uma grande satisfação em poder demonstrar como se passa o fenômeno.

Não insistimos. Conversámos durante algum tempo. Corremos a casa para ver os quadros, mediúnicos ou não, que cobrem literalmente as paredes de todos os compartimentos. São os mais variados, predominando a reprodução da cabeça de índios, imagens de santos e algumas figuras conhecidas. São a traço, carvão e alguns feitos a espatula. Um detalhe interessante em todos êsses quadros é a expressão curiosa do olhar em todos êles.

Pedimos a d. Dinorá que nos mostrasse os seus quadros, ou melhor, aquêles feitos exclusivamente por ela, sem a intervenção dos espíritos.

Dois ou três, bem interessantes, como uma cabeça de velha, onde impressionava a perfeição do detalhe. Em todo caso eram visíveis



A residência de d. Dinorá tem tôdas as paredes assim, cheias de quadros recebidos pela "médium". Vemos aqui alguns dêles. Poucos são aquêles feitos pela pintora, sem intervenção dos espíritos. O segundo quadro da esquerda para a direita representa Santa Joana D'Arc.



Um dos quadros da "médium", isto é: um dos quadros feitos pelo espírito. E' uma cabeça de velho. Nessa composição nota-se que os traços são leves, ao contrário da maioria das produções.

mente diferentes dos outros, dos mediúnicos. Só uma coisa igual: a expressão do olhar.

Pudemos apreciar ainda outras habilidades

de d. Dinorá. Trabalhos diferentes, principalmente miniaturas.

Pedimos à "médium" que posasse para o nosso fotógrafo. Foi então que se passou algo estranho, que ainda não tivéramos ocasião de ver: junto ao cavalete, d. Dinorá começou a revelar que receberia o espírito de um pintor. Sua fisionomia alterou-se apenas ligeiramente.

Um pequeno tremor no seu antebraço direito. A mão procurou nervosamente o carvão. Sobre o papel começaram a surgir alguns traços confusos. Aos poucos a figura ia se tornando mais nítida. Em cinco minutos tinha desenhado uma cabeça de índio. Sua mão, como dirigida por outra invisível, assinava um nome.

O coronel nos explicou que muito raramente os espíritos resolvem se manifestar nas condições em que se verificara a cena presenciada por nós. Acreditava que isto se devesse ao fato de estarmos bem intencionados.

— Quando o ambiente não é propício — explicou — êles não se manifestam. Há uma interferência que o impede.

Retirámo-nos satisfeitos, porque ao menos não éramos antipáticos aos espíritos. E é sempre bom a gente ter amigos lá do outro lado do mistério. As coisas aqui pela terra não estão muito boas. E é tão difícil arranjar amigos aqui por baixo!...

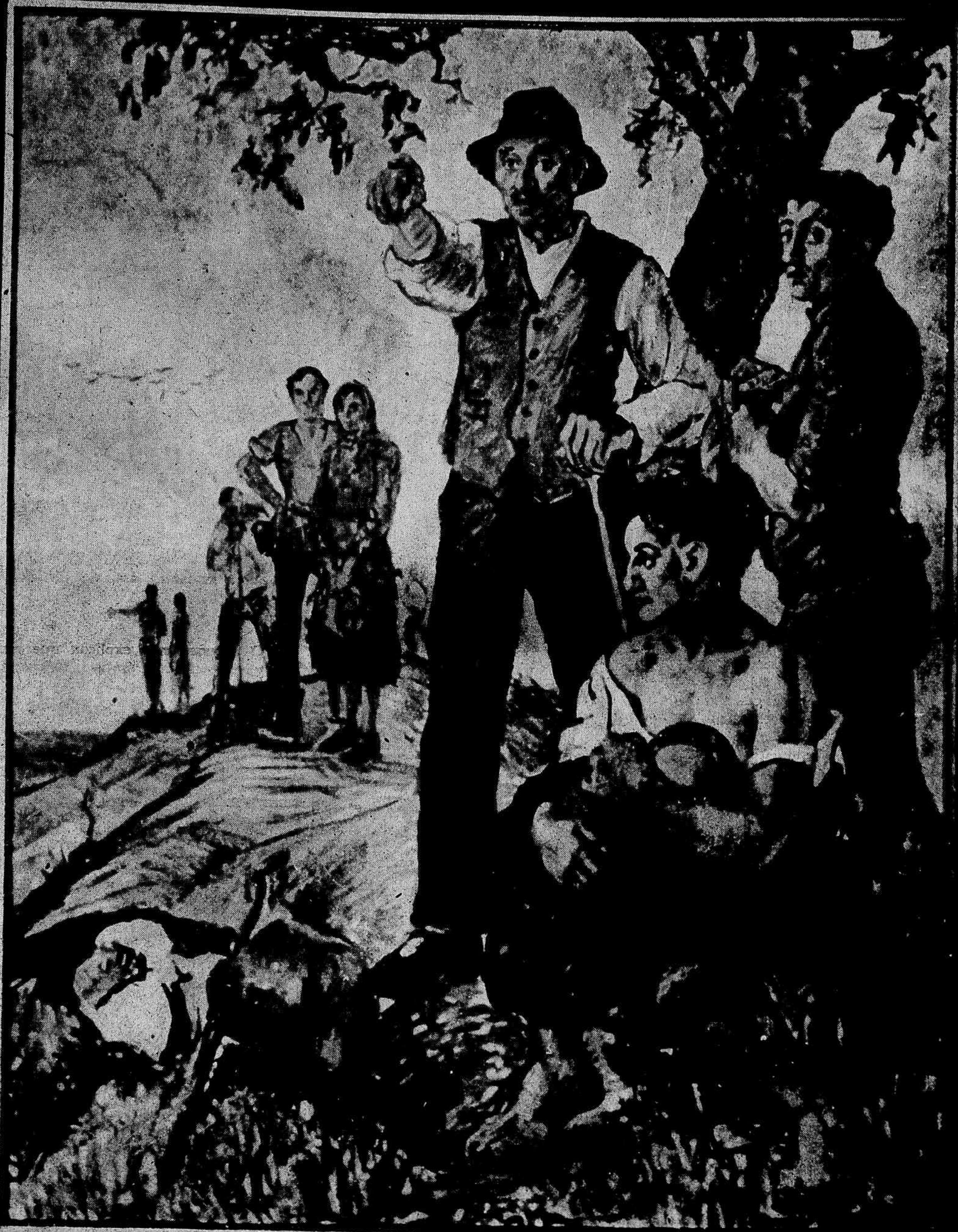


Outro detalhe da parede da sala, quase literalmente recoberta de quadros. Ainda aqui podemos notar a predominância dos quadros representando cabeças de índios. São guias espirituais.

Eis aí o índio Araré, quadro recebido diante do nosso redator, quando entrevistávamos d. Dinorá.

EXPOSIÇÃO DE ARTE PARANAENSE

NO RIO, PROMOVIDA PELA SOCIEDADE DOS AMIGOS DE ALFREDO ANDERSEN, DE CURITIBA



"TERRA PROMETIDA" DE TH. DE BONA.



"RETRATO DE DAVID DA SILVA CARNEIRO SENIOR" DO
PINTOR NORUEGUES ALFREDO ANDERSEN

"FIGURA" DO ESCULTOR
ERBO STENZEL

No momento em que se observa entre nós um crescente interesse pelas exposições de arte, de qualquer natureza, não poderíamos deixar de registrar a "Exposição de Arte Paranaense" no Rio, promovida pela Sociedade dos Amigos de Alfredo Andersen, de Curitiba.

Essa exposição, que esteve instalada de 14 de Julho a 4 do corrente, na sobreloja da Associação dos Empregados do Comercio do Rio de Janeiro, na Avenida Rio Branco, obteve o mais amplo sucesso.

Foi a primeira vez que tivemos ocasião de admirar no Rio uma exposição de artistas paranaenses.

Aliás, apresentamos dois quadros do grande pintor norueguês Alfredo Andersen, cognominado "Pai da pintura paranaense" que tão bem soube reproduzir as nossas paisagens e habituar-se à nossa luz, quando em seus olhos ainda não se haviam apagado as imagens da pátria distante.

Aqui estão ainda outras obras, quadros e esculturas, de alguns discípulos brasileiros do grande artista norueguês.



ALFREDO ANDERSEN
"VILA VELHA".

"OLAVO BILAC" TRABALHO DO ESCULTOR PATRICIO
JOÃO TURIN, EXECUTADO EM PARIS, EM 1916.





"X. P. T. O." — MAGNIFICO ESPECIME DE MANGALARGA REGISTRADO, DE 5 ANOS DE IDADE, PERTENCENTE AO SR. JOSÉ BASILIO JUNQUEIRA DE ANDRADE, FAZENDA CAMPO LINDO, ESTAÇÃO DE CRUZILHA, SUL DE MINAS.



"ALFERES", MANGALARGA REGISTRADO, DE 3 ANOS DE IDADE, PERTENCENTE AO SR. JOSÉ BASILIO JUNQUEIRA DE ANDRADE, DA FAZENDA CAMPO LINDO, ESTAÇÃO DE CRUZILHA.

A XI EXPOSIÇÃO NACIONAL DE ANIMAES E PRODUTOS DERIVADOS

Agora que a guerra levou o brasileiro a voltar a vista para suas fontes de riqueza, empreendendo uma labuta incansavel para o aproveitamento destas mesmas riquezas — Minas Gerais, esta maravilhosa terra das montanhas verdes, que sobre ser o erario de um povo tambem pode ser considerado o celeiro de um continente, não se limitou apenas a uma produção vertiginosa de materias primas minerais, antes porém voltou-se tambem para a gleba, incrementando o trabalho em seus campos e em suas pastagens. Do magnifico desenvolvimento da pecuaria mineira, é um atestado eloquente e inconteste esse grandioso certame que foi a XI Exposição de Animais e Produtos Derivados, realizada em Belo Horizonte, no mês de julho proximo passado. Na notavel "mostra" inscreveram-se mais de 3 mil animais de todos os recantos do país, cabendo entretanto ao Estado Montanhês a primasia nos especímes apresentados, quer em numero, quer em selecção e qualidade.

Inaugurada a 1.º de julho pelo Presidente Getulio Vargas, em brilhante festa que contou ainda com a honrosa presença do Dr. João Mauricio Cardoso, Ministro interino da Agricultura, Governador Benedito Valadares, Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, Prefeito de Belo Horizonte, e de todo o Secretariado mineiro, a XI Exposição de Animais e Produtos Derivados constituiu um acontecimento inédito na vida da Capital Montanhês, que viveu dias de intensa agitação e movimento, durante a realização do esplendido certame.

Montada no recinto da Feira Permanente de Ani-



"CARIOCA", LAUREADO COM O PRIMEIRO PREMIO PARA INDUBRASIL NA XI EXPOSIÇÃO DE ANIMAIS E PRODUTOS DERIVADOS. DISPUTOU O LUGAR COM OS MELHORES REPRESENTANTES DE UBERABA. PROPRIEDADE DO DR. ANTONIO CUPERTINO MARTINS TEIXEIRA, GRANDE CRIADOR DE INDUBRASIL EM RIO CASCA, ZONA DA MATA.

mais, no suburbio da Gameleira, a grande exposição era visitada diariamente por milhares de pessoas, entre as quais numerosos turistas e forasteiros, que nesses dias festivos lotaram completamente os hoteis da Cidade-Jardim.

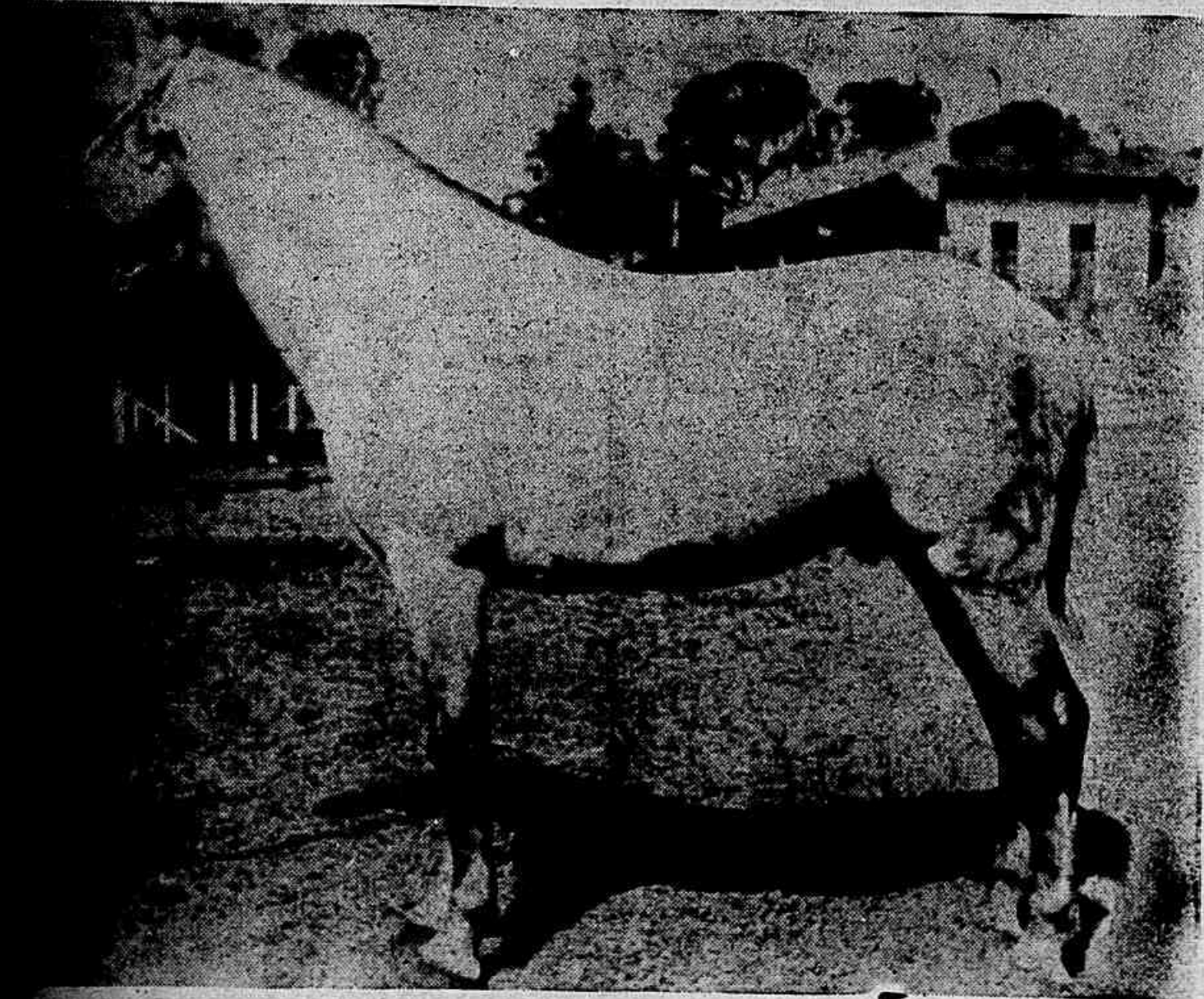
A população de Belo Horizonte não poupou aplausos á magnifica realização, que foi uma admiravel demonstração do valor da pecuaria brasileira, além de uma notavel propaganda dos nossos rebanhos.

Ficou comprovada, naquela exposição, a importância primordial do zebu na nossa pecuaria, tendo-se sobressaído em todas as competições os magníficos exemplares deste gado expostos na Gameleira.

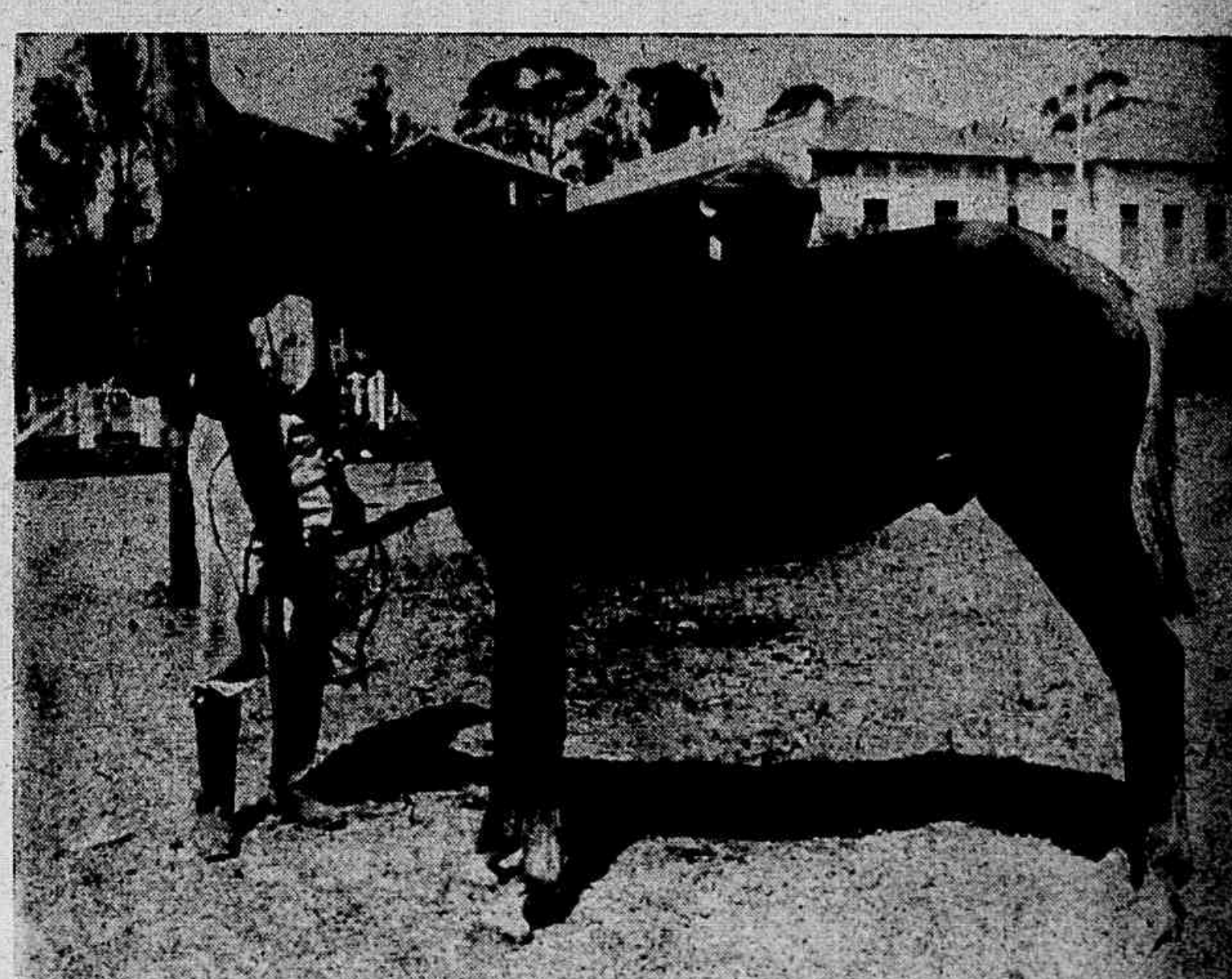
A "mostra" revelou ainda a extensão do valor e capacidade produtiva dos rebanhos de Minas Gerais, demonstrando o trabalho incansavel dos criadores montanhêses em prol do desenvolvimento e da melhoria e aprimoramento de seus planteis.

Cumpre-nos ainda registrar aqui a magnifica impressão causada a todos os que puderam visitar a Exposição pelos equinos que ali foram expostos e que vieram demonstrar que, a par dos grandes rebanhos bovinos, as fazendas mineiras contam tambem com magníficos planteis cavallares, que dia a dia melhores e mais numerosos se tornam.

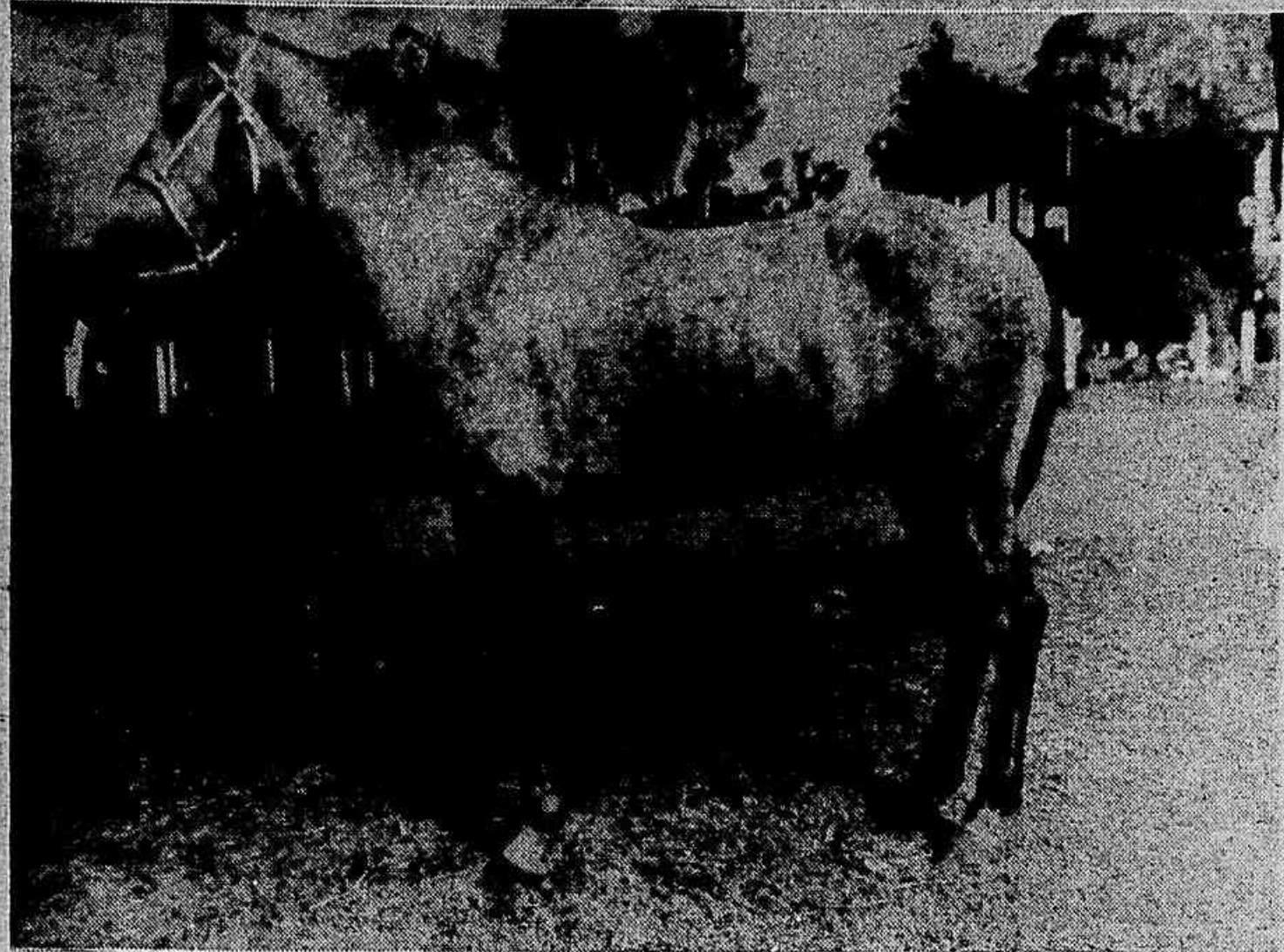
Pelas fotos que aqui estampamos, os leitores poderão fazer uma ideia do que tenha sido a XI Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados de Belo Horizonte, que valeu como uma prova evidencial e clara da importancia da pecuaria na economia da Nação.



"SARGENTO", OUTRO BELO ANIMAL PERTENCENTE AO SR. JOSÉ BASILIO JUNQUEIRA DE ANDRADE. ESTE MAGNIFICO CAVALO, TAMBEM CRIADO NA FAZENDA CAMPO LINDO, FEZ PARTE DA REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE RURAL DO SUL DE MINAS, COM SÉDE EM CAXAMBU. É DA RAÇA MANGALARGA E CONTA 8 ANOS DE IDADE.



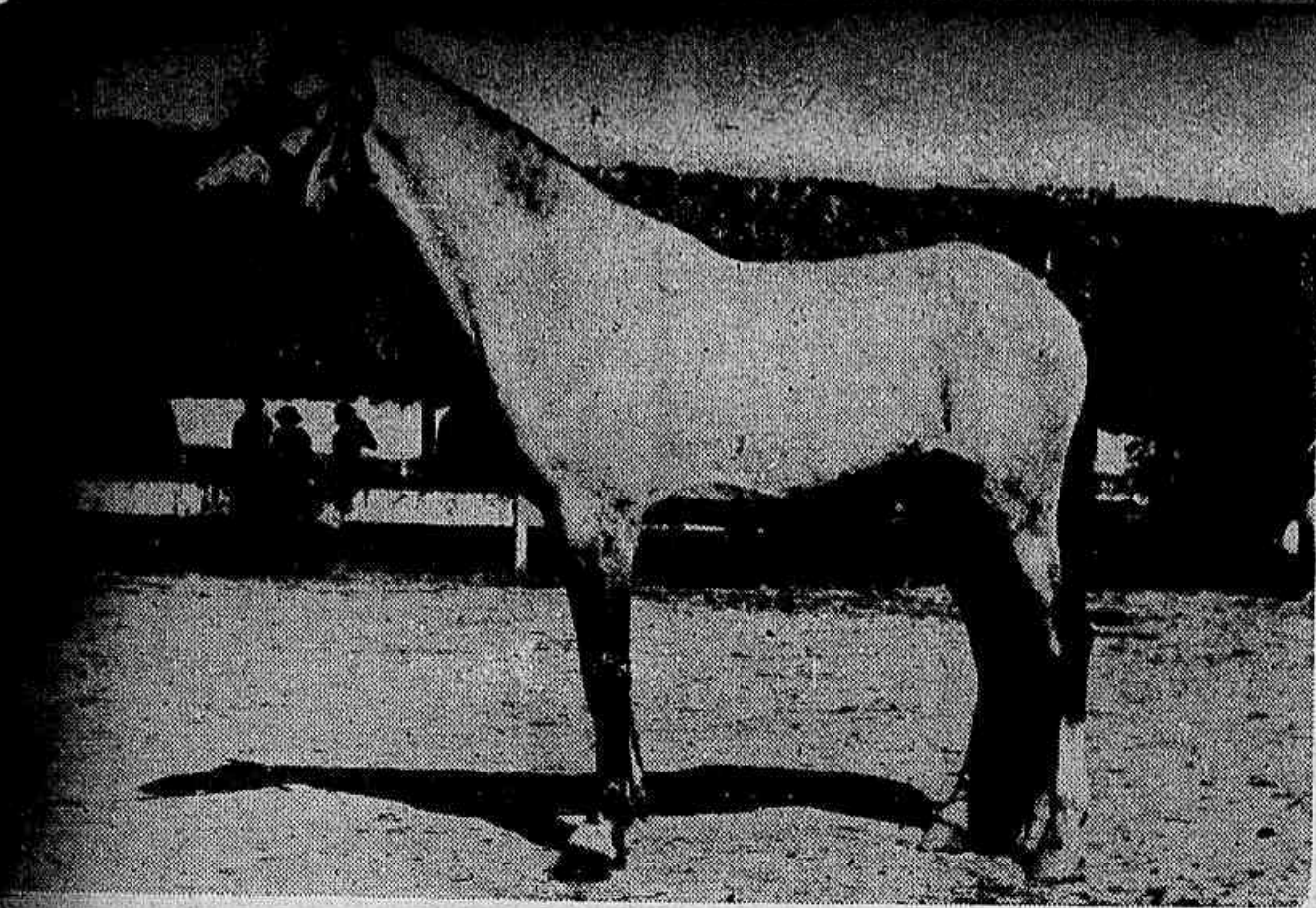
"ASTRO", ANIMAL DO SR. JOSÉ ANDRADE REIS, FAZENDA DA HERDADE, MARTINS BARBOSA, E. F. C. B. — VENDIDO AO DR. ANTONIO DE ALMEIDA, POR CR. \$ 14.000,00. CONTA 2 ANOS E MEIO DE IDADE E É MANGALARGA MINEIRO.



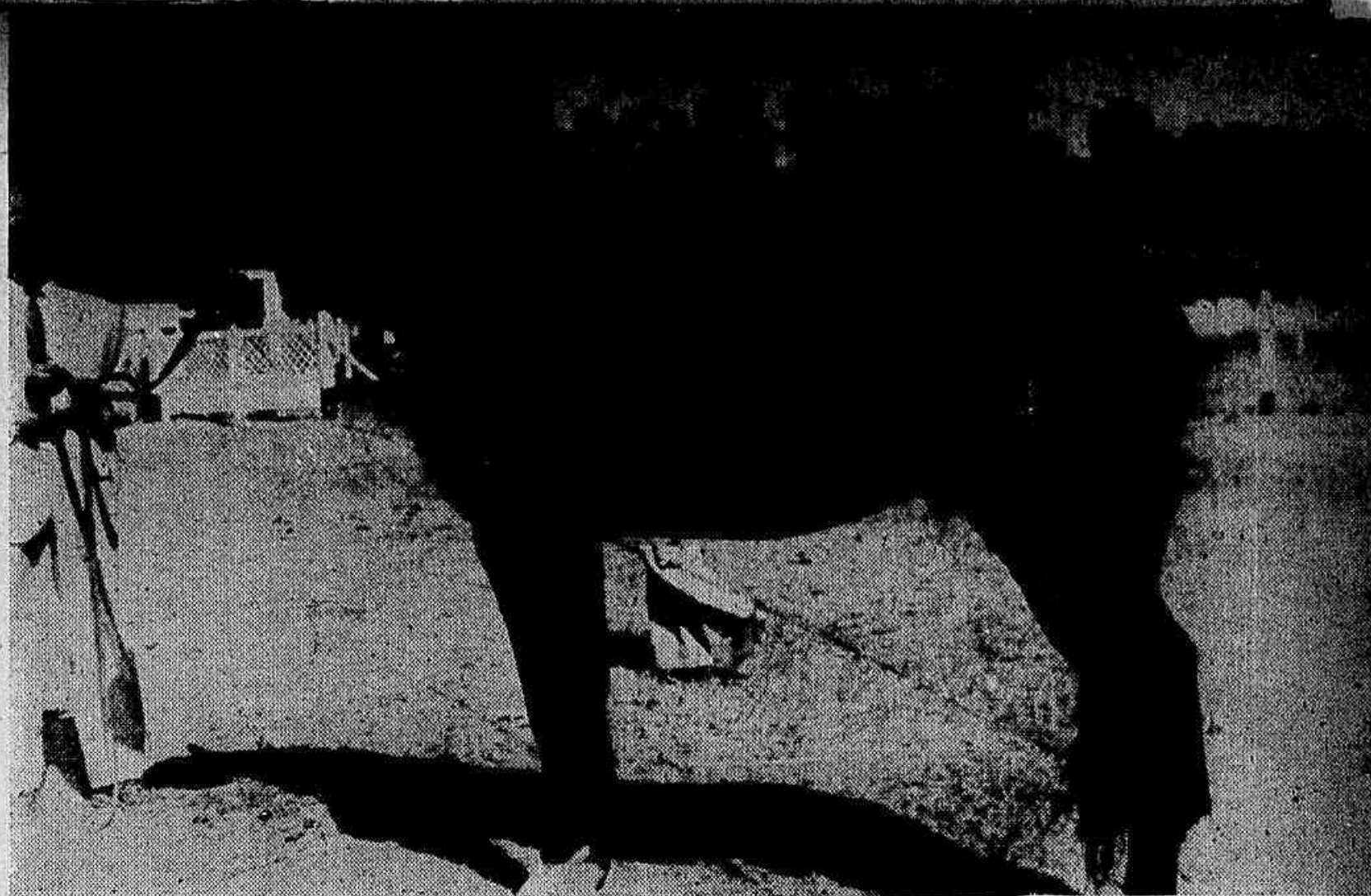
NESTE ARRANJO FOTOGRAFICO PODEMOS ADMIRAR QUATRO MAGNIFICOS EXEMPLARES EXPOSTOS PELO SR. GABRIEL FORTES JUNQUEIRA DE ANDRADE, PROPRIETARIO DA FAZENDA FAVAXO, ESTAÇÃO TRAITUBA. SÃO ELES :
AO ALTO, À ESQUERDA, "PANORAMA"; A SEGUIR, "FLA-FLU"; EM BAIXO, À ESQUERDA, "FIGARO"; E, FINALMENTE, "IMPERIO".

"ITU", CAMPEÃO DA RAÇA INDUBRASIL, PROPRIEDADE DA ORGANIZAÇÃO EURIPEDES DE PAULA LTD., DE CURVELO, MINAS GERAIS.

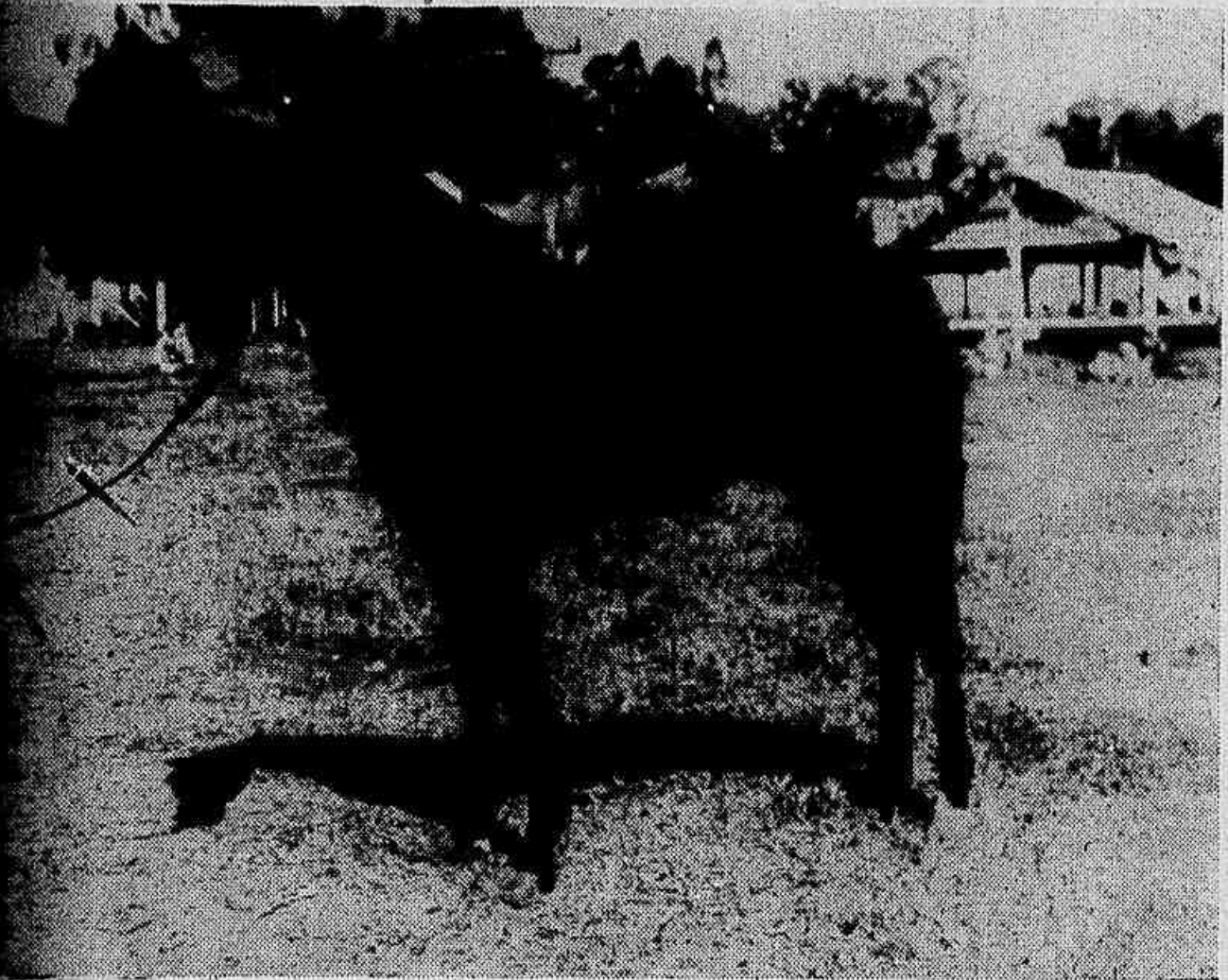




"MIMOSO", CAMPEÃO DA V EXPOSIÇÃO DE CURVELO, DE RAÇA CAMPOLINA, PROPRIEDADE DO SR. CELIO SÁ DE MATOS, FAZENDA SANTA BARBARA, BUENOPOLIS, MINAS.



"RÉX", UM DOS REPRODUTORES DE UM PLANTEL DE 200 EGUAS. ESTE ANIMAL, QUE CONTA 6 ANOS DE IDADE, FOI ADMIRADO POR TODOS OS VISITANTES DA XI EXPOSIÇÃO DE ANIMAIS E PRODUTOS DERIVADOS. É PROPRIEDADE DOS SRS. JOAQUIM REZENDE E GASTÃO REZENDE, DA FAZENDA CAMPOLINA, ESTAÇÃO DE JOÃO RIBEIRO.



"RIO VERDE", ANIMAL CONSIDERADO POR OPINIÃO DE TODOS COMO SENDO UM DOS MAIORES RAÇADORES DO BRASIL. PROPRIEDADE DO SR. BOLIVAR DE ANDRADE, FAZENDA CAMPO GRANDE, PASSA TEMPO, MINAS GERAIS.



LOTE COMPOSTO DE "JAHU" II" E UM GRUPO DE EGUAS PURAS REGISTRADAS. O MELHOR CONJUNTO QUE COMPARECEU À XI EXPOSIÇÃO DE ANIMAIS E PRODUTOS DERIVADOS. PROPRIEDADE DO SR. L. LEÃO DUTRA, FAZENDA SANTA ROSA, SETE LAGOAS.



"COBIÇADO", ANIMAL DE IMPECÁVEL LINHA, JULGADO POR ABALISADOS TÉCNICOS COMO O ANIMAL MAIS PERFEITO QUE FOI EXPOSTO NA XI EXPOSIÇÃO DE ANIMAIS E PRODUTOS DERIVADOS. PROPRIETÁRIO — SR. BOLIVAR DE ANDRADE, FAZENDA CAMPO GRANDE, PASSA TEMPO.

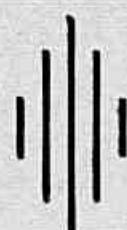


"SULTÃO", DE 44 MESES, FILHO DE "CARIOCA", CUJA FOTO ESTAMPAMOS NOUTRO LOCAL. "SULTÃO" É TAMBÉM COMPONENTE DO GRANDE PLANTEL INDU-BRASIL DO DR. ANTONIO CUPERTINO MARTINS TEIXEIRA, DE RIO CASCA, MINAS GERAIS.

Banco da Lavoura de Minas Gerais, S. A.

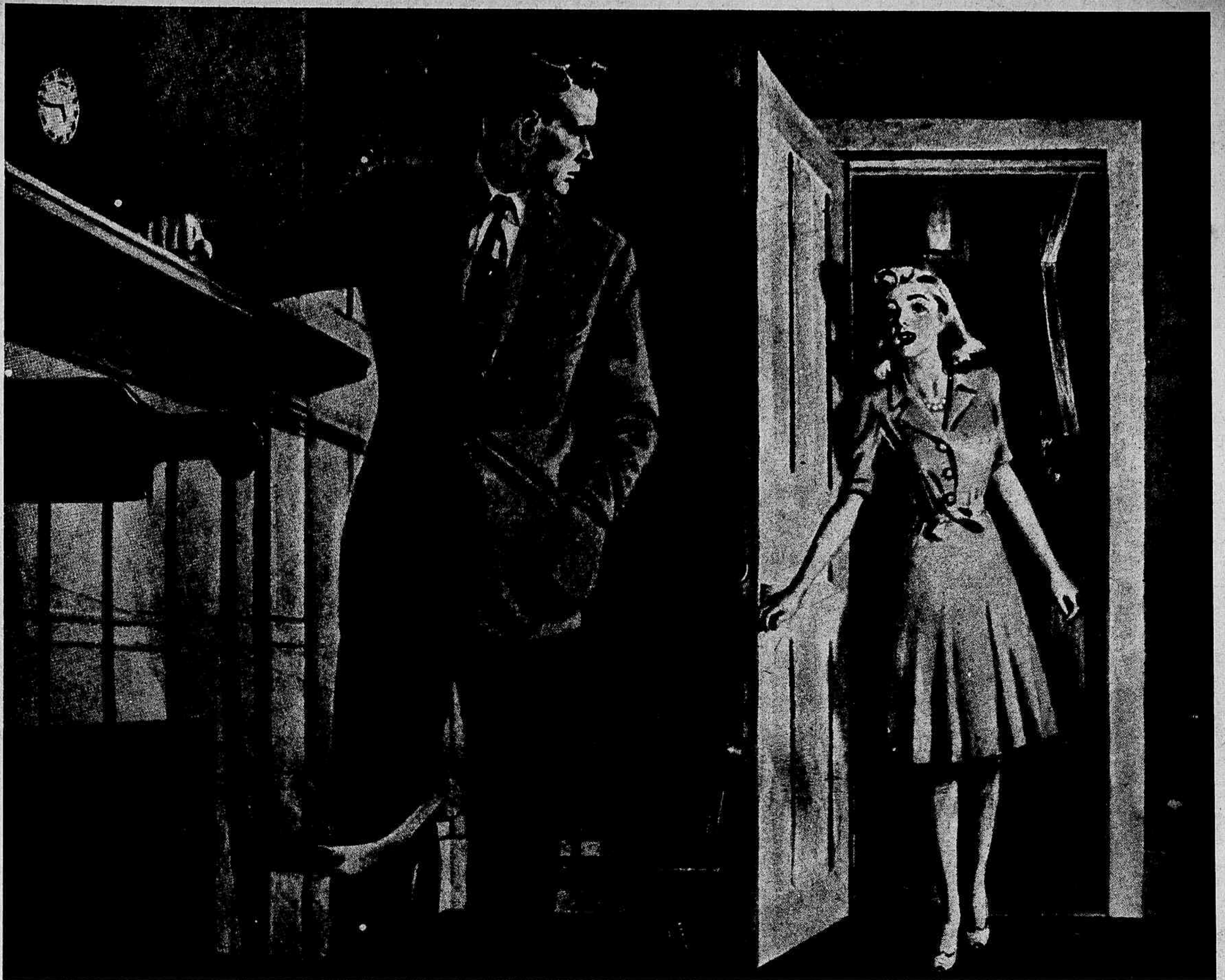
Capital realizado . . . 20.000.000,00
Aumento realizado . . . 40.000.000,00 . . . CR.\$ 60.000.000,00
Reservas CR.\$ 20.700.000,00

SÉDE
BELO HORIZONTE
Av. Afonso Pena, 726
Caixa Postal, 144



FILIAL
RIO DE JANEIRO
Rua da Candelária, 4
Caixa Postal, 1679

AGÊNCIAS NOS ESTADOS DE MINAS E RIO DE JANEIRO E CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAIZ.
ENDEREÇO TELEGRAFICO: LAVOURA.



ADEUS, ROGÉRIO!

Conto de Harrison Brand

Não é fácil fugir do passado. Quando um homem diz que fechou um capítulo da sua vida esquece que, mais tarde, em novas aventuras, podem aparecer os mesmos personagens. Quando Rogério Murat completou trinta e oito anos esquecera completamente aquele namoro da adolescência. Entretanto, ele voltou, e renasceu, e criou forças maiores do que ele poderia imaginar.

Separara-se de Ivone, quando se cansara dela. Acontece isso tão frequentemente, entre namorados! Um rompimento não precisa ser brusco, nem violento. As visitas começam a espaçar-se. O telefone não responde, ou a criada recebe ordens de dizer que o patrão não está em casa. E um dia, quando menos se espera, é o silêncio. Nunca mais se vêem os antigos apaixonados. Há lágrimas, às vezes, sinceras ou de despeito, conforme o caso. Porém, em breve, o episódio vai juntar-se a muitos outros semelhantes e passa para o lado das recordações. Está terminado. Assim fôra com Ivone. Conheceram-se numa festa, como acontecera com muitas outras. Gostara dela. Era mocinha, linda, muito meiga. Começaram a andar juntos e o grupo de que eles faziam parte naturalmente associou os dois nomes. Convidava-se para as festas Ivone e Rogério. Os pais da menina começaram a olhar para ele com severidade. Mas, vendo que se tratava de um rapaz distinto, de boa família, com um belo futuro, dei-

xaram que os dois se aproximassem. E assim fôra, até certo dia. De repente, Rogério sentira-se enfastiado. Não havia razão para isso. Nenhum motivo evidente. E, no entanto, assim acontecera. Ivone, às vezes, conversava com ele, olhando-o muito atentamente, para não perder uma palavra do que ele dizia. Tinha um tal ar de fidelidade que parecia um cãozinho fiel ao ouvir as palavras de seu dono. Era estranho. Não conseguia conter ímpetos de cólera, de impaciência, diante da passividade dela. Acrescia que a moça não recebera outra educação além da que em geral recebem as jovens de boa família. E Rogério tinha ambições. Queria ser escritor. Estudara. Vivia em duas rodas. Uma, em que se divertia, era a roda da praia, do club, dos casinos. Outra a roda de intelectuais que se reunia na porta das livrarias para discutir esportes e os destinos da humanidade. Era gente que falava indiferentemente em Gide e em Joe Louis. Gente que chegava, tomava o livro recém-aparecido e tecia algumas considerações, para mostrar erudição e demonstrando veneno, depois passava a contar os últimos mexericos. Mas era incontestavelmente uma roda de nível intelectual superior. E Ivone, pobrezinha, conhecia Robert Taylor, Hedy Lamarr, mas nunca ouvira falar em Jean Giraudoux e seu conhecimento de música limitava-se a Artie Shaw e Ray Ventura. Dizia isso com toda a franqueza. E talvez

fosse essa uma das razões da exasperação de Rogério.

— Eu não entendo disso. Rogério é que sabe dessas coisas.

Dizia isso sempre. E ele, em vez de sentir-se lisongead, ficava impaciente. Queria que ela pudesse acompanhá-lo. Que a distância entre eles não fosse tão grande. Não a queria superior. A sua vaidade masculina não permitiria isso, nem ratificaria esse julgamento. Queria-a suficientemente inteligente e suficientemente culta para que ele pudesse discutir com ela, porém, suficientemente ignorante para que sempre o peso de seus argumentos a fizesse curvar-se, admirada. E a aceitação da sua superioridade, sem lutas, exasperava-o. Queria lutar e queria vencer. Nunca ser aceito sem discussão.

Separaram-se. Aos poucos, gradualmente, foram se afastando, até que um dia, um dos membros do grupo, não inteirado da separação, perguntou:

— Como vai Ivone?

E ele respondeu: — Não sei.

Passaram-se meses, anos e ele nunca mais ouviu falar de Ivone. Apaixonou-se por uma intelectual, uma escritora. Casaram-se. Não podia dizer que era feliz. A mulher em tudo demonstrava sua superioridade. Certo dia, em que ele, nem sabia mais a propósito de que, falara na filosofia de Croce, ela interrompera-o de repente:

— Você está fazendo discurso para bestificar ignorantes, Rogério. Tudo isso,

que você está dizendo aí, já foi dito e com muito mais propriedade.

Ele se exasperara:

— E o fato de eu concordar com a opinião dos outros impede-me de manter essa opinião?

— Não. Mas é positivamente ridículo, vê-lo defendê-la com uma agressividade que leva a crer que é ideia sua!

A todo o propósito, eles tinham discussões. E, em todas, ela mantinha aquele equilíbrio, aquela superioridade moral e intelectual que começava, por sua vez, a exasperá-lo. Ele se refugiava na convicção de que ela se afastava dele por que era fria e ela repetia que quem se afastava era ele e que a razão estava no fato dela compreendê-lo perfeitamente. Cada qual tem um ideal, que aspira atingir, e no seu íntimo sabe que não chegou aí, mas gosta de ser admirado como se fosse o que quer ser. Ele gostava de dar opinião, gostava de gozar de reputação de inteligência sensível, de esteta, de refinado, quando, na realidade, tinha um verniz de cultura e nada mais. Não era nem um erudito nem uma inteligência privilegiada. A esposa era lúcida e compreendia isso. Amava-o apesar de tudo, mas com um desprendimento singular. Tinha-lhe afeição, apesar de reconhecer-lhe os defeitos. E isso ele não podia perdoar. Ela o conhecia a fundo e ele queria ser misterioso, queria ser um grande homem.

(Continua na página 44)

UMA TARDE INESQUECIVEL



AO ALTO: Salgado Filho — Gerona, Vice-presidente do Urugua — Oswaldo Aranha — Herbert Moses — Getulio Vargas,
EM B AIXO: Roberto Seabra — Peixoto de Castro — Eduardo Seabra — Carlos Palhares.

GUE
VIRA

Tradição de alta elegância e requintado mundanismo, o Grande Prêmio Brasil repetiu, este ano, o sucesso dos anteriores. O prado da Gávea viveu uma de suas mais gloriosas tardes, e os cronistas dos diários já se incumbiram de estender, em largos comentários, apreciações sobre o brilho do **sweepstake**, com a proeza heroica de Albatroz, repetindo a **performance** de 43... Aqui estamos, porém, oferecendo aos leitores estas páginas magníficas de Guevara, o caricaturista que voltou ao nosso convívio e lá esteve, também, na grande tarde de 6 de Agosto, fixando estes esplêndidos flagrantes. Claro que não foi possível reuni-los, a todos, mas aqui estão alguns dos principais, com a personalidade do caricaturado e do caricaturista. Foi, realmente, uma tarde inesquecível, marcando um ponto alto de elegância na capital da República.



AO ALTO: Adhemar de Farias — Inah de Moraes e Carlos Novis — Juan Carlos Amoroso (de chapéu), criador uruguaio de Monterreal.
EM BAIXO: Moniz de Aragão e os irmãos Paula Machado, proprietários de Albatroz.

O ROMANCE

A reportagem que ficou incompleta — Satisfazendo a curiosidade de milhares de perguntas femininas — Ela é casada? — Por que Sagramor se entregou ao mister de dar conselhos? — Como apareceu a autora de "Problemas de sua vida" — A carta que não foi lida ao microfone — Mas um dia... — Noiva — E depois continuará a dar conselhos? — Os dramas vistos de perto — Lágrimas, suor, sangue.

Escreveu **CELESTINO SILVEIRA**
(Exclusivo para a REVISTA DA SEMANA)

às vezes vestindo irrepreensivelmente, outras aparecendo com a displicência de quem saiu de casa para visitar uma amiga ali na casa vizinha. E os primeiros informes a seu respeito surgiram: Sagramor Scuvero não era pseudônimo, mas nome verdadeiro; nascera em São Paulo e ali se iniciara no rádio, alguns anos antes. Na terra bandeirante fez os primeiros ensaios com o seu programa de confidências e o êxito não tardou; mas aqui no Rio o sucesso começou por surpreendê-la, a ela própria. Não é que São Paulo contasse um número inferior de "casos" sentimentais, mas talvez por lá exista menor vontade de fazer confidências. Não andam as românticas de Piratininga tão dispostas a contar seus segredinhos de alcova, a quem menos conhecem... Já as cariocas tem o seu *fraco* no desabafo. Sente-se, por aqui, uma vontade permanente de passar adiante o problema que nos atormenta a alma. E com maior facilidade se transmite o desabafo a quem se desconhece, que propriamente ao mais íntimo amigo... Pelo menos essa a conclusão que se pode tirar do sucesso alucinante desse programa de Sagramor. As cartas elevam-se em montanhas, enchem armários, dormem amarradas em pacotes de quinhentas ou mil, empilhadas num canto do escritório da confidente mais discreta que o mundo ainda conheceu... E assim ela surgiu, primeiro no rádio bandeirante, depois no carioca.

MAS UM DIA...

Um dia alguém perguntou: Sagramor é casada? Solteira? Que idade deve ter?

Não foi difícil satisfazer a curiosidade da primeira pergunta. Sagramor ainda não passou pela Pretoria nem subiu os degraus do altar. Em compensação, a rigor, não podemos afirmar quantos *janeiros* já viveu — ou sofreu. Mas temos elementos fundamentais para garantir que não passam de vinte e muito poucos.

Frequentes são os telefonemas e as cartas indiscretíssimas que nos chegam procurando aqueles esclarecimentos. Eles aí ficam, em letra de fôrma e de uma vez por todas. Será que outros telefonemas e outras cartas não de chegar-nos ainda?

Um dia — diziamos — houve quem suspeitasse de uma carta procurada ansiosamente entre as dezenas de outras que o distribuidor de correspondência, na estação, faz todas as manhãs. Quem trabalha no rádio distingue, à distância, as cartas que recebe e sabe separá-las com um simples golpe de vista. Se procuramos uma particular, ela salta por si mesma, impõe-se pelo talhe de letra no endereço, não fica anônima entre as outras. E Sagramor passou a investigar, em cada manhã, os maços de correspondência, pressurosa...

Todas as cartas podiam ser entregues à sua secretaria — menos aquela. Todas podiam ser devassadas pelo pessoal do seu gabinete de trabalho, arrastadas até o microfone, onde acabam lidas por um homem ou uma mulher, de acordo com a condição do sexo de quem a assinou. Mas aquela carta misteriosa ia ter, desde logo, às mãos umas vezes bem trabalhadas, outras esquecidas, de "dona Sagramor". ("Dona Sagramor" é o tratamento usual das consulentes.)

Era a carta especial, numero um, ímpar, diferente. Merecia um adjetivo, por força. E, no entanto, não foi lida vez alguma ao microfone, motivo por que as bisbilhoteiras, no corredor da Mayrink, entraram logo em curso. — "E' de um antigo apaixonado de São Paulo" — afirmavam os mais precipitados. — "Não é" — diziam outros. Trata-se de um doloroso caso... A moça quase morreu... O pai quiz matá-la, enforcado... E vinham ainda os que juravam, de pés juntos, não ser uma coisa nem outra, mas apenas uma obrigação religiosa... Sagramor, desiludida do mundo profano, saturada de tantos dramas íntimos, receando sofrer, ela mesma, provocações iguais, desejaria afastar-se do convívio geral, recolhendo-se a uma casa de religião.

Enquanto isso, a carta era ansiosamente reclamada, todas as manhãs e também à tarde, nos pacotes da correspondência. Quando aparecia, Sagramor suspirava, disfarçava, recolhia-se ao seu gabinete de serviço e quando voltava, meia hora depois, mostrava ainda os olhos húmidos. Positivamente, Sagramor chorava! E o motivo das lágrimas estava impresso naquela carta fatal, mas tão ambicionada...

Subito, Sagramor desaparece da circulação. Vae-a São Paulo e volta dois, três dias mais tarde. Os murmu-

HOME S TAMBEM POSSUEM "CASOS" DELICADOS, PROBLEMAS IMPORTANTES A RESOLVER. E APÉLAM PARA A MOÇA QUE MAIOR NUMERO DE SEGREDO CONHECE. SI ELA QUIZESSE DIVULGÁ-LOS... QUE PERIGO! MAS NÃO DIVULGA, NÃO. MULHERES DISCRETAS SÃO POUCAS, PORÉM, EXISTEM... NA GRAVURA, UM CAVALHEIRO QUE INTERROMPE O PROGRAMA DE SAGRAMOR PARA CONSULTÁ-LA. A QUE RESPEITO? MISTÉRIO, MISTÉRIO IMPENETRÁVEL...

AQUELA reportagem publicada semanas atrás, aqui na REVISTA, bordando comentários em torno de conhecido programa radiofônico onde são analisados "problemas da sua vida" — bem entendido, da vida dos ouvintes que realmente os possuem — saiu incompleta. Mas saiu propositalmente, convém explicar. O redator da entrevista alongou-se em considerações sobre as razões de ser desse cartaz do "broadcasting" carioca, falou dos dramas quotidianos, de mães que entregam os filhos, de casos de amor trágicos ou cômicos, de escândalos secretos e de um famoso fichário no qual existe verdadeiro índice de conflitos sentimentais. Mas o redator nada ou quase nada aludiu à pessoa que se incumbiu de apresentar ao microfone essas confissões íntimas — de Sagramor Scuvero. Afinal, quem é Sagramor Scuvero? De onde surgiu, mais ou menos bruscamente, esse nome não muito comum, instalando-se em uma emissora de rádio e dando todas as sextas-feiras, àquela hora certa, a sua "sabatina" de reprimendas e conselhos, de advertências e apelos à caridade pública? Por que essa moça — e seria realmente moça? — resolvera dedicar-se a tão singular trabalho? Era, em verdade, bonita? Qual o seu estado social? Que objetivo estaria preenchendo Sagramor, um nome discutidíssimo no Rio e fora do Rio, senhores? Sim, porque não falta quem se incumba de fazer restrições por conta própria: — "Ela dá conselhos esplendidos, resta saber si os põe em prática..." "Sendo moça, onde terá reunido tanto material de experiência?" E por aí adiante.

São essas as informações que o público mais ambiciona depois de conhecidas as atividades, nos bastidores do rádio, onde se põe em onda o programa das confidências femininas. E, si as mulheres em certos casos podem ser indiscretas, manda a verdade dizer, conhecem os mais reconditos escaminhos da discrição, e não só os conhecem, como sabe espô-los em prática. Senão, vejamos: Sagramor tem nos seus arquivos alguns milhares de "casos" romântico, mantidos indefinidamente em

segredo. Ninguém conseguiria arrancar-lhe um nome, um endereço. Quando a nossa reportagem cuidou da entrevista à qual nos reportamos acima, encontrou seu primeiro obstáculo na reserva de Sagramor, fazendo ela mesma a cópia de cada carta cuja publicação só nos autorizaria mediante o compromisso formal de modificar nomes e algarismos. Entretanto, quantos homens existem por aí capazes de manter o mesmo sigilo si lhes fosse confiada a responsabilidade de um programa radiofônico igual?

Bem. Talvez o sigilo aparecesse si o caso consistisse em dar conselhos aos ilustres representantes do nosso sexo. Porque a classe não é tão desunida quanto parece...

COMO APARECEU SAGRAMOR

Aquí no Rio, aconteceu há tres anos passados. Anteriormente, as estações de rádio cariocas ofereciam aos seus "fans", sem maior repercussão, os triviais programas femininos, com os infalíveis conselhos sobre arte culinária. Mas quando a Rádio Clube do Brasil mandou para o ar, pela primeira vez, a palavra daquela jovem paulista, num diapasão inquebrantável de ritmo e segurança, falando sem se exaltar, como quem está conversando em família, dando poucos conselhos de copa e cozinha mas orientando muitos corações e muitos cérebros que reclamavam esse amparo — houve quem procurasse, desde logo, conhecer a dona da voz. E o interesse aumentou quando a dona de uma voz bonita e de um nome esquisito — seria brasileira? — passou para a Mayrink, onde sua popularidade aumentou. Lá dentro, nós a conhecemos também. Por coincidência, o início de seus programas conselheiros e altamente moralistas — não é chapa, não senhores, é a verdade emitida pela voz dos seus "fans" inflamados — dava-se logo após o término de um programa nosso. E foi quando tivemos à nossa frente, também pela vez primeira, aquela moça morena, de olhos sem cór definida, o nariz largo, os lábios grossos,

DE SAGRAMOR

rios, a maledicência, reinam em abundância. Foi ver o missivista misterioso... Foi casar-se em segredo... Desta vez não voltará ao Rio...

E no entanto volta sempre. Porque em São Paulo reside a senhora Scuvero, mãe de Sagramor...

O FIO DO ROMANCE

Já foi esse ano que Sagramor Scuvero apareceu, pela primeira vez, ostentando no anelar da mão direita a aliança de compromisso matrimonial. E desde então sua fisionomia iluminou-se, ela viaja menos a São Paulo, comparece com maior assiduidade ao microfone, talvez esteja dando conselhos mais brandos às suas confidentes sentimentais... Não raro, enfeita-se como não costumava fazê-lo. Os companheiros, da rádio, espantam-se; mas quando sabem que ela está noiva voltam às suas obrigações rotineiras, dando de ombros. No fim de contas, nada mais natural que uma moça solteira pense em casamento. Mesmo quando ela tenha adquirido, no exercício de suas funções radiofônicas, o vulto de um mito, um "tabú" romântico...

E o noivo? Era o desenho mais interessante que o reporter buscava esclarecer. Trata-se de conhecido "oficial do mesmo ofício" — dizia nos uma fonte informativa. E ou'ra: E' um simpático e jovem expedicionário, já lutando nos campos de batalha europeus... — E a terceira: — Não será, acaso, um rapaz simpático, médico, já de nome feito e de larga clientela?

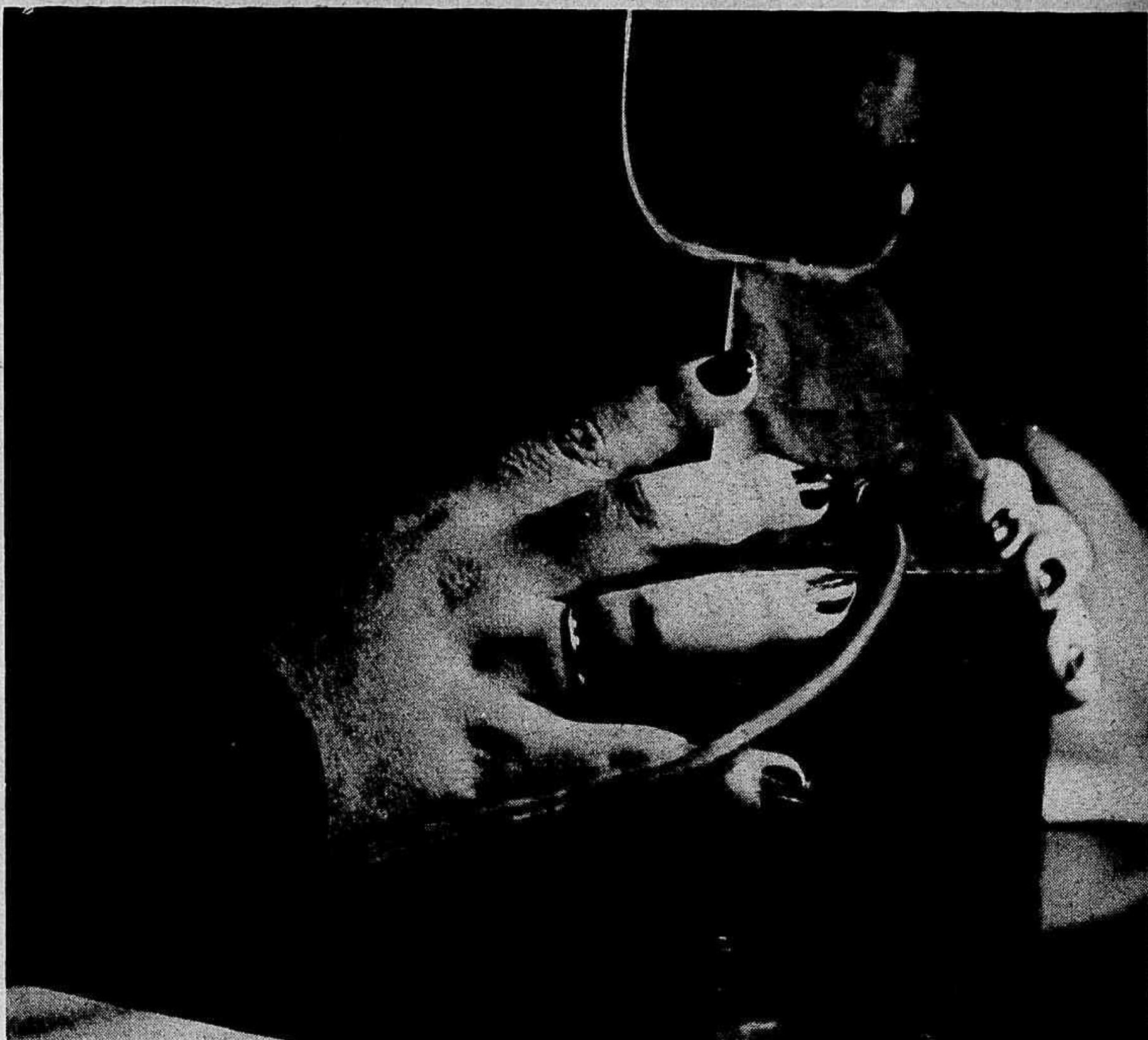
Francamente, não foi muito fácil tirar a limpo essa minúcia. A minúcia mais importante que tudo. O indiscutível era que Sagramor ficara noiva. De quem? Os companheiros da Mayrink caíam em contradições...

Mas houve quem nos desse a última palavra e essa foi confirmada: Sagramor está comprometida com o dr. Claudio Mancini, jovem médico e componente do "cast" de locutores da Rádio Tamoyo. Podem tomar nota as "fans"... E os "fans" também.

PARA BREVE O MATRIMONIO

Sabemos, enfim, outros detalhes do romance de Sagramor Scuvero. Ainda este ano, antes do Natal certamente, ela será levada ao altar pelo referido "speaker" e médico. Tudo está encaminhado nesse sentido.

— E depois do matrimônio? Pretende reencetar



O ANEL DE NOIVADO... POR INDISCREÇÃO DA OBJETIVA, ESTAMOS VENDO, NO "CLICHÉ", A MÃO DE SAGRAMOR OSTENTANDO NO DEDO ANULAR O SÍMBOLO DO COMPROMISSO MATRIMONIAL. E DESDE LÓO UM PENSAMENTO ASSALTA O ESPÍRITO DO LEITOR: QUANDO ELA SE CASAR, CONTINUARÁ AO MICROFONE, RESOLVENDO OS PROBLEMAS DE TERCEIROS OU IRÁ REVOLVER-SE À PAZ DO LAR, VIVENDO EXCLUSIVAMENTE PARA O MARIDO E PARA OS FILHOS?

CRIANÇAS, MAIS CRIANÇAS... ESSE GAROTINHO DE POUCAS SEMANAS, UM BONITO "COLORED" NO REGAÇO DE SAGRAMOR, JÁ FOI DADO A IMPORTANTE FAMÍLIA — UM CASAL SEM FILHOS. OS OUTROS DOIS, FORAM CONDUZIDOS À PRESENÇA DA LOCUTORA DOS "CASOS" ÍNTIMOS PARA ENCONTRAREM DESTINO IGUAL. SÃO PEQUENAS E HUMILDES CREATURINHAS QUE PRECISAM CONHECER A FELICIDADE, QUANDO CECEREM... E MUITAS A TEEM OBTIDO.



de face esquelética, olhos mortuos e ventre saliente, que foi naquele instante pedir amparo, não sabendo onde irá ter o quarto filho, é um exemplo. Ela ficou viúva há meio ano. Reside num quarto em casa-de-comodo, na Saúde. Os tres filhos passam fome. Não tem o que vestir.

A mulhersinha chora com estremecimentos do corpo inteiro. As mãos pendem-lhe. A fisionomia é de quem não almoça há dois dias. E Sagramor, por força, há de assimilar uma parcela, minima que seja, desse intenso drama, mera repetição de centenas de outros dramas iguais.

E aquele menino de olhar tão triste, melancolico, silencioso e quêdo, no canto da sala, esperando que o chamem para indagar-lhe nome e idade, parece um simbolo da desgraça humana traduzida e sintetizada numa criança. De onde vem? Por que está ali, senhores? Talvez o pai ou a mãe não queiram mantê-la em sua companhia ou não o possam fazer. Ela precisa um destino. E vai, é lo, porque Sagramor usará o microfone outra vez, fará apêlos aos que podem, aos que tem dinheiro e muitas vezes não tem filhos, pedindo alguma coisa de melhor para o inocente garoto.

Mas a vizinhança da dôr gera outras dôres. Certo, Sagramor tem de chorar porque as lagrimas foram geradas nessas cartas onde os mais pavorosos segredos se revelam. E quando se tem nos braços um recém-nascido, com a obrigação de encontrar quem o queira adotar — por força o reflexo da desgraça desse inocente há de fazer sentir-se.

Sagramor abre-se em confidencia, num momento oportuno:

— Si tivesse de dar conta da minha tarefa por incumbência de terceiros, só para fazer jús a um salário fixo, confesso que por menos de vinte ou trinta mil cruzeiros não assumiria tal responsabilidade.

ELA É MILITANTE NO EXERCITO DE SALVAÇÃO. FOI AO RÁDIO PARA SOLICITAR AMPARO A DIVERSAS CRIANÇAS QUE ESSA ORGANIZAÇÃO TEM SOB SEU CUIDADO. NÃO HA DISTINÇÃO DE CREDO NEM RELIGIÕES. O OBJETIVO DE SAGRAMOR CONSISTE EM AJUDAR SEJA A QUEM FOR, CATOLICOS OU PROTESTANTES, ESPIRITAS OU ORTODOXOS.

suas atividades no rádio ou vai recolher-se á santa paz do lar?

Ela sorri. Seu olhar parece querer decifrar o mistério:

— Quem sabe? Depois veremos...

E' tudo quanto conseguimos arrancar-lhe. E a incognita permanece... Sagramor irá privar as outras mulheres dos seus conselhos sobre os dramas intimos? Si o fizer, quem poderá substitui-la?

Ao nosso lado, quando pr curamos interpela-la a respeito, alguém nos adverte dos perigos desta reportagem:

— Mas você não vai contar coisa alguma na Revista, pois não? Estamos falando entre companheiros de serviço...

Claro que respondemos pela afirmativa. Perdô-nos Sagramor, ela não sabe o compromisso que assumimos com os leitores quando daqui foi divulgada a reportagem anterior. Dezenas de cartas e telefonemas continuaram chovendo:

— Os "Problemas da sua vida", nós conhecemos através do rádio... Mas desejariamos conhecer o problema de Sagramor...

Esse o que estamos procurando decifrar nestas páginas. E se a indiscreção desagradar a Sagramor, ela que se contente meditando que as mulheres sabem muito melhor guardar um segredo. Sagramor, pelo menos, guarda alguns milhares deles...

MAS AS LAGRIMAS CONTINUAM!

Assim mesmo, feliz com o noivado, não se perturbando mais com as sortidas a São Paulo em visita a mãe, sem se apegar ao telefone nem rebuscando os maços de correspondência, Sagramor sofre. Nós a encontramos frequentemente lacrimosa, mas contendo o seu drama interior. Que drama? — indagamos nós também. E conosco, o leitor, é certo...

Talvez o sofrimento alheio seja o reflexo dessas lagrimas. Não é impunemente que se vive em contacto tão assiduo com a dôr de terceiros. Nós mesmos, quando procuramos reunir cabedal para esta reportagem feita "como quem não quer", talvez contrariando os bons desejos da confidente mais procurada, deparamos com alguns dolorosos exemplos de miséria humana. Aquela pobre mulher, desfigurada, visivelmente sub-alimentada,

E NO AUDITORIO AS OUVINTES, QUE TAMBEM QUEREM "VÊR", ESPALHAM-SE Á VONTADE, OCUPANDO OS LUGARES DOS MUSICOS, MAS NAS ESTANTES DA ESTAÇÃO. AS FISIONOMIAS PARECEM TRADUZIR OS ESTADOS INTIMOS DE ALGUMAS. HA QUEM VÁ SOLICITAR AUXILIO MATERIAL OU SIMPLES E NÃO MENOS PRECIOSA AJUDA ESPIRITUAL. HA DE TUDO.



A CARTA QUE SAGRAMOR NÃO LEU AO MICROFONE — E QUE A FÊZ DERRAMAR LAGRIMAS, TRAIÇOEINAMENTE FIXADAS PELA OBJETIVA... CHEGOU EM MEIO A DEZENA DE OUTRAS CARTAS. QUAL SERIA O SEU CONTEUDO? UM DRAMA AO QUAL A LOCUTORA FICASSE ALHEIA? OU — QUEM SABE — UM ROMANCE BONITO, CUJA PROTAGONISTA SEJA ELA MESMA?!

— Aproxima-se da desgraça alheia, então, espontaneamente?

Ela meneia a cabeça:

— Talvez por determinismo, quem sabe? Sinto-me bem junto dos que sofrem. Gosto das crianças. Lá em casa, ás vezes, reúnem-se tres, quatro, meia duzia... Passam semanas. Arranjo quem os leve. Legaliso as situações junto do Juizo de Menores. Descubro pais que não tem filhos e dou-lhes filhos que o destino lhes tem negado... E tudo acaba certo, sabe?

— E o segredo das lagrimas, Sagramor?

Ela sorri. Já?

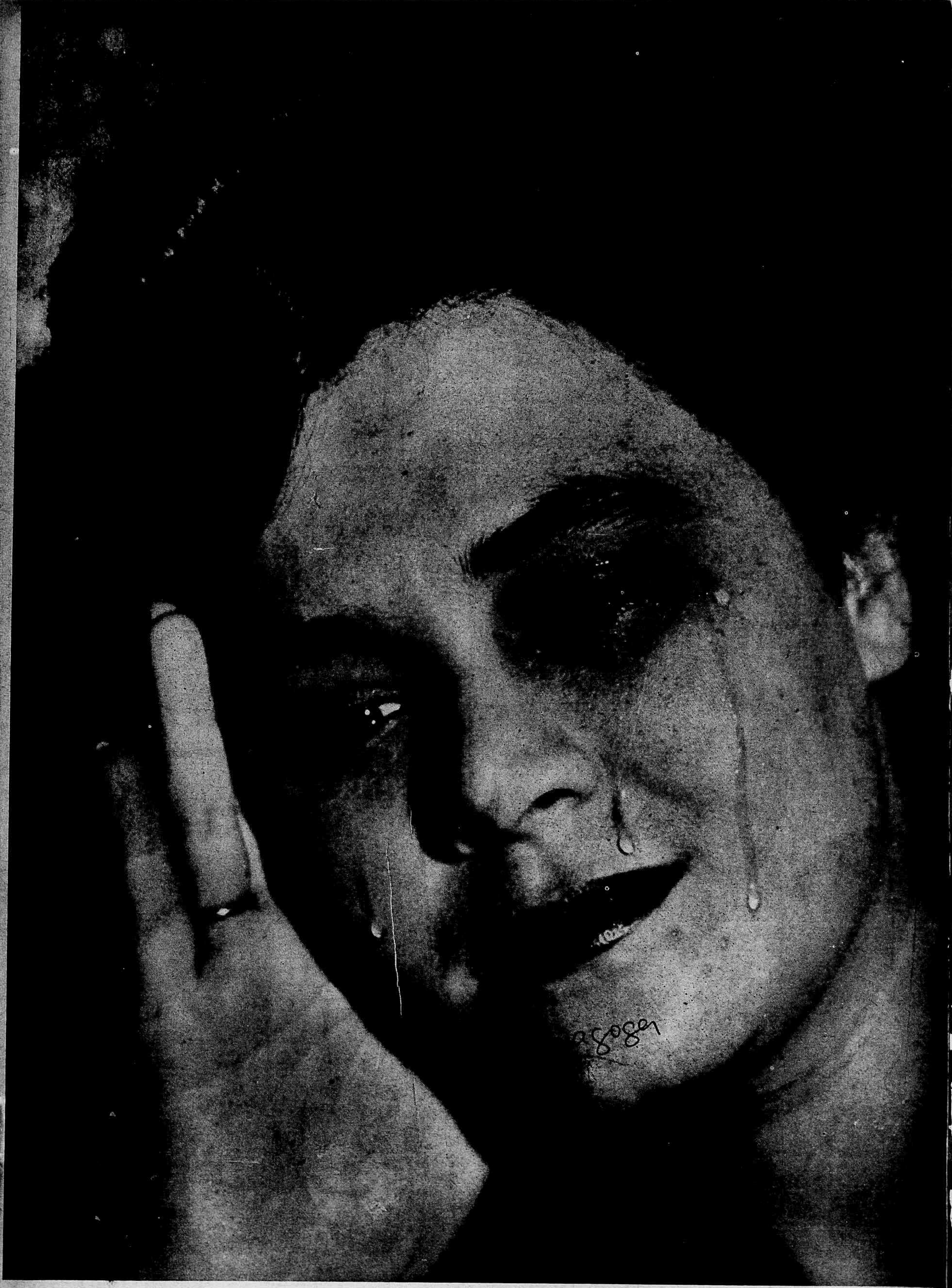
— Está vendo? Já secaram... Lagrimas não ficam. Passam.

Mas o mistério permanece.

Conclusões a tirar desse ligeiro estudo sobre o "romance de Sagramor": Esse romance existe. E' um drama? Ou um simples entre-ato? Irá talvez solucionar-se com o casamento... E, se viér mesmo o casamento, quem poderá substituir a locutora das confidencias de cada sexta-feira? A voz quieta, bem modulada, o improviso equilibrado e justo, no intervalo do "fundo musical"...

— Minha amiga... Saiba reagir... Vá trabalhar... Não pense em desviar-se da trilha do bem... Não se entregue ao sofrimento... E aprenda a sentir a utilidade do tempo... Trabalhe, leia, faça o que quiser, mas evite a queda fatal...

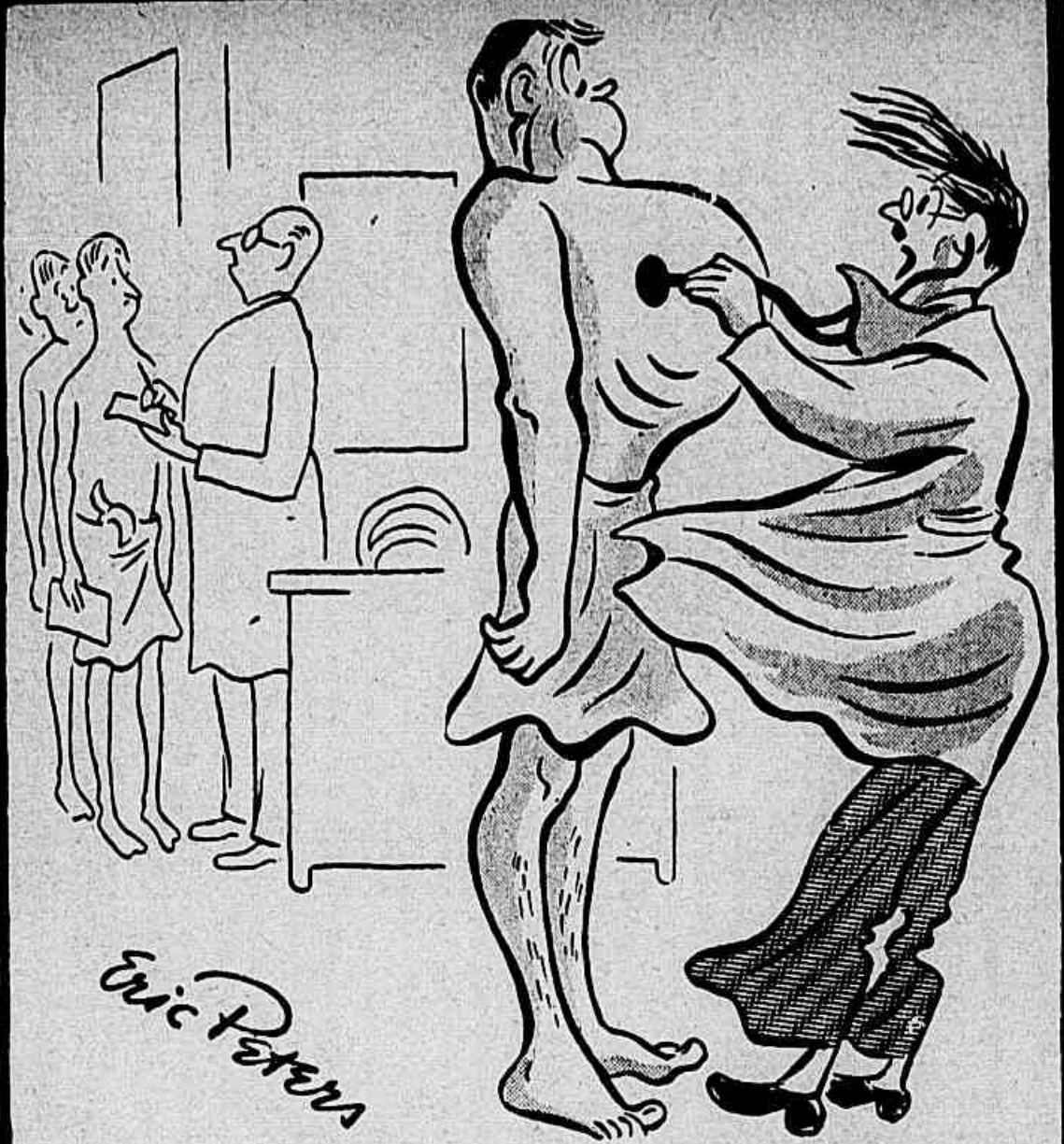




SAGRAMOR CHOROU. SUA FISIONOMIA COBRIU-SE DE EMOÇÃO. A FACE DIREITA APOIU-SE NA PALMA DA MÃO QUE DEIXAVA À MOSTRA O ARO DO ANEL DE NOIVA. E AS LAGRIMAS DESLISARAM, DOS OLHOS ÚMIDOS... ELA NEM PERCEBEU QUE O FOTOGRAFO, A POSTOS. PREPARAVA O MAGNÉSIO. NEM PESTANEJOU, SIQUER. A CARTA QUE NÃO FOI LIDA AO MICROFONE, AMARFANHADA NA MÃO ESQUERDA, TALVEZ PUDESSE TRADUZIR O SEGREDO DESSAS LAGRIMAS... QUE SOFRIMENTO SERIA O DA MULHER QUE MAIOR SOMA DE SEGREDOS FEMININOS CONHECE?!



— Devo elogiar o espírito de colaboração de seus homens, sargento.

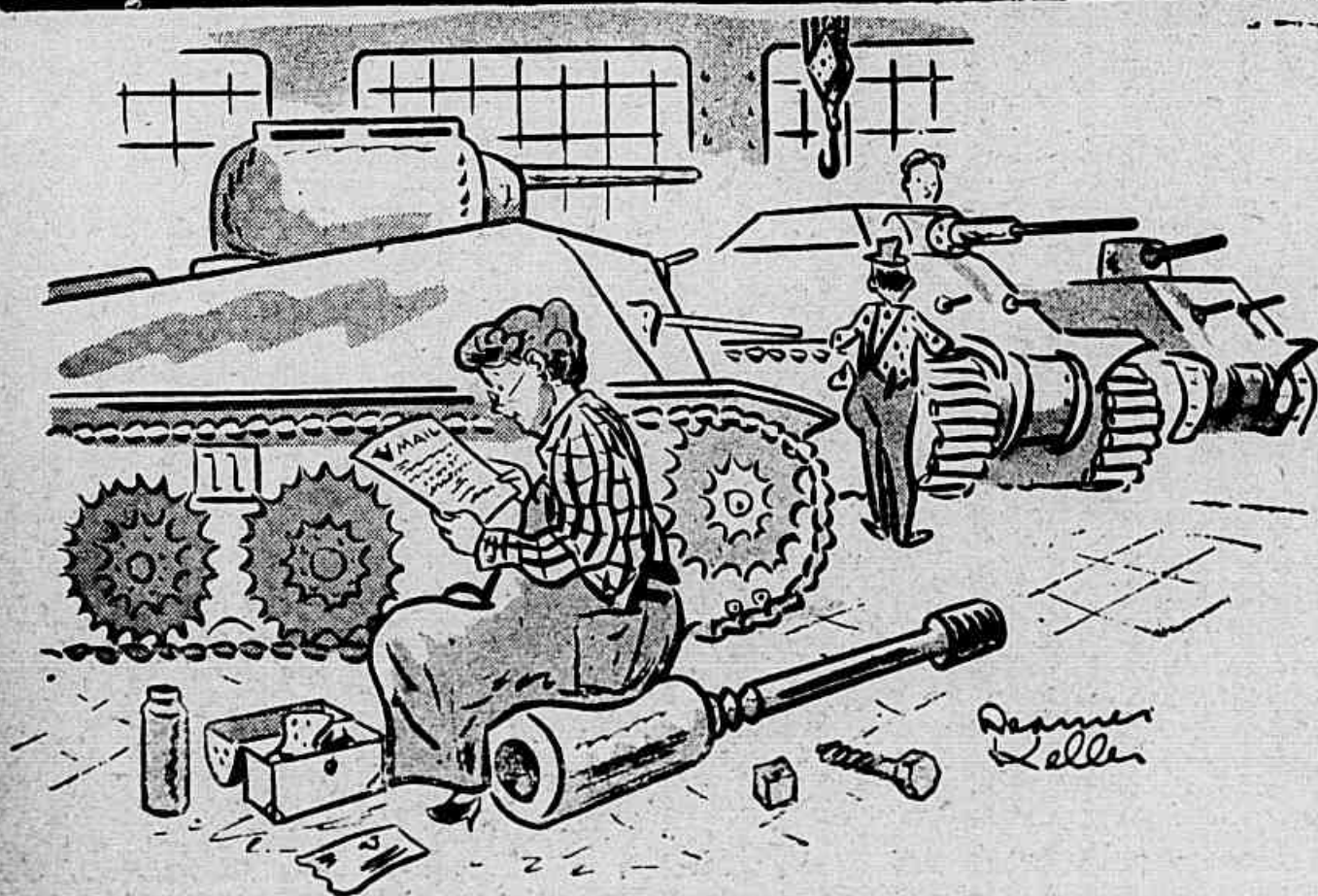


— Agora, com muito cuidado, expire.



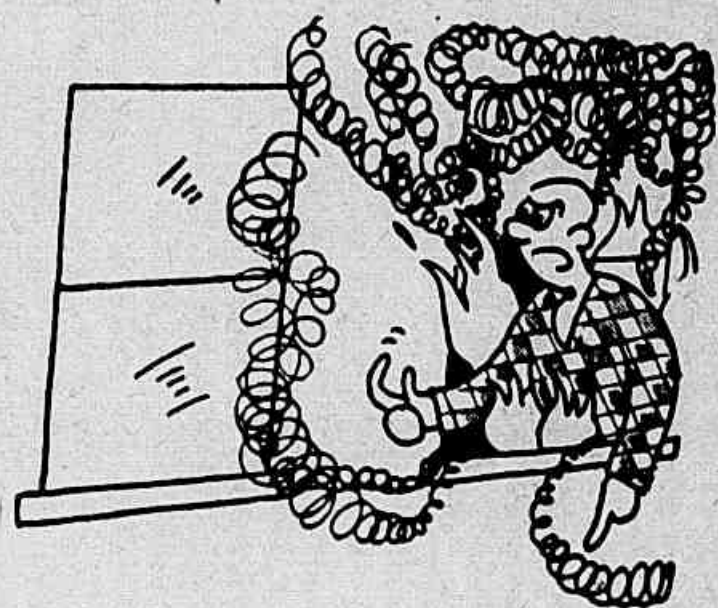
— Acharam muita graça quando mandei colocá-la aí. Agora estão vendo como é uma coisa rara.

de bom HUMOR



— "Querida mamãe: gostaria de falar-te sobre os nossos novos tanques, mas infelizmente isto é um segredo militar".

-ALI-





NOS BASTIDORES FEMININOS

RITA HAYWORTH (da Columbia).

A MULHER NA MUSICA CLASSICA

Um musico é tambem um poeta, disse Beethoven. Que poesia pode ser mais intensa, profunda, maravilhosa do que a musica, que é o ritmo e a voz da Harmonia divina e singular dos sons que enchem o mundo e sobem a Deus?

E, assim sendo, qual poderia ser a maior inspiradora além da mulher, centro vital do amor, e o amor, centro vital do Universo!

A emoção estetica é uma comunhão perfeita do ser humano com o supraterrano.

A *Sonata ao Luar* é uma pagina de romance triste, o amor desventurado de Beethoven por Julieta Guicciardi; nela o poeta-musical pincela em harmonias o perfil formoso e suave de sua amada no *Scherzo* e depois expande sua dor sem remedio num adeus de morte no *Final*.

A lamentação de "Margarida au Rouet" é um lied inspirado na obra de Goethe e diz da saudade dolorosa da loura Margarida, que chora pungente a partida de Fausto, e lembra os dias felizes, e sonha na casa silenciosa e triste.

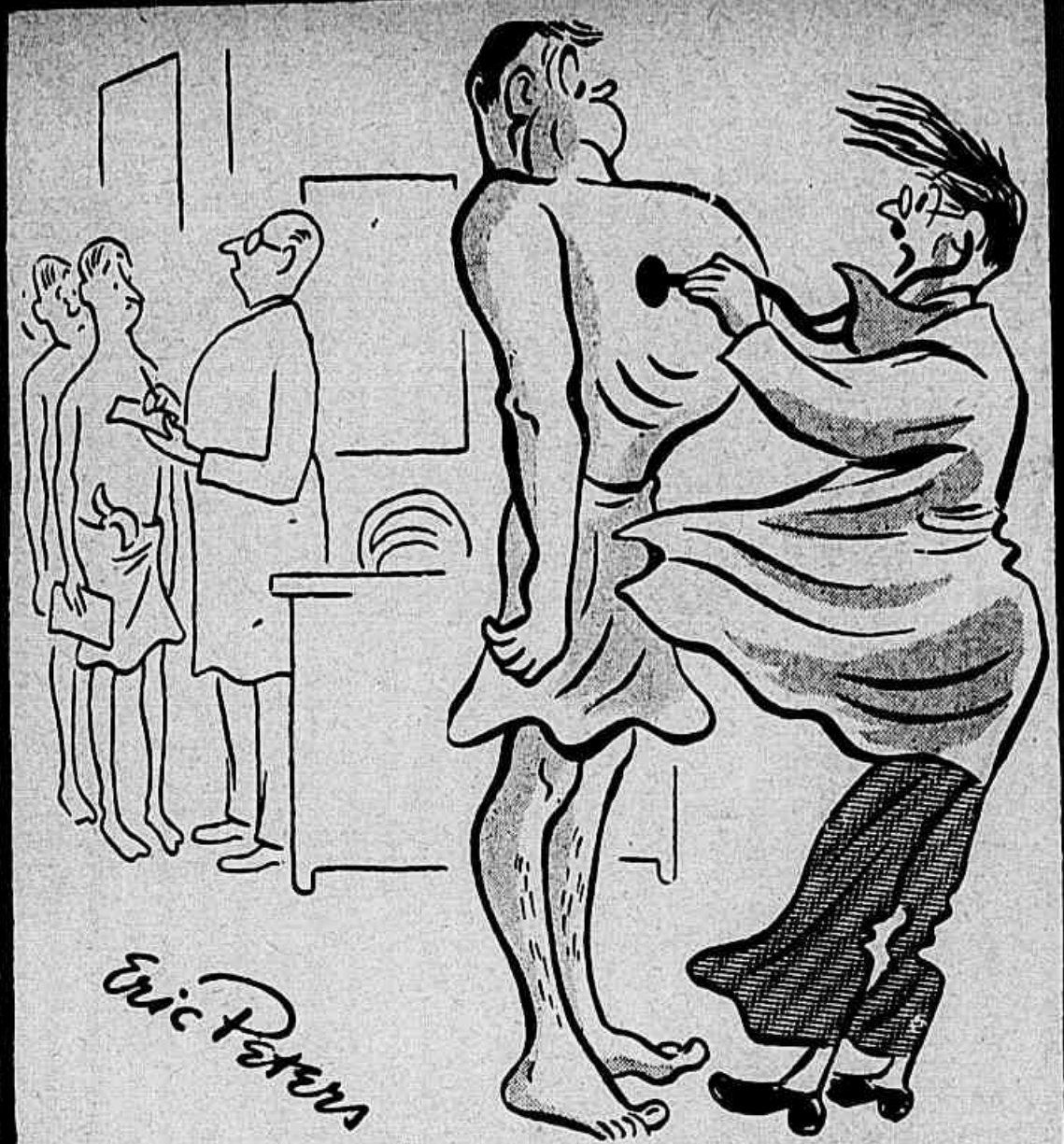
E o *Neturno* em sol maior n.º 2 de Chopin, o mais apaixonado talvez dos liricos da harmonia, é terno e jovial; fala de sua estadia em Nohant o castelo de George Sand. Depois vem o preludio frio das lagrimas que caíam doridas sobre seu coração, como as bátegas de chuva sobre o telhado da "Chartreuse". E' um episodio do amor atormentado de sua vida desesperada.

E' o preludio em *si menor*, no mosteiro de Valdemosa. O n.º 17, *la bemol maior*, de uma ternura e de uma delicadeza envolvente, Cortot batizou com este verso "Elle m'a écrit Je t'aime."

VALLEY



— Devo elogiar o espírito de colaboração de seus homens, sargento.



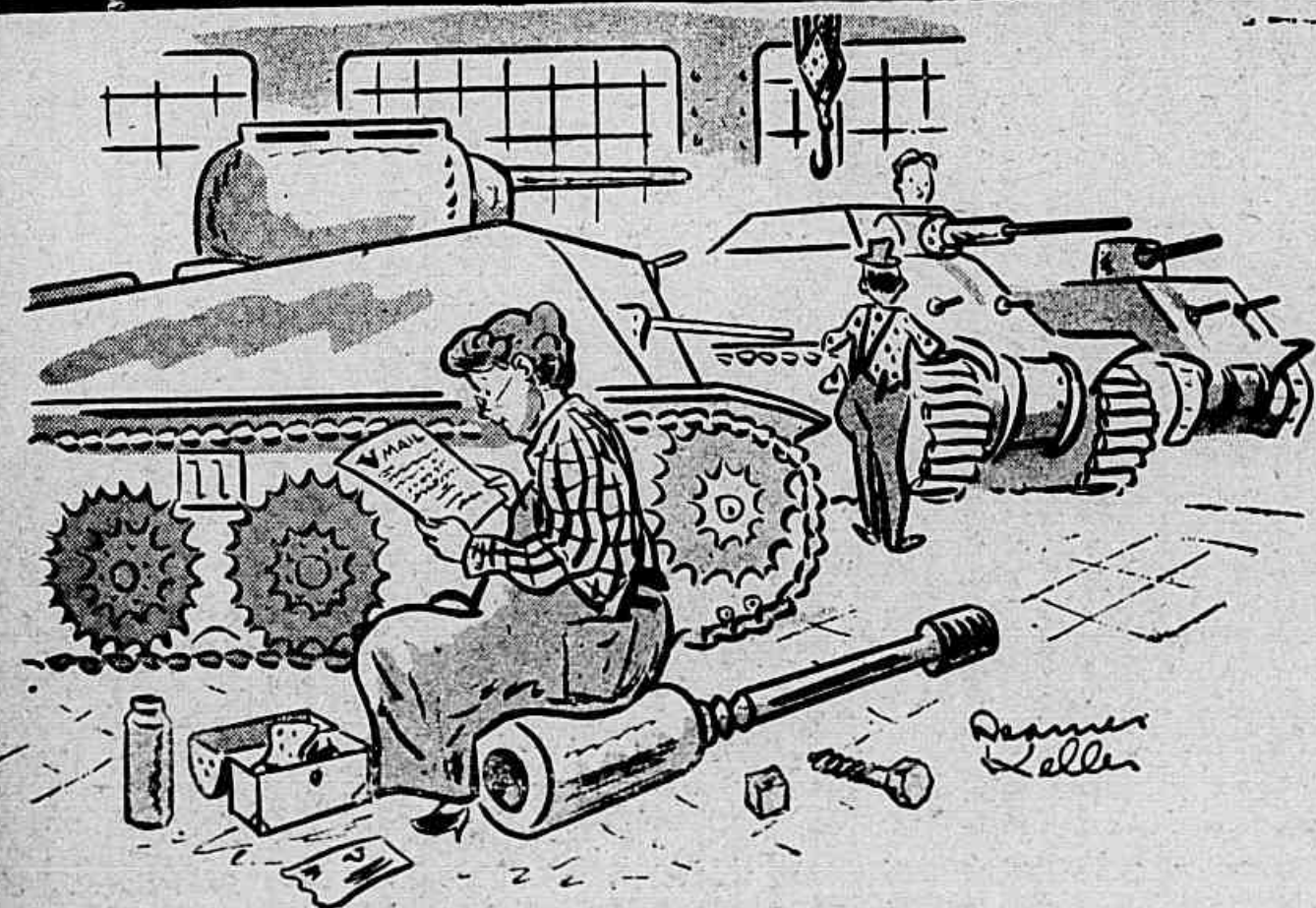
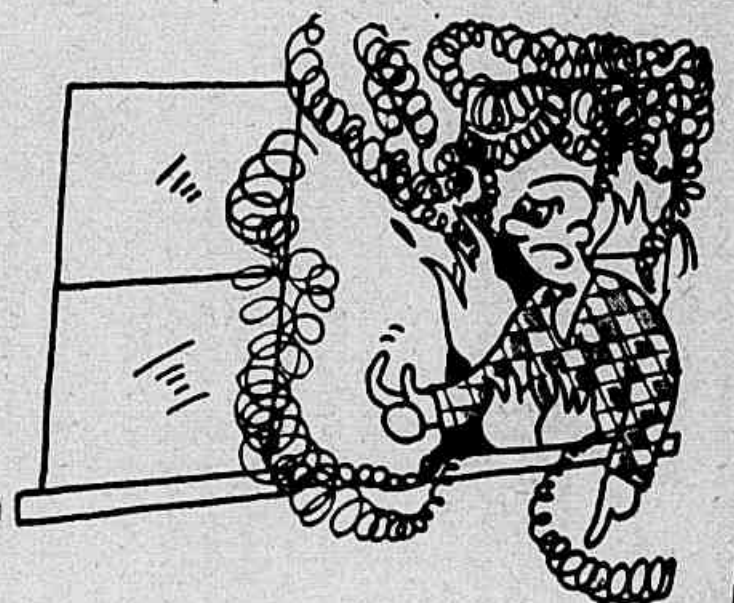
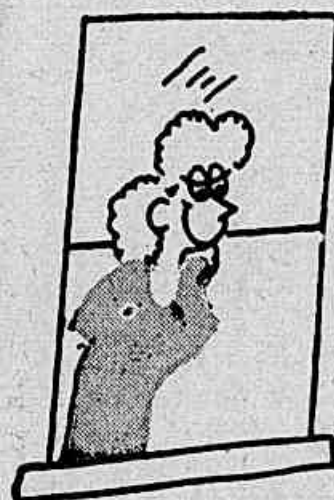
— Agora, com muito cuidado, expire.



— Acharam muita graça quando mandei colocá-la aí. Agora estão vendo como é uma coisa rara.

de bom HUMOR

-ALI-



— "Querida mamãe: gostaria de falar-te sobre os nossos novos tanques, mas infelizmente isto é um segredo militar".





NOS BASTIDORES FEMININOS

RITA HAYWORTH (da Columbia).

A MULHER NA MUSICA CLASSICA

Um músico é também um poeta, disse Beethoven. Que poesia pode ser mais intensa, profunda, maravilhosa do que a música, que é o ritmo e a voz da Harmonia divina e singular dos sons que enchem o mundo e sobem a Deus?

E, assim sendo, qual poderia ser a maior inspiradora além da mulher, centro vital do amor, e o amor, centro vital do Universo!

A emoção estética é uma comunhão perfeita do ser humano com o supraterrâneo.

A *Sonata ao Luar* é uma página de romance triste, o amor desventurado de Beethoven por Julieta Guicciardi; nela o poeta-musical pincela em harmonias o perfil formoso e suave de sua amada no *Scherzo* e depois expande sua dor sem remédio num adeus de morte no *Final*.

A lamentação de "Margarida au Rouet" é um lied inspirado na obra de Goethe e diz da saudade dolorosa da loura Margarida, que chora pungente a partida de Fausto, e lembra os dias felizes, e sonha na casa silenciosa e triste.

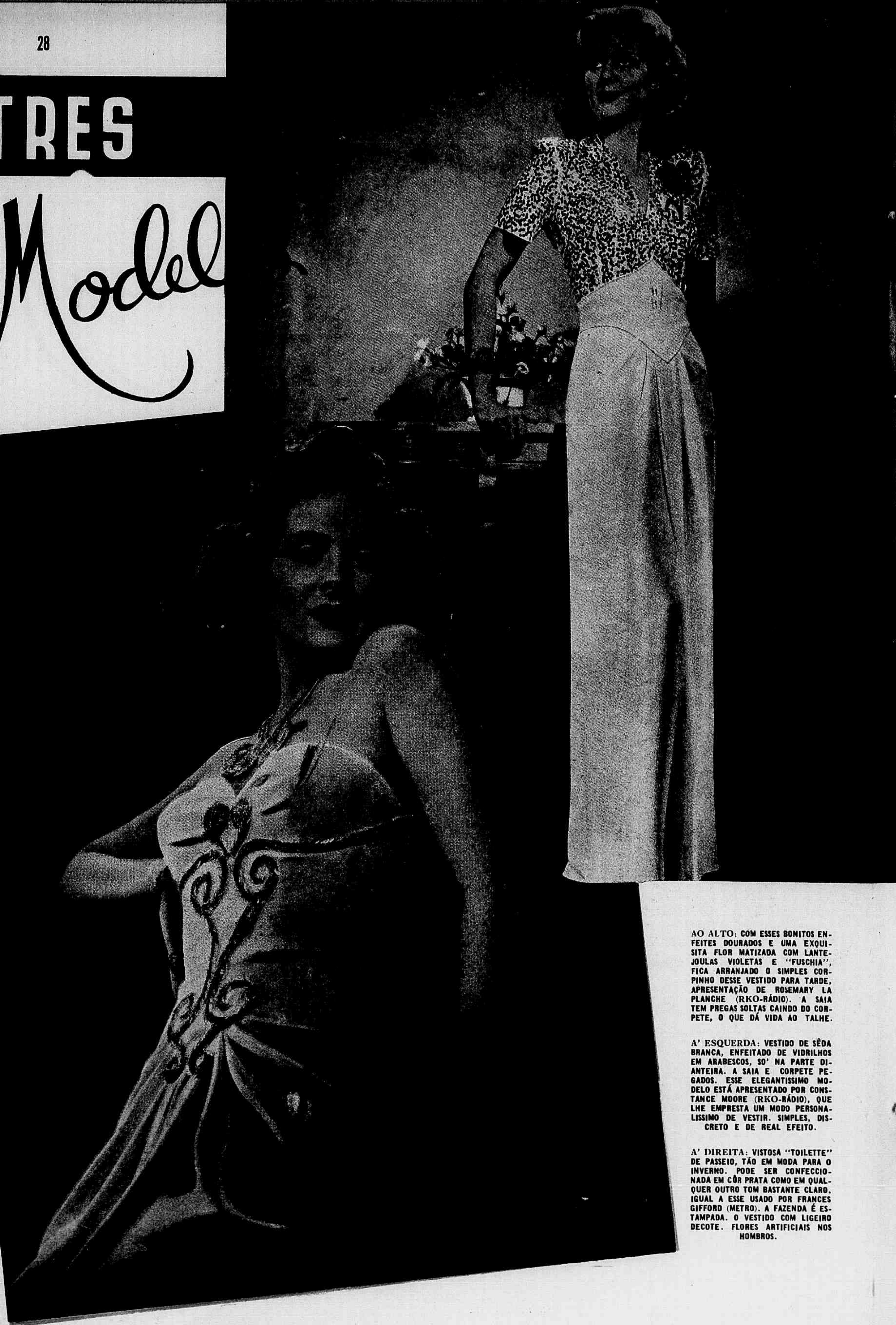
E o *Noturno* em sol maior n.º 2 de Chopin, o mais apaixonado talvez dos líricos da harmonia, é terno e jovial; fala de sua estadia em Nohant o castelo de George Sand. Depois vem o prelúdio frio das lágrimas que caíam doridas sobre seu coração, como as bátegas de chuva sobre o telhado da "Chartreuse". É um episódio do amor atormentado de sua vida desesperada.

É o prelúdio em *si menor*, no mosteiro de Valdemosa. O n.º 17, *la bemol maior*, de uma ternura e de uma delicadeza envolvente, Cortot batizou com este verso "Elle m'a écrit Je t'aime."

VALLEY

TRES

Model



AO ALTO: COM ESSES BONITOS ENFEITES DOURADOS E UMA EXQUISITA FLOR MATIZADA COM LANTEJULAS VIOLETAS E "FUSCHIA", FICA ARRANJADO O SIMPLES CORPINHO DESSE VESTIDO PARA TARDE, APRESENTAÇÃO DE ROSEMARY LA PLANCHE (RKO-RÁDIO). A SAIA TEM PREGAS SOLTAS CAINDO DO CORPETE, O QUE DÁ VIDA AO TALHE.

A' ESQUERDA: VESTIDO DE SEDA BRANCA, ENFEITADO DE VIDRILHOS EM ARABESCOS, SO' NA PARTE DIANTEIRA. A SAIA E CORPETE PEGADOS. ESSE ELEGANTÍSSIMO MODELO ESTÁ APRESENTADO POR CONSTANCE MOORE (RKO-RÁDIO), QUE LHE EMPRESTA UM MODO PERSONALÍSSIMO DE VESTIR. SIMPLES, DISCRETO E DE REAL EFEITO.

A' DIREITA: VISTOSA "TOILETTE" DE PASSEIO, TÃO EM MODA PARA O INVERNO. PODE SER CONFECCIONADA EM CÔR PRATA COMO EM QUALQUER OUTRO TOM BASTANTE CLARO. IGUAL A ESSE USADO POR FRANCES GIFFORD (METRO). A FAZENDA É ESTAMPADA. O VESTIDO COM LIGEIRO DECOTE. FLORES ARTIFICIAIS NOS HOMBROS.

Lina. Cabelo era al'. Nunca ví igual nem nunca mais hei de vêr. E tanto tinha de bonita como de bôa. Foi um chôro de fazer pena por esses ranchos quando ela morreu, coitada! A cabrocha acrescentou em tom plangente:

— Ainda hoje se chora.

— Ainda hoje! E os caboclos confirmaram em acenos compadecidos.

— Nhô Pires — era ele, a mulher e um filhinho, louro, que nem inglês — querendo aproveitar a terra, foi à vila Velha e ajustou camaradas, gente destorcida p'r'o serviço. Penador veio no bando. O nome dele é Seraphim. Môço, bôa cara, bôas maneiras e vivo na enxada que era um gôsto. Foi logo ganhando a estima dos patrões e merecia, isso merecia. Não havia outro como ele para roçar um mato, para cavar um azeiro, para derribar uma árvore. Braço valente! Nhô Pires não cabia em si de contente. Vosmecê lembra, capitão? Só falava do sítio, da sua gente, das plantações, da colheita e já pensava em comprar mais terras para emendar com as dele, quando, uma manhã, nhá Lina acordou gemendo e gemido foi esse que, de tardinha, seu vigário estava entrando no sítio com o Santíssimo e, no abrir da lua, a alma da môça subia para o céu, com os anjos. O que foi essa morte nem eu sei contar. A casa ficou fechada e nhô Pires, escaveirado, chorava que nem criança. Sa a de noite pelos caminhos, a beirar o cemitério e a gente ouvia o chôro dele, triste, triste de cortar o coração mais duro. Nem bem havia passado de um mês quando o pequeno caíu com febre.

— Eh! — sangue, rosnaram com terror. Redomão olhou em volta e prosseguiu:

— Nhô Pires fez tudo: mandou longe buscar um doutor, mas qual! a criança ia acabando devagarinho. Que remédio? Penador estava no sítio cavando e, de noite, com pena, ia ficar com nhô Pires perto do curumin. Lá foi! Que dôr, minha Mãe do céu. Nhô Pires, coitado!... Enfim... Ficou só e o Penador na terra, trabalhando, e o sangue do Penador fazendo ingratitude. Nhô Pires não podia adivinhar. O tempo correu levando a tristeza e o môço, coitado! entrou no trabalho com a sua gente. Era desde o amanhecer até as Ave Marias um malhar de ferro numa toada, todo o mundo vergando a espinha, suando no duro e a terra... pr'a trás! Nhô Pires semeava, o sol matava a semente; tornava a semear, a chuva varria tudo. Vosmecê já viu a terra adoece? pois adoece que nem gente. O Frutal ficou em petição de miséria. A v'd de nhô Pires desandava, desandava mesmo e tanto ele sofreu, tanto perdeu que, uma manhã, sem fazer conta do prejuízo, vendeu o sítio a nhô Barreiros. Foi depois do negócio que nhá Malvina — Deus lhe fale alma! — disse a razão da desgraça. Nhá Malvina conhecia gente de mau sangue pelo azedume do suor e foi ponto passar uma vez perto da Penador para ver que ele era dos tais. O mal estava feito. Nhô Pires montou a cavalo e desapareceu e, até hoje, ninguém sabe dele. Nhô Barreiros tomou conta do sítio, despediu o Penador e, sem despeza maior, em pouco tempo botou aquilo que nem um brinco. Penador ganhou o mundo, trabalhando onde topava que fazer. Mas era ponto pôr a mão numa coisa, fôsse o que fôsse, era aquela certeza. Serviu nas obras da ponte nova e aconteceu o que aconteceu. Entrou no campeiro no Monte Alegre e deu uma peste no gado que foi mesmo um despropósito. Ganhou fama! Hoje não ha quem não conheça o Penador, ninguém quer saber dele, nem de graça. A gente tem pena, mas que ha de fazer? Se ele, de noite, com fome, entra numa roça e furta uma espiga de milho, o milharal amanhece praguejado. Libanio adiantou-se e, estendendo o braço na direção do cerro, disse:

— Olhe, ali havia uma fonte, a água melhor deste lugar, o danado bebeu... Que é dela? Ficaram as pedras por muito favor. Pior que raio!

— E como vive essa criatura? perguntou o velho.

— Sei lá! exclamou Libanio, com ódio. A cabrocha explicou, sempre amarrada:

— E' o cachorro.

— Que cachorro?

— Um tihoso que anda sempre com ele. E' ele que dá tudo.

— O cachorro?

— Cachorro... O diabo é que é. O velho sorriu.

— Vosmecê não acredita? bradou Redomão. Pois olhe, ele está pertinho d'aqui, debaixo do umbuseiro. Se vosmecê quer vêr sua vida virar duma vez vá ter com ele, lá.

Nesse momento uma voz de criança bradou da estrada: "Olha o Penador!" Outras vozes cresceram: "Mofino! Penador!" Os caboclos levantaram-se em alvoroço, alarmados; saltaram á estrada. O velho seguiu-os. Libanio correu ao negócio e voltou empunhando uma garrucha de dois canos.

O sol ardia. As árvores imóveis, muito lustrosas, cintilavam. Dos capins amolecidos subia um cheiro quente de silvas queimadas e a estrada amarela, pontada, estendia-se por entre o macegal.

Um homem esfarrapado, descalço, barba farta e inculta, um velho chapéu de palha enterrado na cabeça, com um cão no rastro, vinha vindo lentamente, vergado como a um grande pêso. Por vezes cambaleava e a sua sombra tremia ao sol. O velho olhava, com a mão em pala, e a cabrocha, que tirava um rosário do seio, repassava as contas, murmurando exorcismos.

— E' ele!

— E'!

Houve um silêncio de hesitação. O homem avançava numa nuvem de poeira fina, e luminosa como um halo. De instante a instante parava, virando, revirando a cabeça como á procura de alguma coisa. O cão metia-se nos matos, farejando, saía á estrada, sempre de focinho baixo, em farisco aqui, ali. De repente Libanio adiantou-se com arrogancia, empunhando a garrucha engatilhada:

— Volta! Volta p'ra trás, Penador, sinão vai bala!

— Volta, desgraçado; intimidaram os caboclos. O homem estacou, esteve a olhar, sem o mais leve movimento, hirtó ao sol.

(Continua na página 52)



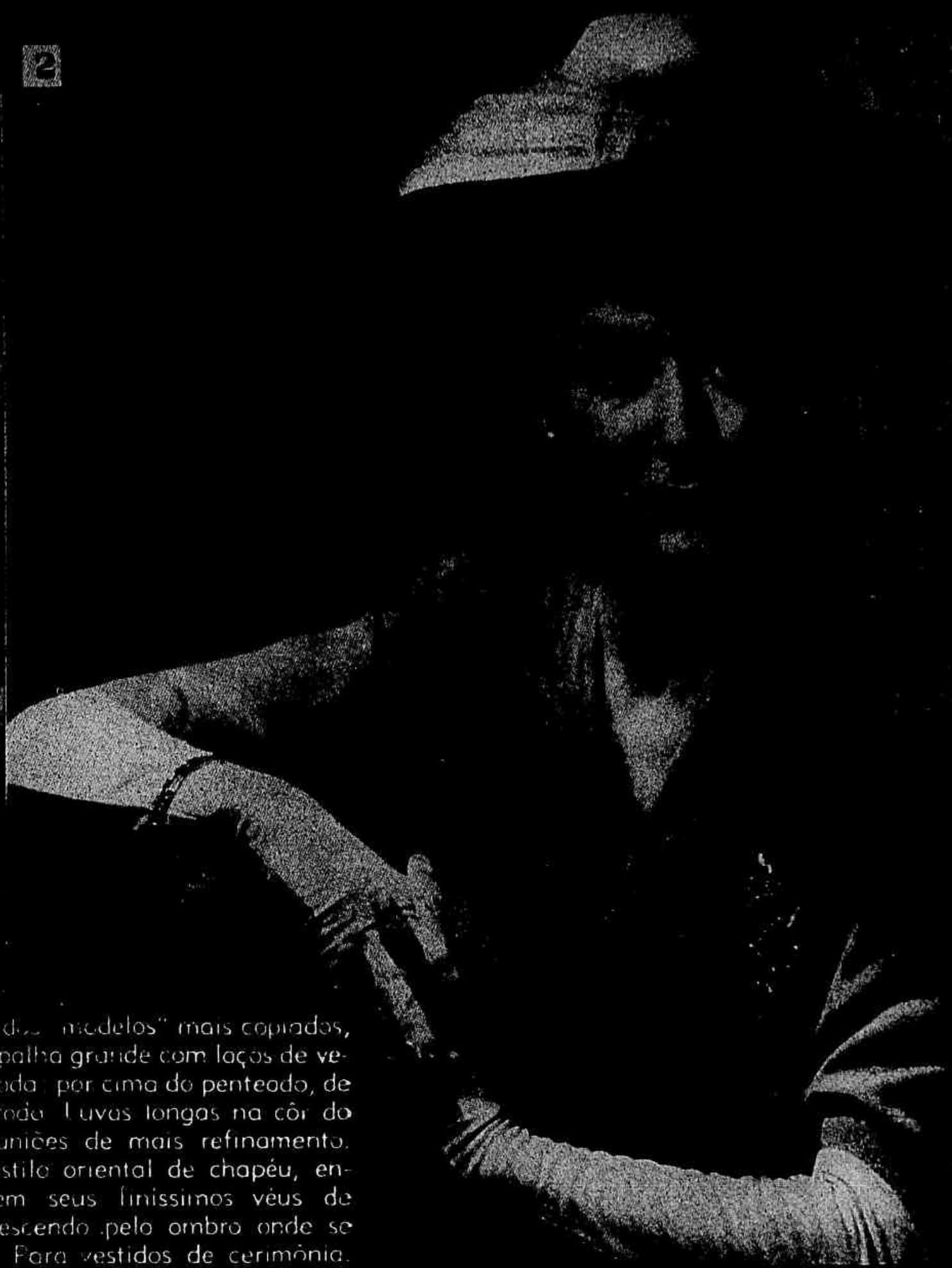


O verão de 1944-45 parece destinado a revolucionar Copacabana e adjacências. Novos modelos de roupas destinadas á praia devem ser lançados, a exemplo do que aconteceu nos anos anteriores. Este ano, porém, as sugestões mandadas por Hollywood revelam um golpe de audácia muito mais acentuado. De início observa-se, pelas apresentações destas páginas, absoluta supressão das alças, fazendo que os "maillots" sejam aderidos ao busto por meio de elasticos e barbatanas invisíveis, tal como acontece nos mais novos figurinos de trajes de baile. Podemos argumentar que essas pequenas da RKO-Rádio Pictures tenham vestido tão arrojados "maillots" com o simples proposito de posar para os fotografos, mas também das vezes anteriores o mesmo aconteceu e os modelos acabaram sendo copiados ao natural, sem preocupações de pôses diante das "kodaks", mas com as suas bonitas donas mergulhando, placidamente, nas aguas acariciantes do Posto Dois...

Os modelos espalhados nesta página, são de ilustres desconhecidas. Simples revelações, projetos de "estrelas" para os dias vindouros, mas, por enquan-

to, destituídas de interesse e sem que seus nomes venham ter ao nosso conhecimento. Amanhã, aqui mesmo poderemos estar destinando páginas inteiras a qualquer dessas louras e morenas, realçando seus predicados de comediante e apontando os papeis famosos em que se tenham celebrizado, mesmo transitoriamente, como tudo que acontece no cinema. Hoje, entretanto, não sabemos quem sejam nem como se chamam. Quando muito, podemos assegurar que são donas de predicados de beleza extraordinarios. Conhecem os segredos de aparecer em publico, de vestir — ou despir — com elegancia e "espiritualidade"... Um simples "maillot" preto, uma fitinha de veludo no pescoço, um par de luvas que devem ser retiradas, naturalmente, na hora do mergulho na piscina, sapatos comuns — e um penteado onde os desvelos maiores se fazem sentir... Mais nada. Ou melhor — tudo mais existe na linha escultural das pernas e no sorriso, esse sorriso feiticeiro, diferente em cada novata, mas iguais, perfeitissimamente iguais na arte de seduzir o bicho-homem, que é quem vai consagrá-las, mais tarde, quando as vir, na tcla, fazendo "vamps" ou ingenuas...





1 - Loretta Young, uma das "modelos" mais copiadas, num belíssimo chapéu de palha grande com laços de veludo, colocado à última moda: por cima do penteado, de modo a não cobri-lo de toda. Luvas longas na cor do veludo. Chapéu para reuniões de mais refinamento.
 2 - Jane Farrer num estilo oriental de chapéu, encantador e audacioso em seus finíssimos véus de gaze que o envolvem, descendo pelo ombro onde se prende com um broche. Para vestidos de cerimônia.
 3 - Janet Blair num conjunto admirável. Chapéu com "rabo de galo", de linhas sóbrias e um belo vestido de talho original, enfeitado em tom mais escuro. Apenas um broche de diamantes para completar.
 4 - Novamente Jane Farrer, com um toucado de rosas, cinza e verde-jade, fazendo um contraste fascinante, sobretudo usado com um vestido assim, de belo estampado com flores bege-róseo sobre fundo azul-marinho.

(Fotos da Universal e Columbia)



Ellery sempre dá uma oportunidade ao leitor de desvendar o mistério antes de ler a solução. Experimente.

PARA facilitar o trabalho do leitor, caso queira tentar resolver o intrincado caso do perneta, antes de ler a solução, damos aqui uma lista dos personagens dessa história, entre os quais se acha o criminoso:

ELLERY QUEEN, *detective*.
NIKKI PORTER, *sua secretária*.
INSPETOR QUEEN, *pai de Ellery*.
SARGENTO VELIE, *ajudante do inspetor*.
WILLIAM HOLSTER, *engenheiro famoso*.
SRTA. MULLER, *secretária de Holster*.
LUPTON, *superintendente da fábrica*.
BERNARD, *diretor do pessoal da fábrica*.
O HOMEM DE WASHINGTON, *figura importante que deve ficar anônima*.

Eis os personagens. Vamos, agora, aos fatos. Expostos estes, convidamos o leitor para que meça as suas forças de detective.

I

"SOCORRO!" GRITA O INVENTOR

O telefone estava tocando, com insistência, mas Ellery, imerso em profunda reflexão, não lhe dava atenção. Finalmente, Nikki apareceu e, vendo a atitude concentrada do patrão, abanou a cabeça, sorrindo, e atendeu.

— Alô? Quem fala?
— Aqui fala de Washington.
— Mas quem é que está falando?
— Isso não interessa. Chame Ellery Queen ao telefone.

— Não posso chamá-lo sem saber quem está falando...
— Vamos, senhorita, não há tempo para brincadeiras...

— Eu não estou brincando, cavalheiro. Se eu perturbar, neste momento, o trabalho do meu patrão, tem que ser com um motivo muito forte, porque, em caso contrário, perderei o meu emprego...

— Senhorita, não perca seu tempo com tolices. Garanto que ele não se zangará...

— Está bem. Vou tentar. Mas, se acontecer alguma coisa, sei de alguém que vai ouvir muito desaforo!

— Por favor, senhorita. Não demore.

Nikki largou o fone e aproximou-se de Ellery.

— Ellery!

Ele não respondeu.

— Você não me faz acreditar que está tão concentrado que não me ouça, jovem. Vamos, deixe as reflexões para mais tarde. Há um camarada de Washington que deseja falar com você.

O efeito foi instantâneo. Ellery levantou-se, e tomou o fone.

— Alô! Quem fala?
— Ellery Queen?

— Sim.

— Aqui fala aquela pessoa que o senhor conhece, em Washington...

— Compreendo. Há mais algum trabalho para mim?

— Exatamente. Precisamos do senhor mais cedo do que esperávamos.

— O'timo, Terei muito prazer.

— O senhor conhece o inventor Holster?

— O engenheiro famoso?

— Ele mesmo.

— Conheço de nome sómente.

— Pois bem. O seu trabalho relaciona-se com ele...

— Muito bem.

— Holster tem uma fábrica em Long Island...

— Sim...

— Há poucos minutos ele me telefonou. Parecia muito nervoso. Disse que mandasse socorro. Precisava de ajuda. Não quis dar pormenores. Somente repetiu a palavra "socorro" várias vezes. Eu então pensei em enviá-lo.

— Irei imediatamente.

— Muito obrigado.

— Mais uma coisa...

— Sim?

— Poderei entrar na fábrica sem dificuldades?

— Eu arranarei para que o senhor e seus ajudantes recebam, à entrada, o passe necessário...

— Muito bem. E como me comunicarei com o senhor?

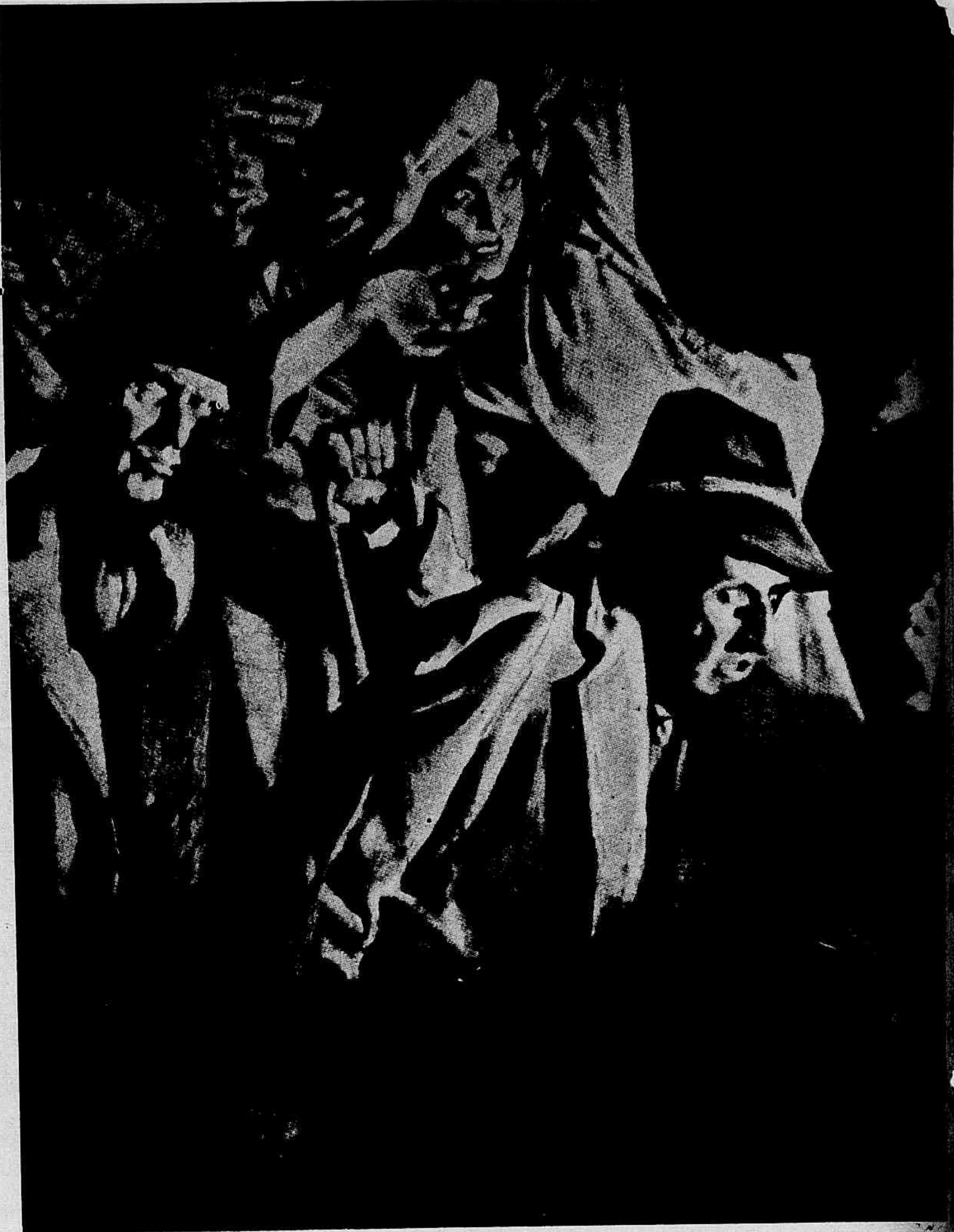
— Pelo telefone que conhece...

— Poderei falar com franqueza?

— E' uma linha particular. Até logo e boa sorte, Ellery.

— Até breve.

— Até breve.



Ellery desligou o telefone e berrou:
— Nikki! Nikki!
— Que é que há?
— Chame Velie, chame papai e venha você também. Vamos trabalhar!

— Quem era que estava falando com você no telefone?

— Era uma pessoa muito importante de Washington, do governo, que queria me pedir um favor. Um favor que é uma honra, Nikki. Vamos trabalhar para o Tio Sam!

II

O RAMAL DE HOLSTER NÃO RESPONDE

A fábrica era imensa. Nikki e Velie ficaram para trás admirando os grandes canhões que estavam sendo construídos, enquanto Ellery seguiu com o Inspetor Queen para o escritório de Holster.

A secretária do inventor estava sentada à mesa situada perto da porta de entrada para o escritório. Ellery adiantou-se, e falou:

— Precisamos falar com o Sr. Holster, senhorita.

— O senhor Holster não está aqui...

— Senhorita, é absolutamente necessário que...

Como é seu nome, mesmo?

Ela pareceu um pouco surpreendida.

— Muller... Chamo-me Sara Muller.

— Pois diga-nos então, senhorita Muller, onde encontraremos o seu patrão.

— Não sei. O superintendente da fábrica, Lupton, e o diretor do pessoal, Bernard, já tentaram falar com ele, porém não conseguiram encontrá-lo.

— Mas ele, há pouco, deu uma telefonada. Sabemos disso...

— Eu não sei onde possa estar.

Ellery refletiu alguns instantes...
— Já tentou encontrá-lo em casa?
— Não está. Ele devia estar no seu escritório particular, mas...

— Escritório particular! Mas não é este o seu escritório?

— Não. Aqui ele quase nunca vem.

— Então...

— O seu escritório particular é um quarto que ele mandou construir na fábrica, completamente isolado e cercado por paredes inacessíveis. O Sr. Holster está trabalhando nos planos, lá. Raramente sai. Está muito absorvido no trabalho.

— Mas nesse caso ele deve estar lá.

— Mas o seu ramal não responde...

— Quer fazer o favor de experimentar de novo?

— Pois não.

A Srta. Muller tomou o fone e disse:

— E' você, Raquel? Quer fazer o favor de tentar obter ligação com o Sr. Holster no escritório particular dele? Não responde? Obrigada. Continue tentando, de vez em quando.

Virando-se para Ellery, a secretária disse:

— A telefonista tornou a tentar. Não responde. Nesse momento vinham chegando Velie e Nikki, que tinham ficado a admirar os canhões.

— Que há? perguntou Nikki.

— Parece que há qualquer coisa de ruim...

Ellery, finalmente, tomou uma decisão.

— Vamos até esse escritório.

Mas a secretária protestou.

— Não. Não pode!

— Por que não?

— Porque o patrão não quer que ninguém vá lá.

— Mas eu lhe asseguro que...

(Continua na pag. 44)

A AVENTURA DO PERNETA

Novela adaptada de uma peça radiofônica de ELLERY QUEEN

FIGURAS E FATOS

FESTEJANDO A DATA DO SEU 24.º ANIVERSÁRIO, O CLUB CENTRAL DE ICARAI REALIZOU NO DIA 18 DE JULHO, ÀS 21 HORAS, UMA HORA DE ARTE COM O CONCURSO DAS POETIZAS MARIA SABINA DE ALBUQUERQUE E ISIS FIGUEIROA, DAS PIANISTAS SAFIRA HERCHARDERJ E LAURA CERQUEIRA, DAS CANTORAS LENITA BRUNO E MARIA DO CARMO DIAS, DAS BAILARINAS SIMONE SCHEREIBER E NELLY DA COSTA NOVAIS, E DO VIOLINISTA EUGENIO GRAÇA. A FOTO ACIMA APRESENTA UM ASPECTO DA ENCANTADORA FESTA, VENDO-SE AINDA ELEMENTOS DA DIRETORIA E DO QUADRO SOCIAL DO CLUB CENTRAL.

POR VIA AEREA, SEGUIU EM VIAGEM DE NEGOCIOS PARA NOVA YORK E CHICAGO O SR. CICERO LEUENROTH, SUPERINTENDENTE GERAL DA EMPRESA DE PROPAGANDA STANDARD LTDA. VETERANO DA PUBLICIDADE — APESAR DE JOVEM — DINAMICO E INTELIGENTE, O SR. CICERO LEUENROTH HA MAIS DE DEZ ANOS VEM DIRIGINDO A SUA EMPRESA COM GRANDE PROFICIENCIA, TENDO JA ESTENDIDO AS SUAS ATIVIDADES A SAO PAULO, BUENOS AIRES E SANTIAGO DO CHILE.

EM SEU REGRESSO, O SR. CICERO LEUENROTH PASSARÁ POR LOS ANGELES, CUBA, MEXICO E COLOMBIA, EM CUJAS PRAÇAS PRETENDE INSTALAR ESCRITORIOS DE REPRESENTANTES DA STANDARD DE PROPAGANDA, SEGUINDO DEPOIS PARA A ARGENTINA, EM VISITA Á SUA FILIAL DE BUENOS AIRES.

REALIZOU-SE, NO DIA 31 DE MAIO ULTIMO, NA CIDADE DE CAMPOS, ESTADO DO RIO, O ENLACE MATRIMONIAL DA SRTA. IARA BOTELHO TINOCO, FILHA DO CASAL SR. HIRAM BOTELHO — D. PALMIRA BOTELHO TINOCO, COM O SR. HEITOR FERREIRA NUNES, DESCENDENTE DE TRADICIONAL FAMILIA FLUMINENSE.

EM VIRTUDE DA GRANDE CONSIDERAÇÃO E PRESTIGIO QUE SÃO DISPENSADOS EM CAMPOS ÀS FAMILIAS DOS NUBENTES, O CASAMENTO CONSTITUIU UM ACONTECIMENTO SOCIAL DE GRANDE REPERCUSSÃO. AO ATO RELIGIOSO, REALIZADO COM SOLENIDADE, ASSISTIRAM OS ELEMENTOS MAIS REPRESENTATIVOS DA ALTA SOCIEDADE CAMPISTA, TENDO SIDO OS NOIVOS CALOROSAMENTE CUMPRIMENTADOS PELOS SEUS NUMEROSOS AMIGOS.

NA FOTO EM BAIXO VEMOS OS NOIVOS DURANTE A CERIMONIA.





O INSTITUTO DOS ADVOGADOS BRASILEIROS COMEMOROU A 7 DO CORRENTE O CENTÉSIMO PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DE SUA FUNDAÇÃO, COM UMA SESSÃO MAGNA DE HOMENAGEM À MEMÓRIA DOS SOCIOS FALECIDOS NO ÚLTIMO ANO SOCIAL. EM BAIXO, UM GRUPO DOS ADVOGADOS E AUTORIDADES QUE COMPARECERAM À CERIMÔNIA; EM CIMA, UM ASPECTO DA MESA, VENDO-SE AO CENTRO O PRESIDENTE DO INSTITUTO, PROFESSOR HAROLDO VALADÃO, LADEADO PELO REPRESENTANTE DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, PELO PRESIDENTE DO CONSELHO FEDERAL DA ORDEM, DR. FERNANDO MELLO VIANÇA, E PELOS SECRETÁRIOS DRS. EURICO PORTELA E OSWALDO TRIGUEIRO.



O PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DE MARIA LUCIA — NO DIA 27 DE JULHO ÚLTIMO, COMPLETOU UM ANO DE IDADE A MENINA MARIA LUCIA, FILHINHA DO CASAL DJALMA SCHARTH — DURVALINA CHAVES SCHARTH. POR MOTIVO DE TÃO FESTIVA DATA, OS PAIS DA GRACIOSA CRIANÇA OFERECERAM UMA LINDA FESTINHA EM SUA RESIDÊNCIA, À RUA AMARO CAVALCANTI, 1927. A REPORTAGEM FOTOGRÁFICA DA REVISTA DA SEMANA, PRESENTE A ESSA ALEGRE REUNIÃO, COLHEU OS ASPECTOS QUE ILUSTRAM ESTA NOTÍCIA. NAS FOTOS VÊ-SE MARIA LUCIA CERCADA PELOS NUMEROSOS AMIGUINHOS QUE A FORAM VISITAR E AO PARTIR O SEU PRIMEIRO BOLO DE ANIVERSÁRIO.



SENHORITA EUGENIA BERNOTAVICIUS, CUJA EXTRAORDINÁRIA VOCACÃO PARA O BAILADO, REVELADA EM DIVERSAS OPORTUNIDADES VEM CRIANDO EM TORNO DE SEU NOME CRESCENTE ADMIRAÇÃO DE QUANTOS TEM ASSISTIDO ÀS DEMONSTRAÇÕES DA JOVEM ARTISTA BRASILEIRA, DESCENDENTE DE LITUANOS.

HOMENAGEM AO EMBAIXADOR SOUZA DANTAS — EM SUA LINDA VIVENDA, O SR. BARRETO PINTO OFERECERAM UM ALMOÇO AO EMBAIXADOR SOUZA DANTAS, O QUAL DECORREU NUM AMBIENTE DE ENCANTADORA ELEGÂNCIA. ESTIVERAM PRESENTES, ALÉM DO HOMENAGEADO, O EMBAIXADOR DE PORTUGAL E A SRA. NOBRE DE MELLO, SENHORA GUSTAVO CAPANEMA; MINISTRO BARROS BARRETO, PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE SEGURANÇA; MINISTRO MOREIRA DA SILVA, DIRETOR GERAL DO CONSELHO FEDERAL DO COMÉRCIO EXTERIOR; DESEMBARGADORES ALVARO BERFORD, E SENHORA, E JOSÉ DUARTE; ACADEMICOS ANTONIO AUSTREGESILIO E PEDRO CALMON; BRIGADEIRO AJAMAR MASCARENHAS; SR. JOSÉ MARTINELLI E SENHORA; SRA. BESANZONI LAGE; JUIZ SERPA LOPES; PROCURADOR DA REPÚBLICA, SR. CARLOS DA SILVA COSTA; SR. OSWALDO SOUZA E SILVA E SENHORA; VIUVA ADÉL PINTO; SRA. ODETE BARRETO CAMINHA; SRA. GIACOMO VAGHI; SRA. ESTER DE SÁ EARP; DR. TEIXEIRA SOARES, DA EMBAIXADA DE PORTUGAL; SRA. NELLI DE GUARANA PIRAJÁ; SR. CAMILLO FERRARA; DRS. JOÃO COELHO, REINALDO PINTO E RAUL REGO; SRA. ELEONORA SILVEIRA; DR. JORGE WINTER E SENHORINHAS MADALENA STLENBERG, BEATRIZ DE BARROS BARRETO E HELENA GOMES DE ALMEIDA.





Foi um acontecimento de grande significação social a inauguração no dia 10 do corrente do busto de Francisco Serrador, na Praça Floriano, pelo transcurso do vigésimo aniversário do nascimento da Cinelandia. O ato inaugural contou com a presença de figuras do mais alto destaque social, tendo o prefeito Henrique Dodsworth ao descerrar a cortina que cobria o busto declarado que fôra com a maior satisfação que deferira o pedido da ereção do monumento de Serrador. Falaram também diversos oradores que foram calorosamente aplaudidos pelo publico.

ANTONIO VIEIRA DE MELO, ORADOR OFICIAL DA SOLENIDADE, QUANDO PRONUNCIAVA O SEU MAGNIFICO DISCURSO FOCALISANDO A PERSONALIDADE DE FRANCISCO SERRADOR.



A GLORIFICAÇÃO DE



PAULO MAGALHÃES NO MOMENTO EM QUE EVOCAVA A FIGURA GLORIOSA DO CREADOR DA CINELANDIA, REPRESENTANDO A SOCIEDADE DE AUTORES TEATRAIS BRASILEIROS.



DAVID SERRADOR, FILHO DE FRANCISCO SERRADOR, QUANDO PRONUNCIAVA O SEU DISCURSO DE AGRADECIMENTO.

A FAMILIA SERRADOR ASSISTINDO AO ATO INAUGURAL.



FRANCISCO SERRADOR



HERBERT MOSES AO LADO DO PREF. H. DODSWORTH, VENDO-SE TAMBEM OS SRS. MANOEL FERREIRA GUIMARÃES, DOMINGOS VASSALO CARUSO E DAVID SERRADOR.



HERBERT MOSES FALANDO EM NOME DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA.

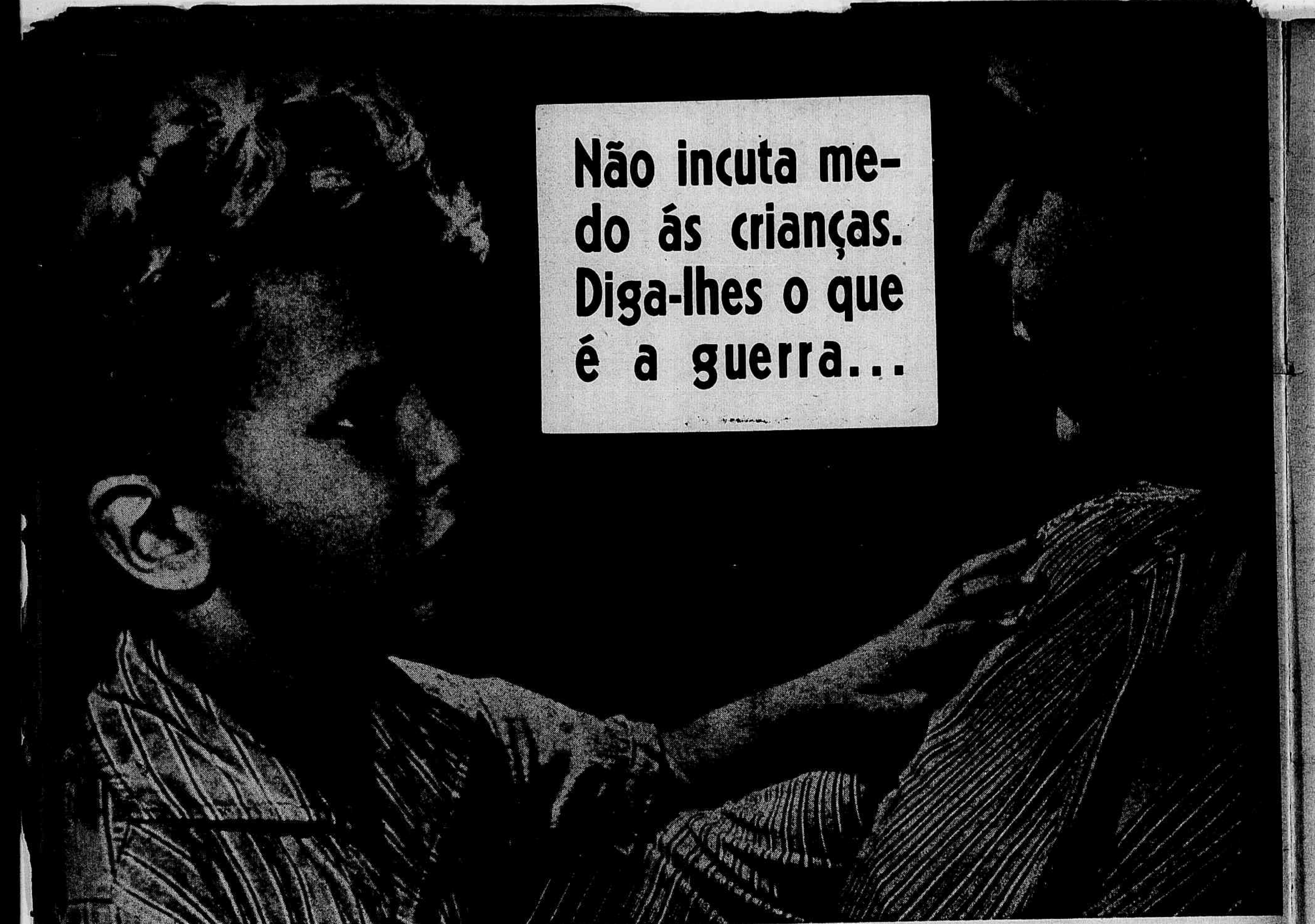
UM ASPECTO DA ASSISTENCIA QUANDO CUMPRIMENTAVA ALGUNS DOS MEMBROS DA FAMILIA SERRADOR.



APÓS O ATO INAUGURAL, O SR. DOMINGOS VASSALO CARUSO DIRIGINDO ALGUMAS PALAVRAS AO PREFEITO.

O PREFEITO HENRIQUE DODSWORTH NO MOMENTO EM QUE DESCERRAVA A CORTINA QUE COBRIA O BUSTO DE FRANCISCO SERRADOR, SOB AS MAIS CALOROSAS ACLAMAÇÕES POPULARES.





Não incuta medo às crianças. Diga-lhes o que é a guerra...

AS CRIANÇAS PENSAM MAIS SOBRE AS COISAS SÉRIAS E TRÁGICAS DO QUE GERALMENTE SE IMAGINA. ELAS INDAGAM TUDO, TUDO QUEREM SABER E ACREDITAM QUE V. S. LHE POSSA EXPLICAR O "PORQUE" DAS COISAS. A GUERRA AS DESORIENTA. ELAS OUVEM OPINIÕES AS MAIS DESENCONTRADAS E NAS SUAS CABECINHAS AS PERGUNTAS SE AMONTOAM EXIGINDO UMA RESPOSTA CLARA E IMEDIATA: "O QUE É A GUERRA, MAMÃE?" "QUEM É HITLER?", "VENCEREMOS?" "PODERÁ UMA BOMBA Atingir NOSSA CASA?" "POR QUE APENAS OS ALEMÃES SÃO MÁUS?" "NOSSO VISINHO, O SR. SCHMIDT É MAU?" "COMO SE EXPLICA QUE NÃO O SEJA?" "SI É ALEMÃO?" "SE DEUS NÃO QUER QUE OS MÁUS VENÇAM, PORQUE NÃO ANIQUILA ELE TODOS OS ALEMÃES, ITALIANOS E JAPONÊSES?"

E ASSIM, UM MILHÃO DE COISAS, ALGUMAS ABSURDAS, OUTRAS PERFEITAMENTE LÓGICAS, SÃO IMAGINADAS E PERGUNTADAS POR SEU FILHO. MUITAS VESES HA DE SENTIR-SE EMBARAÇADA PARA RESPONDER-LHE. AS SUAS PERGUNTAS REALMENTE PODEM SER DESCONCERTANTES. MAS NÃO O DESILUDA. NÃO PROCURE ENCOBRIR-LHE COM MENTIRAS OU EVASIVAS OS FÁTO HORRÍVEIS DA GUERRA. É PRECISO INSTRUI-LO COM SEGURANÇA E DELICADEZA, DE MODO A NÃO LHE FERIR A SENSIBILIDADE SOBRE A IMPORTANCIA DE TUDO O QUE ESTÁ ACONTECENDO NO MUNDO. ELE DEPOSITA EM V. S. TODA A CONFIANÇA E É PRECISO MANTÊ LA.



RESPONDA PRONTAMENTE ÀS PERGUNTAS DE SEU FILHO — NÃO PROCURE RESPOSTAS DIFÍCEIS OU EVASIVAS, NEM LHE RECOMENDE LEITURAS INADEQUADAS. DÊ-LHE RESPOSTAS POSITIVAS EM PALAVRAS SIMPLES. "A GUERRA É UMA COISA RUIM, ELA SIGNIFICA QUE NOSSOS RAPAZES DEVEM SEGUIR PARA COMBATER HITLER. HITLER É UM HOMEM MÁU QUE PRETENDE DITAR NOSSA CONDUITA." PROCURE EXPLICAR ÀS CRIANÇAS TODOS OS FÁTO PROCURADOS PELA SUA CURIOSIDADE.



PROCURE TIRAR DAS VISTAS DE SEUS FILHOS OS QUADROS REPRESENTANDO ATROCIDADES. OS MÉDICOS OPINAM QUE NÃO SE DEVE ALIMENTAR INUTILMENTE A IMAGINAÇÃO INFANTIL COM QUADROS HORRÍVEIS. ISTO É PREJUDICIAL TANTO PARA O FÍSICO COMO PARA A MENTE DA CRIANÇA. PROPORCIONAR ÀS CRIANÇAS ESSAS EMOÇÕES VIOLENTAS, DESTRUTIVAS, SEM NENHUM ELEMENTO CONSTRUTIVO, CONDUZ INEVITAVELMENTE À INFELICIDADE E ABALOS NO SISTEMA NERVOSO DAS CRIANÇAS.



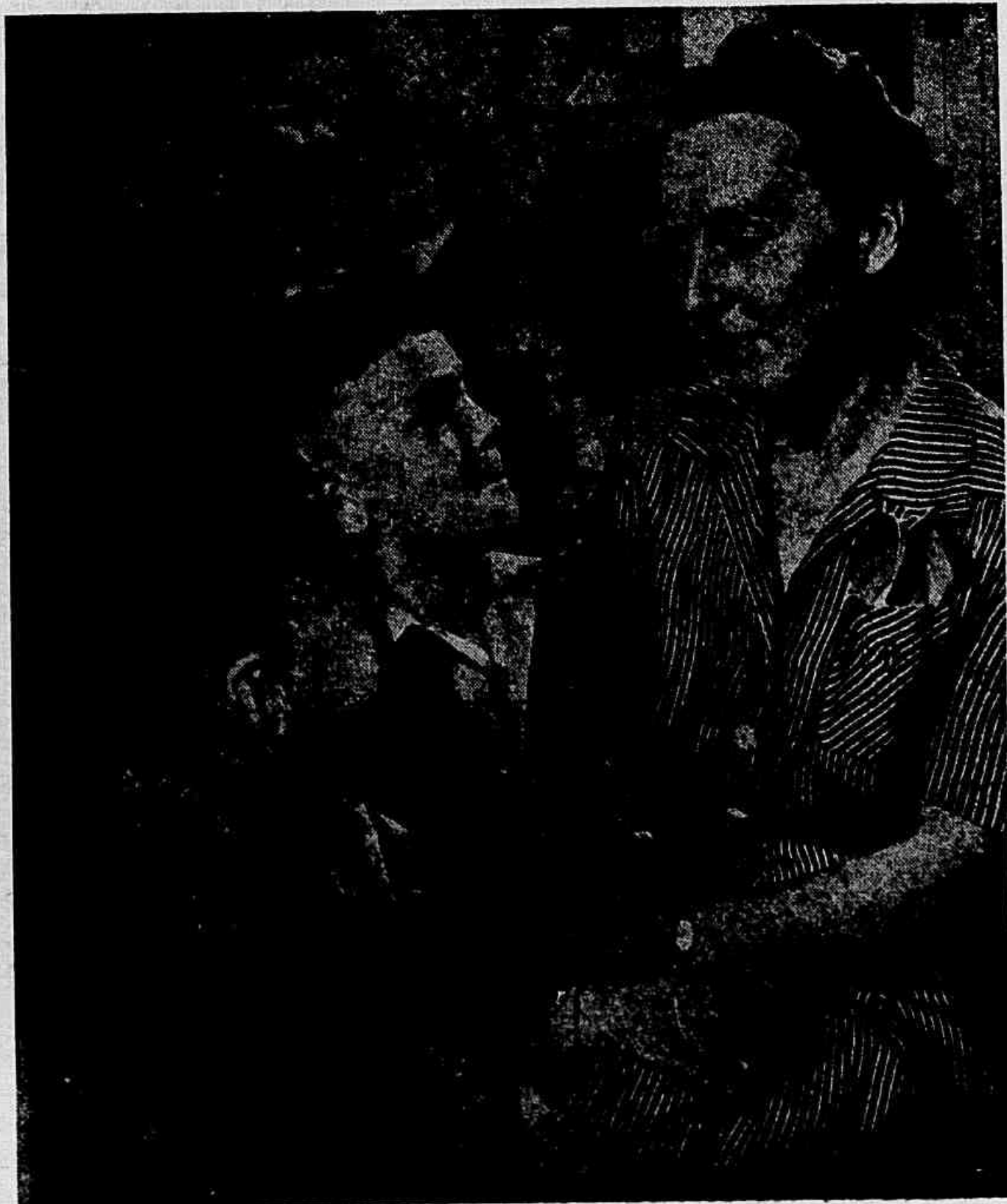
MOSTRE-SE SEGURA E CALMA A SUA FILHA DURANTE OS MOMENTOS DE PERIGO. DEIXE-A SENTIR O CONFORTO DE ESTAR BEM PROTEGIDA. PROCURE ACALMAR SEUS PROPRÍOS NERVOS POIS ELA SENTIRÁ FACILMENTE SEU MEDO. A ÚNICA SEGURANÇA QUE ELA CONHECE É A DAS PESSOAS DA SUA FAMÍLIA; NOS MOMENTOS DE PERIGO, A SUA PROXIMIDADE É A ÚNICA PROTEÇÃO QUE SATISFAZ.



NÃO ACHE ENGRAÇADO O MEDO DE SUA FILHA, E NÃO FALE COM POUCO CASO, DIZENDO QUE NÃO HA MOTIVO PARA SE ABORRECER. PONHA SUA FILHA AO CORRENTE DAS POSSÍVEIS CONTRARIEDADES QUE PODEM ESTAR PROXIMAS E MOSTRE-LHE QUE TODA A FAMÍLIA DEVE ENFRENTA-LAS JUNTA. MOSTRE-LHE QUE A GUERRA SIGNIFICA PERIGO E DEVE SER ENFRENTADA COM TODA A CORAGEM. SE DEMONSTRAR ESSA CORAGEM ELA TAMBÉM A TERÁ.

ENCARE OS FÁTOS DA GUERRA E NÃO PROCURE ENLOUQUECER SEUS FILHOS. NÃO PROCURE ESCONDER AS COISAS RUÍNS COM A APARENCIA DE INSIGNIFICÂNCIAS. UM "BLACK-OUT" É UM "BLACK-OUT" E UMA EXPLOÇÃO É UMA EXPLOÇÃO; UM RAID AÉREO DEVE SER MOSTRADO COM TODAS AS CONSEQUÊNCIAS POSSÍVEIS.

MANTENHA A SUA FILHA OCUPADA — E MANTENHA-SE OCUPADA TAMBÉM. PROCURE INSTRUIR-SE E ENSINAR A SUA FILHA O QUE DEVE FAZER DURANTE UM RAID AÉREO, UM "BLACK OUT" OU OUTRA QUALQUER EMERGENCIA. DÊ ORDENS CALMAS E BEM ESPECIFICADAS: "MARY, VOCÊ DEVE AJUDAR-ME A FAZER ISTO OU AQUILO ENQUANTO TED APAGA A LUZ. BETTY DEVE AQUIETAR O NENÉ."



POR primeiro ato de governo no Brasil, D. João VI abriu-lhe os portos. Em seguida semeiou no Rio de Janeiro e fôra dele instituições preparatórias de Estado. Prefiniu assim nossa Independência, pouco depois da remigração do rei epilogada pela tarde marcação do Ipiranga.

Por sucessos e personagens a História tem visos de teatro. De 1808 a 1828, nele houve ensaios parciais e por fim ensaio geral do Brasil autônomo.

Em 1822 o paiz pôde entrar com pouca hesitação na casa das nações livres, com atores mais ou menos experimentados, confiantes em si, enquanto na América do Sul outros atores se mostravam inexperitos nos papéis que lhes cabiam nas representações da liberdade.

Parte do Reino Unido desde 1815, o Brasil nutriu desde logo a idéia da Independência, desvinculando-se de Portugal, o mais rapidamente possível...

Idéia reclama propaganda. Em política desenvolve-se esta por agitadores da opinião pública. Tivemo-los em 1822, pregando libertação, o grupo dos agitadores de mais evidência no Rio de Janeiro.

No grupo destacou-se Joaquim Gonçalves Ledo, nascido carioca em 1781, vice-reinado na capital do Brasil Colonial. Juvenilizou Ledo quando D. João VI entre nós. Ia em quarenta anos ao ser arauto e paladino da Independência. Estava na idade em que os enganos da mocidade ainda se não acham vencidos pelos desgostos da experiência trazida pelo trato rude com os semelhantes refalsados.

Ledo frequentára a Universidade de Coimbra, interrompendo curso de leis por falta de recursos. Ficou com um cabedal de instrução acrescido pelo auto-didatismo.

Sabia orar e escrever. Advogando Independência escreveu mais que orou, jornalista no "Reverbero." Acompanhou depois na imprensa os sucessos subsequentes à proclamação da Independência; então o Imperio do Brasil mal de alicerce, procurava cortar ultimos liames com Portugal, pleiteando o seu reconhecimento pelas nações européas. Animava-as o espirito da Santa Aliança, tendo por imaturo o regimen imperial surgido na América Portuguesa de havia pouco.

No calor da Independência, em S. Paulo, no teatro, pelo poeta Tomás de Aquino, recitando versos seus, D. Pedro fôra saudado como "primeiro imperador do Brasil" em resposta ao brado do Ipiranga.

Saudação identica seria dada a D. Pedro, em sessão presidida por Ledo no Grande Oriente Maçonico. Nele ouviu Ledo o brigadeiro Domingos Alves Branco Muniz Barreto discursar propondo a aclamação ao regente D. Pedro, como o pai príncipe regente.

Não se contentou o orador em apresentar proposta a consocios. Entendeu animal-a e para tanto subiu a uma mesa. Dessa original tribuna, rasa e assás insegura, o brigadeiro Muniz Barreto levantou voz e tres vezes clamou:

Viva D. Pedro de Alcantara, Primeiro Imperador e Defensor Perpetuo do Brasil. A assembleia associou-se ao entusiasmo do orador, ao qual não faltariam aplausos de Ledo.

Acalmado o vozerio, pediu a palavra José Clemente Pereira. Propoz os vivas que, presidente do Senado da Câmara, teria de levantar na aclamação de D. Pedro no Campo de Santa Ana.

Tudo ficou assentado no entremuros da séde do Grande Oriente, num sobrado da rua Nova do Conde, ora Frei Caneca, sobrado logo à boca do Campo.

Neste, na aclamação de 12 de Outubro de 1822, José Clemente deu os vivas combinados, dos quais depositario-maçonico.

A aclamação de perto dizia respeito a Ledo. E' de supol-o no Campo num dia em que só a natureza negou brilhos á festa realizada debaixo de chuva ou entre estradas sob céu negro prometendo novas cargas d'agua.

Para cerimonia ao ar livre os maus tempos é desmancha-prazeres. Mas a curiosidade popular zomba das intemperies, a multidão afluê. Afluio a 12 de Outubro de 1822. No Campo havia o que vêr, o povo sempre avido de grandes espetáculos que tem por gratuitos para depois, pagando-os, saber que custaram caro.

No 12 de Outubro de 1822, um dia magno para



Joaquim Gonçalves Ledo

(Rio de Janeiro 1781 - 1847)

Ledo, os curiosos fartaram-se no Campo, com a formatura de seis mil homens da tropa, com o trajeto de D. Pedro indo a pé, entre povo, à Capela Imperial apresentada para Te Deum, com o beija mão no paço da cidade, com a recita de gala no teatro, com as iluminações da cidade.

Triunfante a causa da Independência, Ledo pugnou por outra, a da Constituição devida ao paiz. Vencedora a idéia com a reunião da Constituinte, a província do Rio de Janeiro elegeu Ledo deputado. Foi entretanto privado de exercer mandato pelo processo movido por José Bonifácio contra ele e o seu grupo. Evitando prisão, Ledo se foi a Buenos Aires. De 1826 a 1833 figuraria na Câmara, na estacada liberal.

Em oito anos de legislatura, recomendou-se Ledo como orador conceituoso, fiel a principios, argumentador respeitado, garantido pela imunidade parlamentar numa época de dizer-se e escrever-se o que se queria a favor ou contra.

A vida é provação: Ledo o soube quando desiludido, gasto por lutas, se foi afastando do jornalismo e da política, aquele exigindo renovações, esta declarada sem entranhas.

Ledo retraiu-se, gradualmente. O antigo e militante membro e secretario do nosso primeiro Conselho de Estado passou a membro do Tribunal da Junta do Commercio, mais tarde simplesmente Junta Commercial, de função mais prática que vistosa.

Entrementes adquirira a fazenda do Sumidouro no municipio de Macacu. Aos desiludidos apraz o retiro do campo trazendo o silencio do viver na grata segregação da maioria dos vivos.

Com o tempo começaram a faltar a Ledo parentes e amigos mais chegados. Já falecera seu diletto irmão Custodio, o deputado fluminense às Côrtes de Lisboa onde jurara a Constituição de 24 de Setembro de 1823 promulgada pelas Côrtes. Medico, Custodio Ledo fixara-se no Porto, a clinicar, ali morrendo com boa memoria.

Ao enfermar gravemente contou Ledo com o auxilio da esposa, D. Carolina de Araujo Ledo. Em Abril

de 1846 falecia porém ela na fazenda do Sumidouro. "Adoçava com as suas virtudes a dolorosa existencia de seu marido", disse um escrito da época muito de pendor sentimental.

Foi tristemente necessario transportar o enfermo para a Côrte do Rio de Janeiro onde encontraria socorros medicos, embora impropicuos no caso.

Ledo não resistio por muito tempo. Em certos males, de tormento incuravel, a morte chega em missão de misericórdia. A 20 de Maio de 1847 expirava Ledo, reunido á dedicada esposa cuja perda lhe não fôra poupada e tanto o alanceára.

A 21 de Maio de 1847, o "Jornal do Commercio" trazia a publico o seguinte aviso:

"O coronel José Alves de Araujo Ledo convida os amigos e collegas de seu falecido tio, o conselheiro Joaquim Gonçalves Ledo, para assistirem ao seu enterro, ás 4½ da tarde em S. Francisco da Penitencia, acompanhando o corpo de sége da rua da Imperatriz n.º 82".

O anuncio quasi secular do sahimento de Ledo, da rua hoje chamada Camerino, seja completado por dous documentos ineditos.

Fornece o primeiro o seguinte assentamento da folha 30 verso de um livro de obitos, de 1844 a 1855, da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia.

"Na sepultura n.º 2 da Capella da Conceição se enterrou por concessão do nosso Carissimo Irmão Ministro o cadaver do Exm.º Conselheiro Joaquim Gonçalves em 21 de Maio de 1847 P. C. em 3 de 7br.º de 1867".

O Vigario do Culto Divino
Joaquim Esteves Ribeiro."

Consigne-se logo após segundo documento inedito, encontrado na caixa 425 da Seção Historica do Arquivo Nacional.

"Senhor

Tendo constado ao Tribunal da Junta do Commercio haver fallecido no dia vinte de Maio proximo passado hum de seus membros o Conselheiro Joaquim Gonçalves Ledo, leva o Tribunal ao Augusto conhecimento de Vossa Magestade Imperial esta occorrença como he de seu dever e estilo.

Rio de Janeiro em o primeiro de Junho de mil oitocentos e quarenta e sete.

José Antonio Lisboa"
José Maria Velho da Silva
Paulo Fernandes Vianna"

Qualquer dos membros do Tribunal do Commercio era pessoa de qualidade social. Lisboa, negociante, fôra Ministro da Fazenda no fim do Primeiro Reinado.

O anuncio do "Jornal do Commercio", o assentamento da Ordem da Penitencia, a comunicação do Tribunal do Commercio, cada qual no seu genero de informação, têm prestimo, presumimos.

Conspicuos efemeridistas, Rio Branco e Teixeira de Mello, dizem Ledo falecido a 19 de Maio de 1847 na sua fazenda do Sumidouro. E outros o repetem.

A comunicação do Tribunal do Commercio dá 20 de Maio por data do falecimento de Ledo, data que parece não soffrer duvida não só por coéva e registrada pelos colegas de Ledo como corroborada pelo anuncio do sobrinho do morto no "Jornal do Commercio". O numero deste, a 21 de Maio, acorda com o assentamento da Ordem da Penitencia.

Não se tenha por *de minimis* a cronologia exata não raro difficilima de ser historica ou biograficamente alcançada. Daí por parte de associações de varia especie a celebração de uns tantos centenários com antecipação ou desconto de dias. Atrasando-se ou adiantando-se os homens fazem companhia aos relógios.

Caso haja quem celebre o centenario da morte de Ledo, o grande patriota, e isto dentro em pouco, em 1947, servirá talvez para alguma cousa a nossa achega. Tida por de prestimo, seja por alguém lembrado o que a lembrou. Se não fôr justiça, obsequio será.

ESCRAGNOLLE DORIA

COISAS NÃO DITAS

LEDO



1 ÀS 10,10 DA MANHÃ, DIANA DELL DISSE GAGUEJANDO: "CONSEGUI SUA CARTA HA QUINZE MINUTOS E VIM IMEDIATAMENTE PARA CÁ" APROXIME-SE DE HUGH BECK E EU A MATAREI! AMEAÇOU IVA ZALAC. "RETIRE-SE!" DIANA SAIU — E ALGUM TEMPO DEPOIS ERA ENCONTRADA MORTA NO CENTRAL PARK. O MÉDICO AFIRMOU QUE ELA MORRERA ENTRE 10,15 E TREZE HORAS.

VOCÊ TEM VOCAÇÃO PARA DETECTIVE?

UM CRIME
EM MANHATTAN



2 O INSPECTOR HANNIBAL COBB ENCONTROU A CARTA DE IVA DENTRO DE UM LIVRO DE DIANA. MAIS TARDE, DURANTE UM JANTAR NO HOTEL PLAZA, EM ROCKEFELLER CENTER, TEVE A SORTE DE ENCONTRAR SALLY LANE, PRIMA DE DIANA. O ENVELOPE DA CARTA EM QUESTÃO ESTAVA EM SEU PODER. SALLY: "EU O APANHEI EM CASA DE HUGH BECK. COBB: "QUANDO VOCÊ DEIXOU BECK?" SALLY: "CERCA DE 5.30".



3 ESSA TARDE, EM SUA CASA, IVA ADMITIU TER MANDADO A CARTA E TER DISCUTIDO. DISSE ELA: "ESTAVA APENAS TENTANDO ATemorizá-la. ELA ESTAVA AMEAÇANDO CONTAR A TODO MUNDO QUE HUGH LHE DEVIA \$5000 E ISTO IRIA ARRUINÁ-LO. FIQUEI FURIOSA. TALVEZ NÃO SAIBA QUE ESTAMOS NOIVOS!" BECK: "É VERDADE, TINHA ROMPIDO MEU NOIVADO COM DIANA. ESTIVE FORA TODA A NOITE E CHEGUEI EM CASA ESTA TARDE À 1.40. NÃO, NÃO ENCONTREI NENHUMA PESSOA CONHECIDA NO CAMINHO". DEPOIS DE UMA PEQUENA REFLEXÃO COBB CHEGOU À CONCLUSÃO EXATA DA SOLUÇÃO DESTA CASO. A QUEM PRENDEU? POR QUE? (VEJA A RESPOSTA NO PROXIMO NUMERO).

APRENDA A FAZER TRICÔ E CROCHÊ



"TRICÔ e CROCHÊ"

A VENDA EM TÓDAS AS BANCAS DE JORNAIS, LIVRARIAS, BAZARES E CASAS DE FIOS.

Distribuidor para o Brasil
Fernando Chinaglia - Rua do Rosário, 55 A-2.º Rio

Para aprender e fazer com facilidade qualquer trabalho de lã e linha, leia e coleção a revista especializada "Tricô e Crochê". Cada número publica novas aulas práticas e receitas de tricô e crochê e grande variedade de úteis e interessantes sugestões para pulôveres, vestidos, blusas, agasalhos, roupinhas infantis, etc. Todos os trabalhos são acompanhados de gráficos explicativos e fotografias das peças já terminadas.

Adeus, Rogério!

Conclusão da página 19

Lendo as obras de um escritor, fazia sonhos loucos a respeito de si mesmo, dos triunfos que obteria, da maneira como venceria os adversários nas polémicas acaloradas. Lendo uma conferência, via-se conferencista, defen-

dendo a tese do autor, e fazia planos doidos, juntando títulos de obras que lera para compor a sua suposta obra. Queria ter o estilo de tal escritor e a profundidade de tal outro; sentia-se roubado quando deparava com tal ou qual ideia que acreditava estar no seu cérebro, porém que nunca ousara expressar. Acreditava-se, em suma, um grande homem em potencial. Era frequente sentir, dentro de si, em certos momentos, toda a

REGULADOR XAVIER

• O Remédio da Mulher •
N.º 1-Fluxos abundantes
N.º 2-Falta de fluxos

INSÔNIA

ATAQUES NERVOSOS

USE

MARAVAL

PARA INSÔNIA: 2 colheres ao deitar.
PARA ATAQUES: 3 COLHERES.

A aventura do pernetá

(Continuação da pag. 35)

— Nem os senhores poderiam entrar, de qualquer maneira.

— Como assim?

— Como disse, o escritório consta de um quarto cercado por uma parede de pedra intransponível. Há uma única porta de aço, com duas fechaduras de segurança, que só se abrem por meio de uma combinação, como um cofre, e a combinação só é conhecida do Sr. Holster. Além disso, as chaves estão com ele.

Novamente o telefone tocou.

— Que há?

A Srta. Muller parecia muito perturbada.

— Como, Raquel? Ainda não responde? Obrigada. Continue tentando. Está bem.

Velie, famoso pelas suas idéias luminosas, exclamou, de repente:

— Mas podemos arranjar uma escada e galgar o muro intransponível.

A Srta. Muller abanou a cabeça.

— Impossível. O muro tem um sistema de fios, que eletrocutariam qualquer pessoa que quisesse galgá-lo.

Velie perdeu o entusiasmo. A objeção da secretária era, de fato, inatacável. Não podia descobrir outro meio para penetrar no recinto. Por isso, calou-se, amuado. Ellery, que se mantivera calado durante esse breve diálogo, falou, por fim, com ar reprovador.

— Srta. Muller, a senhorita nos conhece?

— Eu? Não. Nunca vi nenhum dos senhores.

— Muito bem. E por que, então, nos deu as informações pedidas?

— Não compreendo. Os senhores perguntam por que eu lhes forneci as informações que... Que querem dizer com isso?

— Uma coisa muito simples. A senhorita forneceu informações a um grupo de estranhos que não teve senão o trabalho de perguntar...

— Mas é lógico. Pois o fato dos senhores estarem dentro da fábrica pressupõe que entraram com um passe e um passe já basta para atestar a sua idoneidade. Se não merecessem as informações que receberam não estariam aqui...

— Mas a senhora não sabe como entramos na fábrica...

O Inspetor, que estivera calado, até então, observou:

— Poderíamos ter entrado com falsas credenciais...

Ellery continuou:

poesia que queria escrever e, conversando com uma pessoa, lidando com um amigo, sonhava transpor a sua figura para o papel, e imaginava séries de romances maravilhosos que lhe grangeariam fama e fortuna.

Era antes de tudo um invejoso. A glória alheia perturbava-o e enfurecia-o. Sem fama ele próprio, sentia que cada triunfo de um outro era um roubo ao triunfo que deveria ser seu e que ele não obtinha.

Sua ambição não ficava somente na literatura. Ia a todas as artes. Não podia ver cantar algum cantor, sem querer cantar igualmente bem, nem ouvir a obra de um compositor sem ambicionar o seu talento. Era profundamente ignorante, sob o verniz de cultura que possuía. E, apesar disso, não fazia esforço algum para tornar-se mais culto. Não estudava. Limitava-se a sonhar com a cultura de tal escritor, e imaginar meios de transmissão para si, por maneira que lhe poupasse o menor esforço.

A crise teria que vir. E, de fato, quando a esposa publicou um volume de crítica literária, aclamado como uma grande obra, ele não pôde suportar mais a situação. E ela, compreendendo o que acontecera. Porém, ante o egoísmo dele, decidiu que não sacrificaria sua carreira por aquele que até o seu triunfo ressentia como uma afronta.

O acaso tem papel importante na vida real, como nas histórias imaginadas. E o acaso obrou, nesse caso, apresentando Ivone novamente aos olhos de Rogério.

Foi numa festa que se encontraram.

— Olá, Ivone!

Ele sentiu a perturbação da moça.

— Rogério! Você!

— Está espantada de me ver?

— Um pouco...

— Estarei muito velho?

— Oh, não Rogério. Você está bem, muito bem...

Começaram a conversar. Ivone era a mesma. Amava-o ainda, isso era evidente, e agia sobre ele, no estado em que estava, como um estimulante. Refazia toda a opinião lisonjeira que ele tinha de si mesmo e que sentira abalada ao lado da esposa. A esposa compreendia tudo. Sabia muito bem que ele, mais dia menos dia, abandoná-la-ia...

Foi numa noite de verão, quando ele ia saindo furtivamente do apartamento deixando somente uma carta de despedida, que a luz subitamente se acendeu, e ele viu a mulher, de pé, no fundo da sala.

— Eu sabia, Rogério! Sempre soube tudo!

Ele ficou parado, no meio da sala, interdito.

— Pobre Rogério! Como você é infeliz! E como se jura uma vítima. Vá, Rogério. Faça-a feliz, pelo menos. Mas não se esqueça nunca de mim.

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim, & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo



Enquanto você se lembrar que Ivone, é a mulher que lhe convém, não há de abandoná-la. E, enquanto você se lembrar de mim, não se esquecerá que Ivone é a mulher que lhe convém. Adeus.

Recusando-se a compreender essas palavras, ele saiu, batendo a porta. Sentia-se profundamente ofendido.



BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNCIONA ATÉ AS 19 HORAS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

1844-1944

S. S. WHITE DENTAL MFG. CO. OF BRAZIL

UM SECULO DE SERVIÇOS A' ODONTOLOGIA
SIMBOLO DE ORIENTAÇÃO E GARANTIA

USAR A PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE É SABER DAR PREFERENCIA AO
DENTIFRÍCIO MAIS INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES
PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE

— Sim, a senhorita também. Nossa conversa não acabou.

III

O MANETA, O PERNETA E O CAOLHO

O superintendente Lupton era maneta. Perdera a mão durante a primeira guerra mundial. Quando Ellery se aproximou com a comitiva a que se juntara a Srta. Muller, ele levantou os olhos, surpreendido.

Ellery explicou que procuravam Holster.

— Não tenho a mínima ideia onde ele possa estar, Sr. Queen. Se não está no seu escritório particular, nesse caso...

— Diga-me uma coisa, Sr. Lupton. O inventor tem aparecido assustado nesses últimos dias?

— Assustado? Não. Preocupado, sim. Preocupado com a ameaça dos submarinos alemães. Não fala sobre outra coisa. Diz que é o nosso maior problema: a derrota dos submarinos.

— Há quanto tempo que trabalha para Holster, Sr. Lupton?

— Desde mil novecentos e vinte. Holster, Bernard e eu lutamos juntos na guerra de quatorze.

— E foi durante a guerra que o senhor...

— Sim, perdi o braço durante a guerra, Holster, perdeu uma perna e Bernard perdeu um olho...

— Deve ser uma glória para o senhor ter perdido um braço a serviço da pátria...

— É verdade... E quanto ao desaparecimento de Bill, meus caros senhores, não se assustem. Ele, como todos os homens de grande talento, tem as suas excentricidades. Não é a primeira vez que desaparece sem dizer nem para onde foi...

— Bem, nós...

— Um momento, senhores. Miss Muller, quer ter a bondade de dizer ao Bill, assim que o encontrar que eu mandei esvaziar aquela área e instalar as máquinas que ele pediu?

A secretária assentiu, com a cabeça.

Ellery virou-se para Lupton, de repente, e disse:

— Que me diria se eu fosse um espião nazista? Lupton levantou as sobrancelhas, surpreso. Ellery esclareceu:

— O senhor não pode ter certeza de que nós não somos espiões nazistas! Por que deu as informações que pedimos, sem discutir, e por que deu, na nossa presença, ordens confidenciais à secretária de seu chefe?

— Mas... Mas eu não disse nada que pudesse dar uma ideia...

— Essas pequenas ordens aparentemente sem nenhum significação podem levar à descoberta do que estão fazendo. Aliás, pelo que já soube desde que cheguei aqui, tenho quasi certeza de que descobri o que vocês deveriam

(Continúa na página 52)

Só ha duas cousas belas no mundo - As mulheres e as flôres!

Respeitando o pensamento do imortal "Malherbe" a mulher se obriga a ser bela, conservando a sua pele macia e ave-ludada como as petalas das flôres. **Leite de Amendoas de Mendel** evita cravos espinhas panos, sardas e vitaliza a cutis.

LEITE DE AMENDOAS DE MENDEL



Feminilidade! Virilidade! Equilíbrio das funções

Estão ao vosso alcance com o tratamento **Hormônio-Vitaminado**, por meio de **OKASA**, produto de alta reputação mundial. **OKASA** (importado diretamente de Londres) é uma medicação ultra-potente, garantida pelos conhecidos Laboratórios Horno-Farma. A base de Hormônios vivos e vitaminas ativas, **OKASA** é conhecida em todo o mundo pela sua eficácia terapêutica e oferece o máximo de sucesso em todos os casos de deficiência glandular do aparelho genital e do teor vitamínico, como: frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da vida crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta de luminosidade dos cabelos, etc. Todas essas deficiências de origem glandular na mulher. - Fraqueza sexual em todas as idades, sensibilidade, valhões precoces, fadiga e perda de memória, etc., no homem.

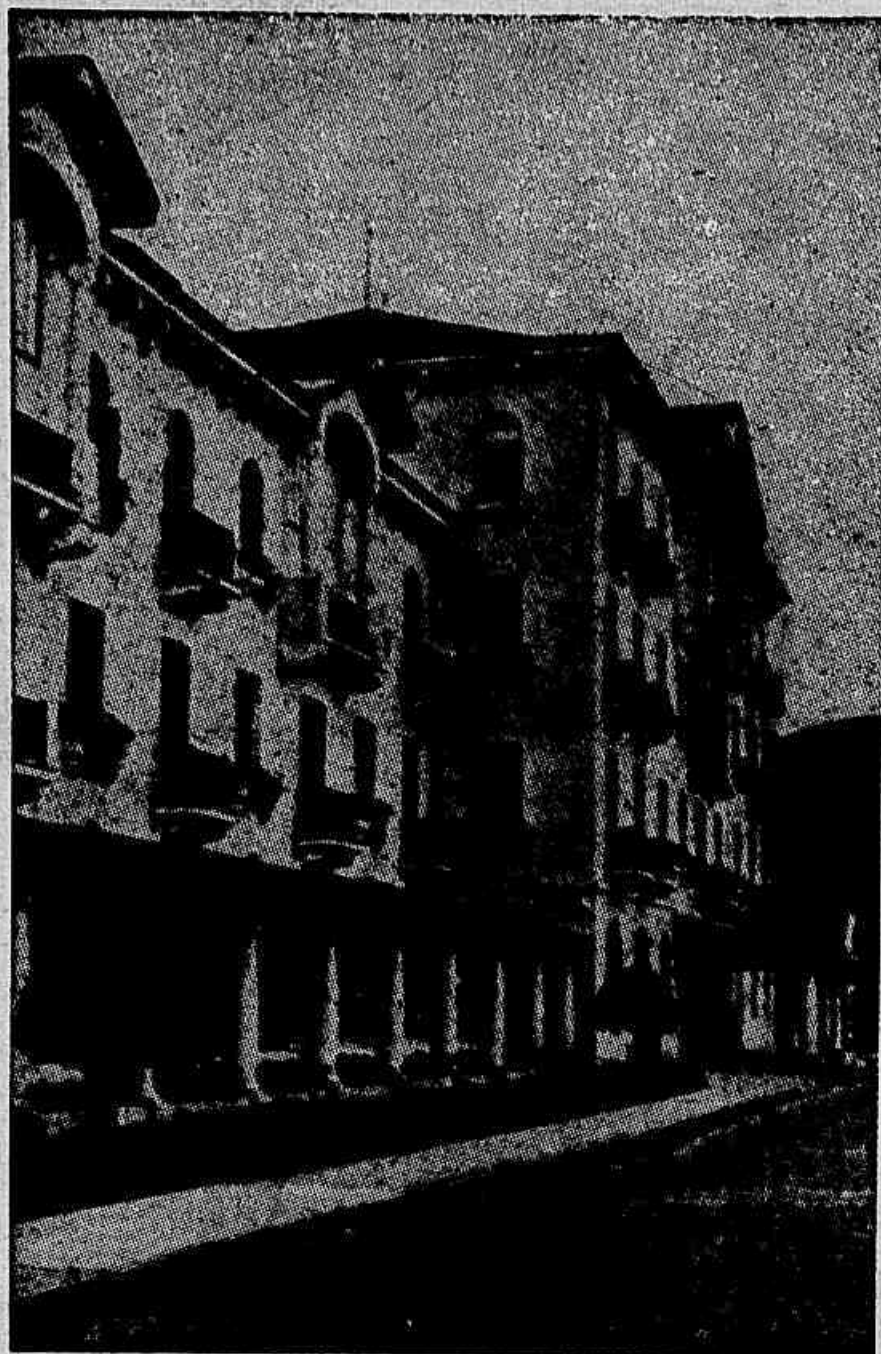
OKASA da Vida Nova, Juventude, Beleza, Atração, Alegria de Viver. Em todas as boas Drogarias e Farmácias. Informações e pedidos ao Dist. Prod. **ARNA** Dep. R 3 Av. Rio Branco, 109 - Rio

Em
Poços de
Caldas
HOSPEDE-SE NO

PÁLACE
HOTEL

Balneário
próprio, para
uso exclusivo dos
senhores
hóspedes.

Conforto e
Distinção



SÃ MATERNIDADE
CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES
Prof. ARNALDO DE MORAES
3.ª EDIÇÃO PREÇO: Cr\$ 15,00
Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÉDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

Livros

ALJÓFARES, versos de Otoniel Belezza — Belo Horizonte, 1944.

Em breve pós-facio nos explica o poeta porque, tendo começado há tanto tempo a compor e a publicar em jornais e revistas estas peças de espontâneo, fluente e cativante lirismo, só agora lhes dá a forma definitiva — e que tantos poetas não conseguem alcançar — de livro. Exigências duma vida extremamente laboriosa, preocupação de fazer a edição à própria custa, escassez de recursos pecuniários. Para entreter a ansiedade com que esperava o momento da consagração do grande público e dos críticos, ia o sr. Otoniel Belezza enviando porções mais ou menos consideráveis da obra projectada a vultos eminentes da literatura brasileira, que logo lhe respondiam com francos e largos louvores. Assim Afonso Celso lhe reconheceu um "peregrino talento poético, encarecido por escrupuloso esforço". E outros elogios lhe renderam João Ribeiro, Luiz Carlos, Carlos Gomes, Antônio Sales e, entre os vivos, D. Francisco, arcebispo de Cuiabá.

Os Aljôfares veem confirmar em público esses juízos particularmente emitidos. Poeta de ardente inspiração e nobre sentimento, ele próprio define o livro no soneto que lhe dá o título:

Aljôfares... sonhei-os na alvorada
Do meu viver romântico; sonhei-os
De um fulgor estelar, mas sempre cheios
Do ardor do pranto em face macerada...

Sonhei-os... Para te-los, a escalada
Dos astros empreendi, ouvi anseios
Do oceano dos meus males; e de alheios
Martírios vi a trama figurada...

"Aljôfares"... são rócios que a alma chora.
O pudor que a alma em si retém, modesta;
E em gemas cristaliza o coração...

Ha nos carmes que ensaio, de hora em hora,
Raios de estrelas fulgurando em festa,
Mares de pranto soluçando em vão!



SAMOO, romance de D. Bracet — Rio de Janeiro, 1944.



O herói deste romance é um homem civilizado que foi viver no sertão africano e ali se tornou positivamente um super-homem. As aventuras do popularíssimo Tarzan e de seu digno filho dalgum modo se amesquinham diante das de Samoo que, sem ter sido criado entre os leões, logra o poder de os dominar, chamando-os ou mandando-os embora, como cordeirinhos e, em caso de rebeldia, lutando com eles corpo a corpo, até lhes cravar no coração a faca de caçador. Nele a beleza, a bravura e a bondade se correspondem e harmonizam quasi divinamente. E o autor do romance emprega os maiores esforços e um engenho incontestável para tornar esse personagem verossímil e deixá-los supor, vaidosamente, que, em análogas circunstâncias, o mesmo faria qualquer de nós.

Como foi parar ao coração bárbaro da Africa aquele herói de epopéia ou de lenda? Vimos a sabê-lo na última terça parte do volume. Até aí acompanhámos a viagem, aérea para principiar, dum marquês italiano e sua esposa, brasileira de nascimento, acompanhados pela mãe desta senhora. O avião, apanhado por uma tempestade tropical, cai em pleno seio da selva, no Sudão Egípcio. As vicissitudes mais cruéis se combinam contra esses náufragos do ar. Samoo, porém, acode-lhes a tempo. Por eles vence ou ludibria a fúria selvagem dos Hebalgis, dos Haiunas, dos Ambalas. Por eles opera as façanhas mais espantosas. E o sr. D. Bracet, abusando embora, em certas passagens, do pormenor descritivo e da ênfase nos diálogos, consegue conduzir-nos através destas duzentas e cinquenta páginas sempre interessada para não disermos apaixonadamente.

ALÔ, CAXAMBU! impressões de Thomaz de Alvim — Rio de Janeiro, 1944.

O sr. Thomaz de Alvim foi a Caxambú e apaixonou-se pela terra. Não ha nisso novidade. Os enamorados daquele estância mineira constituem a regra geral dos seus aquilões. O que nem todos fazem é traduzir tal afeto nas páginas dum livro. Nesse particular, faz parte o sr. Alvim de bem reduzida minoria que tem por leader o Dr. Henri que Monat com a sua momentosa e profusa obra Caxambú.

O autor de Alô, Caxambú seguiu esse mestre nas lições relativas à origem da localidade, sua nomeada e seu de envolvimento até ha cerca de vinte anos. A esses elementos acrescentou os resultados da sua pesquisa e da sua observação de veranista extremamente empenhado em pagar a cidade das águas o que ela lhe proporcionava, não só no sentido cronológico mas também no panorâmico e no amável. O título do volume provém da circunstancia de havido o escritor as primícias do seu trabalho ao microfone da Rádio local. Formou assim, por entre dados históricos terapêuticos e doutros generos documentais, uma série d' louvores à beleza da terra, amenidade e pureza do seu clima, à indole acolhedora, afectuosa da sua gente. Essas palestras decorrem sempre clara e sinceramente, no estilo intimo dos que falam com o coração nas mãos. Ha uma parte de informações locais que dá ao livro a utilidade prática dos guias. E por tudo o que representam estas páginas — além do mais caprichosamente ilustradas por vários artistas — realmente o sr. Thomaz de Alvim merece, além do bom êxito de livraria, o título de cidadão de Caxambú.

J. L.

Dr. SPINOSA ROTHIER

Membro do Circulo
Médico de Buenos Aires

DOENÇAS SEXUAIS E URENAIS

(Endoscopia, Operações, Eletroterapia, Hormônios Sexuais)

Rua Senador Dantas, 45-B — 9.º andar — Apartamento 902 — Telefone 22-3307.

Novos

A FAMILIA BRONTE — Robert de Traz — Tradução de Adonias Filho. — Capa e ilustrações de Santa Rosa — Editora Pan-Americana — Rio — 1944.

Não se trata aqui da biografia de uma grande escritora, mas da biografia de toda uma família de escritores, mais ou menos célebres.

No Brasil, só ha pouco tempo o público em geral começou a travar relações com esta família genial, mais através do cinema do que propriamente pelos livros, só agora traduzidos. Neste caso, a setima arte constituiu uma boa propaganda para os livros, que logo se seguiram, aparentemente com sucesso a julgar-se pelas traduções das obras dos Bronte, que se sucederam: *Wuthering Heights* e *Jane Eyre* de Charlotte Bronte.

Livros estranhos, sombrios, quasi mórbidos, em que os sentimentos se agitam febrilmente, em que as paixões são trágicas e violentas, e as declarações de amor tem um sabor forte de pacto de morte entre os dois amantes.

Todos os livros mantem essa atmosfera, em que os personagens se agitam, sofrem, morrem (os Bronte matam impiedosamente seus personagens), mas em que o espirito ressurge sempre vitorioso, dominando a frágil matéria e transportando para a eternidade os amores e os ódios iniciados na vida terrena pelos heróis.

Estranhos heróis esses, sempre á beira de tragédias irremediáveis, sempre insatisfeitos nos seus desejos e nas suas realizações. Gente quasi sempre retruída, grave, sofredora.

Poucas véses sentimos nesses livros a sua alegria, a alegria ingenua e simples dos que riem e gostam da vida, podendo vive-la em toda a sua plenitude. Aqui a alegria, quando aparece furtivamente quasi a medo, parece mais o desabafo de um recalque e destoa das cores sombrias, da atmosfera pesada em que se desenvolvem essas obras.

Que fatores teriam determinado essa constante de amarguras e este modo trágico de encarar a vida e o mundo, que se pode facilmente observar nas obras de todos os Bronte?

Que razões tão fortes teria tido toda essa família prodigiosa de escritores, para se conservar tão coerente no modo de conduzir os seus personagens e de escrever os seus livros? E' isto o que o livro que temos em mão pretende mostrar, focalizando a vida dos Bronte, estudando a sua origem e as influencias que moldaram os seus temperamentos.

Pelo fato de não se poder concentrar na vida de um só autor, de não poder ter um tema central, esta biografia de uma família de escritores não poderia conservar uma certa unidade.

São estudadas paralelamente a vida a obra e os caracteres dos Bronte, quer dos que obtiveram nome, quer daqueles que prematuramente foram roubados pela morte ao lugar que certamente lhes caberia na literatura universal: Maria e Elisabeth, prematuramente mortas em consequencia da máu tratos de que foram vitimas na escola de Cowan Bridge.

O desenvolvimento das personalidades dos Bronte, principalmente de Charlotte e Emily, que se tornaram famosas pelas suas obras, a influencia dos diversos fatores que moldaram os seus caracteres e as suas sensibilidades são aqui descritos e analisados.

Apenas nessa parte, na análise, a obra poderia ter sido mais profunda, procurando atentar menos nas circunstancias do ambiente e do meio fisico, e mais nas almas e na sensibilidade dos escritores.

Ha tambem alguns descuidos na tradução que poderiam ser evitados.

E' entretanto um livro interessante e original, condensando a vida e a obra de uma família de escritores de raça.



"RUTA SENTIMENTAL DE RIO DE JANEIRO" — Buenos Aires — Osvaldo Orico — MC MXLIV — Editorial Mundo Atlantico.

Osvaldo Orico, que em Santiago do Chile está exercendo as funções de Conselheiro Comercial junto à Embaixada Brasileira, vem de publicar em puro castelhano um livro de poesia cheio de inspiração, com aquêl titulo. E toda a criação do poeta é plena de bom gosto, fino espírito e muita imaginação: o estado d'alma eleva-o acima das cousas vulgares; o talento exalta-lhe o entusiasmo produzido pela saudade da paisagem, da arquitectura da metrópole, emprestando à sua natureza encantadora o pensamento, o sentimento, a vida, e numa linguagem musical, harmoniosa, bem ritmada, que atrai irresistivelmente o ouvido e toca o coração — linguagem poética por excelência.

Todas las grandes virtudes de la lirica peninsular estan mezcladas y armoniosamente distribuidas en estos poemas de corte clásico.

Dentre os sonetos bonitos, como os sabe compor Osvaldo Orico, e outros poemas urdidos com muita mestria, transcrevemos aqui este belo poemeto:

"LA PALMERA REAL DEL JARDIN BOTANICO

*¡Palmera real
Del Rey de Portugal!*

*Se puso el Rey a plantarte,
Y te digo de mi parte
que saliste una obra de arte.*

*Subiste grácil, delgada,
La escalera de la vida,
Por nobles manos plantada,
Por suelo bueno acogida;*

*De todos agasajada,
Por todos reconocida
— Centinela perfilada
De la Tierra Prometida."*



E com este primor de graça, de encantamento, compôs todos os seus poemas.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Alivio Imediato Para a Eczema. — As Mais Obstinadas Erupções Combatidas Em Pouco Tempo

Sua pele está sempre sob os olhares de outras pessoas. É portanto essencial para a sua boa aparência, uma pele perfeita, livre de irritações ou inflamações, vermelhidões, etc.. Si V. notar um ardor constante em sua pele, coceiras ou tumescências que se transformam em escamas esbranquiçadas, deve procurar imediatamente alivio eficaz e seguro, porque esses sintomas são causados pelas eczemas e psoriasis — as mais obstinadas e rebeldes molestias da pele. Numa clinica de pele de um grande hospital, foi descoberto um novo e moderno tratamento científico: o emprego de BELZEMA, para eczematides obstinadas, psoriasis, erupções da pele, coceiras rebeldes, etc.. BELZEMA é uma nova forma de pomada, não gordurosa, que penetra na

pele para combater diretamente a causa do mal. BELZEMA faz cessar as coceiras imediatamente, não é visível nem sentida quando aplicada. BELZEMA não mancha a roupa e não requer ataduras.

Em alguns casos de doenças da pele já muito antigas, BELZEMA foi aplicada e as coceiras cessaram imediatamente, e em pouco tempo a pele tornou-se limpa e nova.

Use BELZEMA hoje ainda e sentirá alivio. Continue a usar BELZEMA até sua pele tornar-se novamente limpa e macia.

BELZEMA



antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas senhoras modernas para a sua HIGIENE INTIMA.

de Radio

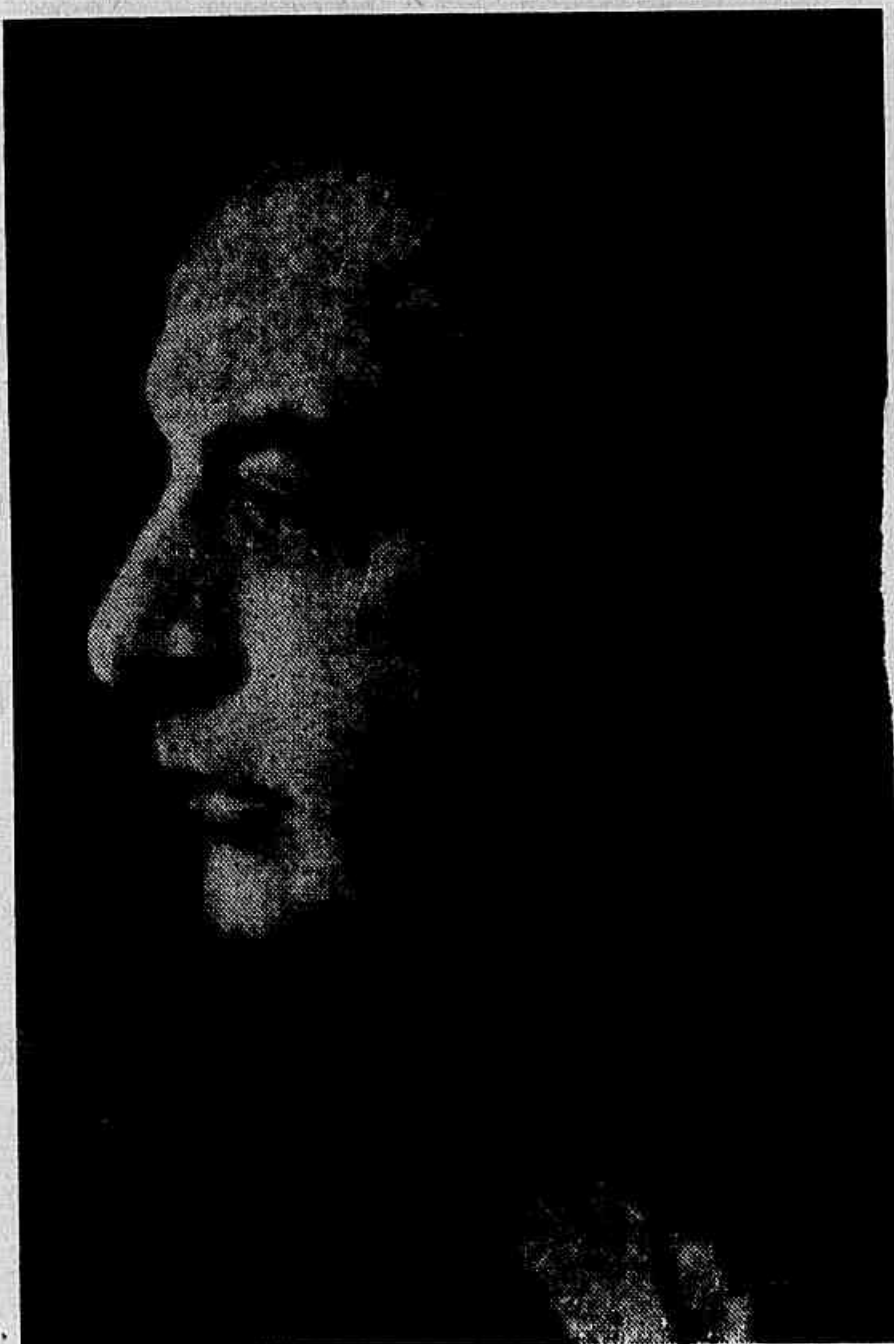
Impotencia hertziana

DJALMA MACIEL

QUANDO o radio começou a tomar impulso entre nós, firmando-se no gosto do grande publico pela novidade das apresentações artisticas e informativas, houve muita gente que franziu os sobrolhos na Imprensa, antevendo no futuro terríveis lutas de concorrência. Era um novo veículo de propaganda, de educação, que aparecia prestigiado pelo espírito progressista e inovador da época e sobretudo garantido pelo desenvolvimento da técnica. Temiam-no os escribas ameaçados de ficar sem leitores; passaram a odia-lo, desde logo, as gerencias, de jornais. Nasceu, pois, desse receio — e não por outros motivos, conforme já se afirmou — a rivalidade entre o Radio e a Imprensa, a antipatia dos discipulos de Gutemberg pelos alunos de Hertz. E, realmente, havia elementos justificando a probabilidade do choque. Orientado num sentido de servir à cultura do país, auxiliando ao mesmo passo o crescimento de suas riquezas, bem poderia o radio fazer, desde início, algo superior às realizações do jornalismo. Valores intelectuais sobravam por aí, quasi inteiramente despresados pela mentalidade rotineira das folhas impressas, sempre desejosas, então, de obter a melhor colaboração com o mínimo de despesas. O radio aparecia sem recalques; despido de prevenções politicas; isento de tradições que lhe servissem de peias. Possuía dinheiro e queria empregalo de qualquer maneira para crescer, desenvolver-se, dominar. Entretanto...

Entretanto, foi buscar muito em baixo o que devia e podia conseguir muito em cima. Tornou-se paraíso

de nulidades, quando todo o mundo pensava que se constituiria em reduto de sumidades. Afastando, com isso, o interesse das camadas pensantes da população, perdeu o ensejo de abalar os alicerces da Imprensa e deu a esta o estímulo que estava precisando para evoluir. Por outro lado, se era impossível aos sambistas pleitear alguma



EUGEN SZENKAR

coisa na existencia dos jornais, não foi difícil aos jornalistas a infiltração nos estudos, primeiro simplesmente a titulo de curiosidade, depois com a segura deliberação de formar uma 5.ª coluna do pensamento escrito no meio da burrice falada...

O resto, sabem-no bem os leitores. Atualmente, as realizações deveras interessantes do *broadcasting* nacional são obras de homens da Imprensa, pelo menos em proporção de oitenta por cento! Dissipou-se o temor de prejuizo nas gerencias dos grandes órgãos, porque o publico dos jornais não dispensa o comentario, a riqueza de informes que só a folha impressa é capaz de fornecer. O radio não criou embaraços à prosperidade da Imprensa, nem os poderá criar dagora em diante. Senão, considere-se como prova eloquente dessa impotencia o fato de que os jornais estão comprando todas as emissoras e nenhuma delas ainda comprou qualquer jornal...

alô... alô...

— Tem-se como absolutamente certa a mudança de nome da Radio Transmissora, recém-adquirida pelo vespertino O GLOBO. A excelente estação carioca ocupará um dos logares de maior destaque no *broadcasting* carioca.

— Um sopro de bom-senso renovador passou pela velha Guanabara... e lá se foram, de catrambias ao ar, todas aquelas esquisitices hertzianas no meio das quais pontificava a voz anti-estética do sr. Xavier de Souza. Ah, que alivio para os ouvintes do *Radio-bino-culo!*...

— Exitos, em todos os sentidos, é o programa Campeonato Brasileiro de Calouros, comandado na onda Nacional por Almirante. A seleção rigorosa dos candidatos e a ausencia absoluta de graça a titulo de "animação" fazem daquele programa um empreendimento serio, honesto, realmente objetivando servir ao nosso *broadcasting*.

A nossa Capa

As comemorações ao dia de Caxias realizam-se, este ano, em ambiente de muito maior entusiasmo. E' que os nossos jovens patriotas já se encontram em seus postos, além-mar, prontos a se desobrigarem da missão historica a eles confiada pelo Brasil, e nesta hora decisiva, é quando a imagem do patrono do Exército mais se agiganta, impondo-se pela grandiosidade de sua propria personalidade. Por isso mesmo, a sobre-capa do presente número vem a ser também de homenagem ao General Luiz Antonio de Lima e Silva, simbolo e exemplo que os valorosos brasi-

— Com um simples toque reconheço **é Sabonete LEVER!**

AMIGA: - Acertou! É Sabonete Lever. Como descobriu?
ELA: - Foi muito fácil! Reconheci o Sabonete Lever pela sua deliciosa suavidade.
AMIGA: - Você sabe porque Lever é feito assim?
ELA: - Sim. É para que possa produzir espuma **n** um instante. Veja: bastam cinco ligeiras fricções, para surgir logo rica e abundante espuma. E com a mesma rapidez com que surge, a espuma se espalha sobre a pele, absorvendo e removendo as impurezas e os resíduos da "maquillage".
AMIGA: - Cinco fricções apenas? Explêndido! Então gasta pouquissimo!
ELA: - Naturalmente. Por não ser preciso esfregar bastante, Lever gasta muito pouco. Porisso é econômico e duravel, qualidades que se podem constatar, marcando-se o dia em que entra em uso. E não é só: Lever é o delicioso sabonete recomendado por 9 entre 10 estrêlas do cinema, às pessoas que desejam uma cutis macia e juvenil.

LEVER - o sabonete das estrêlas!



leiros estão, agora, seguindo nos campos de batalha. Essa sobre-capa, por sua vez, é a reprodução de um interessante quadro a óleo, de autoria de Luiz Gomes Loureiro, gentilmente cedido á REVISTA DA SEMANA pelo sr. Antonio Luiz de Freitas Pereira, chefe do Gabinete Foto cartográfico do Ministerio da Guerra. Trata-se de um trabalho que sobremaneira ha de interessar a todos os nossos leitores, aos mais velhos, que desde as bancas escolares se acostumaram a sentir de perto os fastos heroicos do bravo soldado, e aos mais moços, que agora se iniciam nesse espirito de veneração.

Aniversários da Semana

20 — Senhoras: D. Adelaide Meira Lima. Senhores: General Alipio Virgílio di Primo, almirante Eduardo Augusto de Brito, dr. Abner Mourão, coronel Cyro do Espírito Santo Cardoso, dr. André Belluci, coronel Lourival do Carmo, dr. Gentil de Castro, dr. Rui Carneiro.

21 — Senhoras: D. Joaquina Simões. Senhores: Dr. Evandro Viana, Adolfo Batista Nogueira, Aderbal Novaes, Renato Adolfo Pena Barros, major Romulo Pacheco d'Avila, Mauricio Abramant.

22 — Senhora: Francelina Silva Moraes. Senhorinha Gloria da Mata Pais. Senhores: Dr. Alcides Lintz, major Raul de Albuquerque, major dr. Luiz de Castro Vaz Lobo de Castro Leal, dr. Eitel Pinheiro de Oliveira Lima, cap. tã Tindoro de Oliveira Dias, Gladstone Honorio de Almeida, Antonio Alberto Pereira de Aguiar.

23 — Senhoras: Odete de Figueiredo Balceiros, Mariana de Barros Nogueira, Hibelantina Ramos de Araujo. Senhores: Dr. José Malher, coronel Apol Neto, dr. Jacinto Coelho, dr. Abadie Faria Rosa, dr. Luiz Capriglioni.

24 — Senhoras: Margarida Mendes Franco, Lilinha Fernandes. Senhorinha: Elza Cavalcanti de Albuquerque, Yara Eunice Ferreira de Abreu. Senhores: Dr. Artur Faveret, dr. Jorge Santana, dr. Paulo Ribeiro, F. C. Scovile, Dom João Braga, dr. Apolonio Sales.

25 — Senhoras: Elvira Lima de Figueiredo. Senhores: Dr. João de Melo Cunha, dr. Waldemar Ferreira, dr. Oscar da Silva Araujo, coronel Lindolfo Rodrigues de Assis Paiva, dr. Francisco Rodrigues, dr. Inacio Francisco de Carvalho, dr. Alvaro C m nha, Ernani Cunha, dr. Israel Couto, dr. Rubens Maximiliano de Figueiredo.

26 — Senhora: Irene da Silva Melo Carvalho. Senhorinha: Sara Lura Galo. Senhores: Dr. Otavio Mangabira, desembargador Odilo Costa, capitão de mar e guerra Tiers Fl ming, dr. J. M. Ribeiro Junqueir, J. me de Oliveira Ferreira, Francis Walter Hime, Euclides Vitória Rios, capitão Frederico Trota.

Fez anos no dia 13 do corrente a senhorinha Vera Mendes de Moraes.

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

Antimagnético

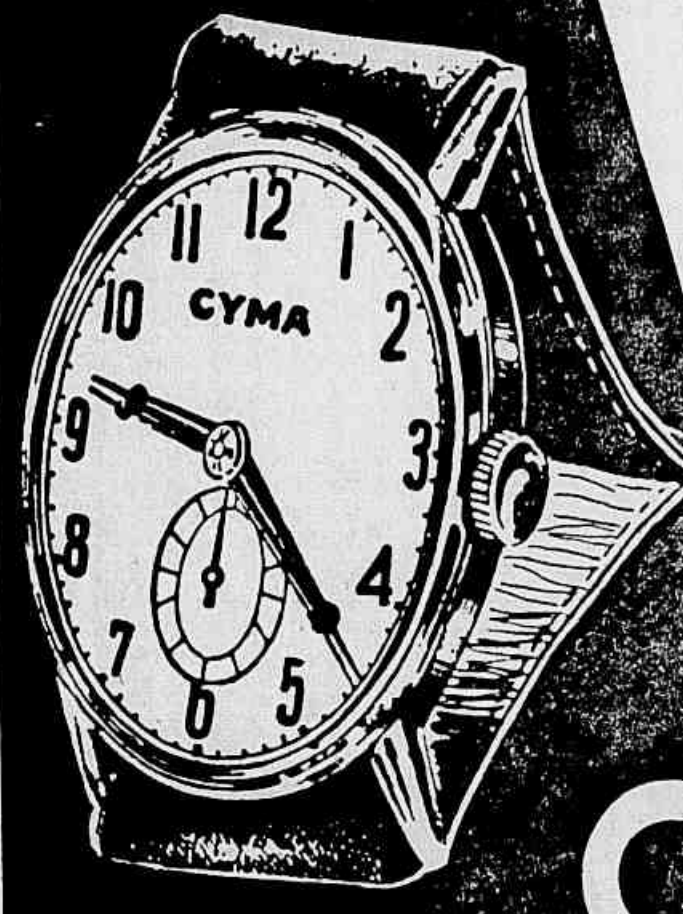
DE FAMA MUNDIAL

PRECISÃO

DURABILIDADE

ELEGÂNCIA

NENHUM RELÓGIO
LHE DARÁ TANTA
SATISFAÇÃO COMO
O RELÓGIO CYMA.



CYMA

PERFUME

Reve Rose

SONHO QUE SE TORNOU REALIDADE!



T. TARQUINO

A VENDA EM TODO O BRASIL



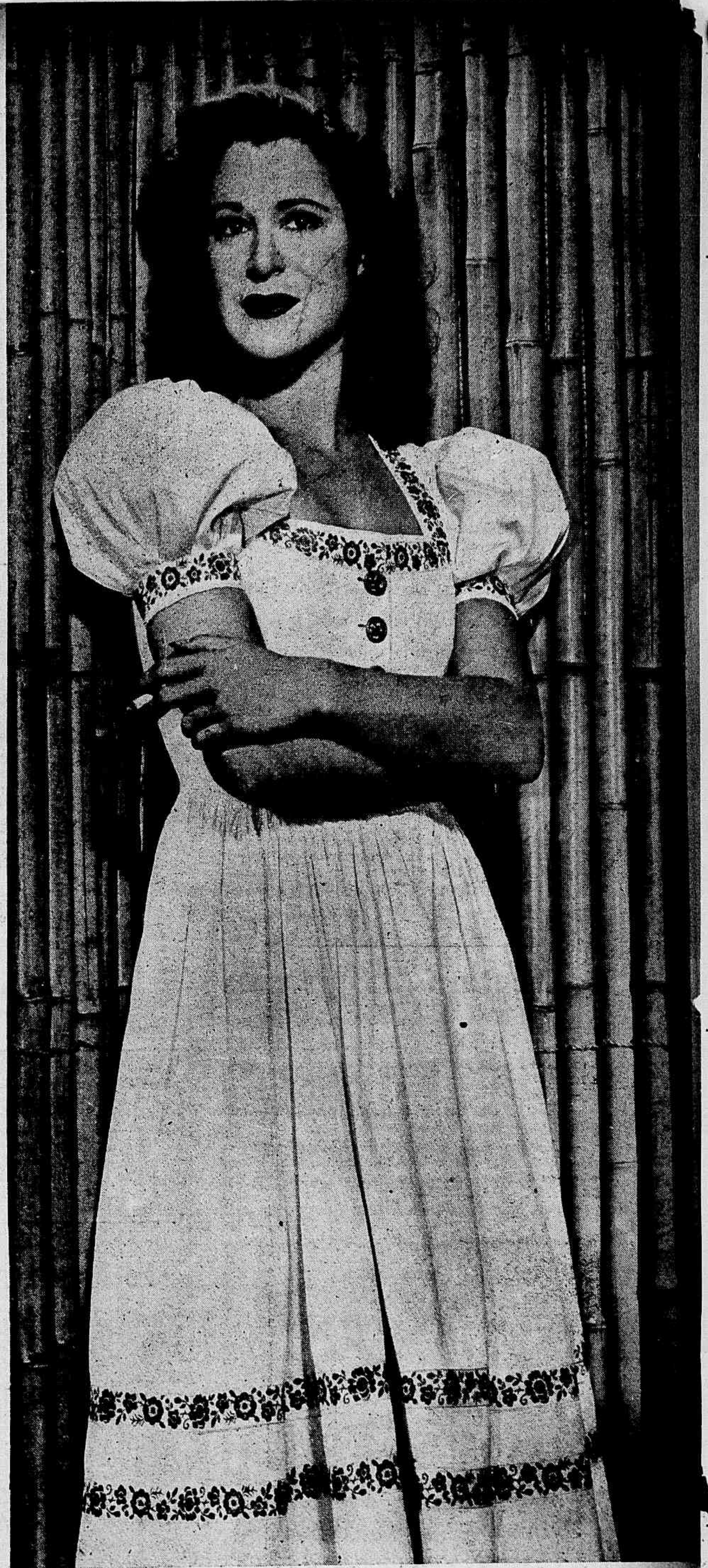
Ginger Rogers, da RKO, apresenta o mais recente modelo de calça feminina, em sêda grossa e preta, enfeitada com bordados em branco, na parte das alças. A blusa, em lingerie, trabalhada com todo o esmero — mangas folgadas presas no punho. A bonita “estrela” tem seus encantos muito realçados nesse traje, cuja confecção demanda apenas bom gosto e habilidade. De resto, ela sempre foi das que melhor vestem, com simplicidade e elegancia.



Phyllis Brooks, da Paramount, serve às leitoras um “tailleur” que ainda pode ser aproveitado neste fim de inverno, principalmente para os lugares altos onde a temperatura ainda não começou a elevar-se. Galões de agasalho em péle, artigo do qual é também confeccionada a bolsa, de grandes proporções, como se usa agora. Casaco aberto, que ao ser retirado dará um efeito mais leve e arejado à indumentaria. Proprio para passeio á tarde ou pela manhã.



Ahn Sheridan, da Warner, é outro modelo-vivo de irresistíveis encantos, entre os muitos. cada qual mais atraente, que Hollywood possui. Ai a vemos, com o seu sorriso discreto, num vestido de alta *toilette* que nossas leitoras devem admirar por certo. Saia e blusa em quatro costuras, apanhadas na frente, delineando os quadris e o colo. Alças disfarçadas com uma curiosa echarpe, presa ao vestido, ornada com um ramo de flores. E luvas pretas compridas.



Kitty Carlisle, da Warner, apresenta um vestido leve, para campo. De preferencia aconselhado para mocinhas, embora a "estrela" nele apareça tendo o cigarro entre os dedos... Feito o vestido em linho, ou outro tecido leve, bem armado, pode realçar ainda mais com os bordados, sendo que o mesmo desenho deverá cobrir os botões. Duas filas de bordados na saia emprestam maior efeito ao conjunto da graciosa artista da tela.

Mão sangue (Continuação da pág. 31)

— Volta! Não teima, insistiu Libanio.
Ele fez um gesto e, rebuscando o saco que trazia às costas, puxou-o à frente, tirou uma cuia, tomou-a a mãos ambas, acenou com ela à boca, derreando a cabeça em menção de beber e, com toda a força que lhe restava, arquejou:

— Água!

— Vai beber no inferno, seu sangue ruim! respondeu o capitão. O velho murmurou comovido:

— Isso é falta de caridade, gente.

— Uáil chasqueou Redomão, vosmecê está com pena? Apois... porque não vai lá? O velho deu d'ombros e, enchendo o cachimbo, tornou vagarosamente ao alpendre, resmungando.

— Ah! você não volta? rugiu Libanio. Um tiro atroou, rolou no silêncio do descampado. O velho precipitou-se na estrada e ainda pôde vê-lo infeliz que fugia a correr, com o saco a saltar-lhe às costas, sempre seguido do cão. E os caboclos riam às gargalhadas sapateando no pó.

— Este foi só mod'assustar, disse Libanio, mas se ele teimasse o outro ia mesmo, duro. Pr'a longe, sangue danado!

Regressaram todos ao alpendre e o velho, em resposta à troca que lhe fizeram, engrolou meio desapontado:

— Eu não digo que não acredite, mas uma sede d'água não se nega a ninguém, um inimigo que seja.

— Uáil! E vosmecê não estava a? como não foi levar?

— Não vê! exclamou um da roda. Falar é uma coisa. Esse é dos tais que empurram a gente p'r'o fogo e ficam agachados no mato mordendo cartuchos. O velho meneou com a cabeça sorrindo e, acendendo o cachimbo, recolheu-se, de novo, ao seu canto, junto ao poial. Redomão, sempre alegre, atirou-lhe uma palmada ao ombro.

— E' assim mesmo, compadre! Deixe lá! Seg'ro morreu de velho. De tôlo é que você não tem nada. E, ajustando ao queixo a barbêta do chapéu, sa u do alpendre. Bom, gente, a prosa está boa, mas o serviço está me chamando. Até amanhã!

Foi ao telheiro, puxou o pangaré pelo cabresto, montou-o dum salto e, picando-o rijo, sacudiu o braço num adeus geral. O cavalo arrancou em galope arrojado.

Uma nuvem de poeira levantou-se na estrada, houve um desabrido ladrar de cães e, de novo, o silêncio caiu na reverberação entorpecida e estuante do sol.

(Do livro BANZO)

A aventura do pernetá

(Continuação da página 45)

ter ocultado... Já não tenho dúvidas sobre que espécie de tarefa é aquela em que está empenhado o inventor Holster...

— Mas...

— Mas há aqui muita conversa. Anda se falando muito.

— O senhor nada sabe. Não pode saber, porque eu mesmo nada sei, replicou Lupton. Não sei qual é o segredo que Holster encerra naquele seu escritório particular.

— Pois é muito pouco inteligente, nesse caso...

O "tal" que não usa LIFEBUOY



Cuidado! Se as cousas não lhe correm bem, tudo pode ser devido a odores desagradáveis, que Você não sente, mas os outros sim! Comece a usar Lifebuoy, cujo elemento purificador especial...

ASSEGURA SEU 'ASSEIO CORPORAL'!

LINTAS LH-78-0220 A.

— Oh! E não sei o que tem isso a ver com Holster. Não sei o que esse simples fato do senhor saber por mim que um certo lugar encerra certas máquinas pode influir... Não sei o que tem isso a ver com o inventor...

— Pois deveria saber, meu amigo. Pois deveria saber. E, agora, vai nos dar licença. Quero falar com o diretor do pessoal, Bernard.

IV

MAIS UM INDISCRETO

Lupton acompanhou-os ao escritório de Bernard, sob o pretexto de que precisava perguntar alguma coisa ao diretor do pessoal. E, de fato, mal entraram no escritório deste, Lupton perguntou:

No Restaurante das Tribunas Especiais do Hipodromo da Gavea



OS AFICIONADOS DO "TURF", QUE NO HIPODROMO DA GAVEA PROCURAM SEMPRE NOVAS EMOÇÕES, LOTANDO AS DEPENDÊNCIAS DO MAIS BELO PRADO DE CORRIDAS DO MUNDO NOS DIAS DE "MEETINGS", ENCONTRAM ALI, DESDE A HORA DA ABERTURA DOS PORTÕES, UM "BUFFET" BEM MONTADO E IMPECavelmente SERVIDO POR COMPETENTE PESSOAL. ESTE É O RESTAURANTE DA TRIBUNA ESPECIAL, ONDE OS ELEGANTES "TURF MEN" PODEM ALMOÇAR OU FAZER UM "LUNCH", ESCOLHENDO OS PRATOS DO VARIADO "MENU" QUE ALI É APRESENTADO. ESTE MODELO ESTABELECIMENTO OBEDECE À DIREÇÃO DE SEU PROPRIETÁRIO, SR. ANGELO FERNANDES GONZALEZ, FIGURA POR DEMAIS CONHECIDA NOS CIRCULOS COMERCIAIS POR SER TAMBÉM O DONO DA CASA HANSEATICA, UM DOS BARS-CAFÉS-RESTAURANTS MAIS FAMOSOS DO RIO. O CLICHÉ QUE ACIMA ESTAMPAMOS FIXA UM ASPECTO DO ALMOÇO DO RESTAURANTE DO HIPODROMO DO JOCKEY CLUB, NO DIA DA DISPUTA DO GRANDE PREMIO BRASIL.



Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

— Onde está Holster?
 — Como é que eu hei de saber? replicou o diretor, que era caolho. Como hei de saber? Pois se há muito tempo que o procuro... Não sei!
 — Mas procura-o para que?
 — Para dizer a ele que aqueles operários que ele mandou vir especialmente de Norfolk já estão esperando para executar o trabalho.
 — Bem, esses senhores aqui teem a ideia de que Holster está na fábrica, em apuros...
 — Apuros? Não entendo. O que ele está fazendo é secreto; é natural que se oculte para fazê-lo...
 — O que ele está fazendo não é mais seredo, Sr. Bernard. Cada um dos senhores: Srta. Muller, Sr. Lupton e o senhor, que dizem nada saber, forneceram um dado e agora nós sabemos o que ocupa o inventor...
 — Mas Holster está trabalhando dentro de uma verdadeira fortaleza...
 — Lembra-se do que aconteceu à linha Maginot?
 — Eu acho melhor nós irmos imediatamente ao lugar onde se acha o escritório particular de Holster. É possível que ainda não seja tarde demais, disse, por fim, Ellery.
 E o inspetor ecoou:
 — É possível...
 Mas não parecia ter muitas esperanças...

V

APRESENTANDO O PERNETA

Mandando desligar a corrente que impedia qualquer pessoa de poder galgar o muro de pedra, Ellery arranjou uma escada e conseguiu galgar o muro. Mas qual não foi sua surpresa quando descobriu que, dentro de uma espécie de páteo interno de terra fofa, havia pegadas *impossíveis*. Era um pé somente, o direito, caminhando em direção à porta do quarto onde supunha-se estar o inventor, e voltava, dando uma curva grande da porta do quarto ao local donde partira, perto da parede.

Olhavam Ellery e os seus companheiros, perplexamente para as pegadas quando descobriram que uma das janelas estava meio aberta e, através das grossas barras de aço que a protegiam, permitia que se visse o que estava se passando dentro do quarto. Viram um leito a um canto e o corpo de um homem deitado. Um homem pernetta.

— Holster!
 — Parece estar morto!
 — Meu Deus!
 — Vamos arrombar a porta. Graças a Deus a porta de dentro, que dá para o quarto, não é de aço...
 — Vamos!



A de sua cabeça!...
 Ninguém é mais jovem que seus próprios cabelos... Principalmente as senhoras.

Cabello sem vida, opaco e escasso, significa velhice, embora se tenha vinte annos... Cabello vivo, abundante, brilhante, é juventude — embora se tenha cinquenta!...

Uma fricção diária com TRICÓFERO DE BARRY, antes de pentear-se, não só dá brilho e maciez ao cabelo, como defende-o contra a caspa e evita o encanecimento prematuro e a calvície.

Em todas as idades — da infância à velhice — TRICÓFERO DE BARRY é recomendado para amaciar o cabelo, facilitar-lhe o penteado e evitar-lhe a queda.

Tricófero de BARRY

Que Dôres De Cabeça!

As dores de cabeça e nevralgias acalmam-se e aliviam-se friccionando as fontes e a testa com Mentholum. Sentirá logo uma agradável sensação de frescura e bem estar. Instala sempre no legítimo



MENTHOLATUM

O MAU HALITO-INIMIGO DO ROMANCE



VOCÊ PODE TER MAU HALITO SEM SABER!

A espuma de Colgate contém o novo ingrediente que penetra até às fendas escondidas entre os dentes. Livra-as dos resíduos dos alimentos e das bactérias que são a maior causa do mau hálito, dos dentes embaçados e amarelos das gengivas moles e das cáries dolorosas. Por isso é que Colgate limpa realmente os dentes, embeleza, conserva as gengivas firmes e saudáveis e o hálito perfumado. Comece a usar Colgate hoje mesmo.



Tamanho Gigante DUPLA ECONOMIA

Os mais belos sorrisos... são sempre sorrisos Colgate!

Iam caminhando para a porta, quando esta repentinamente se abriu e um homem, pernetta, com uma metralhadora em punho, olhando-os com desconfiança, berrou:

— Alto!
 Ellery exclamou:
 — Holster!
 — Quem é você? gritou o inventor.
 — Sou Ellery Queen, detective especial, a mando do governo.
 — Prove! Onde estão suas credenciais?
 — Ei-las!
 — Para traz!
 — Pronto!
 O inventor leu rapidamente as credenciais. Sua desconfiança desapareceu.
 — Desculpe, Sr. Queen, mas é preciso muito cuidado e...
 — Compreendo.

— Chamei-o porque descobri que um espia tinha estado aqui. Pela janela pude ver que havia pegadas dirigindo-se para cá. Assustei-me e telefonei para Washington.

— Sr. Holster, sinto ter que avisá-lo que seus empregados andam espalhando informações sobre o trabalho que o senhor está fazendo.

— Como assim? Pois se eles nada sabem...
 — Porem me deram toda a informação necessária. A Srta. Muller me disse que o senhor estava fazendo os planos. Ora, por que faria o senhor os planos? Por que

teria todo o trabalho? É lógico, portanto, que se trata de uma arma secreta. Mas que arma? Lupton disse que o senhor estava muito preocupado com a ameaça dos submarinos. Bernard falou em operários vindos de Norfolk, uma base naval. Norfolk? Submarinos? Arma secreta? Não é lógico inferir que o senhor está fazendo uma arma secreta contra os submarinos e que, para isso, pediu operários especializados, vindos de Norfolk? E a n a mais: diante de nós, os seus auxiliares mencionaram que estava tudo pronto para começar o trabalho. Logo, o inimigo pode saber, também, que o senhor está pronto para começar a produzir...

Holster ficou pensativo:
 — Essas pegadas na terra... Já fui visitado pelo espia... A situação está mais grave do que esperava.
 — De fato.

— Mas, em todo o caso, eu tenho que acabar os planos. Acabei de desenhá-los. Porem tenho que fazer uma duplicata deles para mandar para Washington. De modo que vou trabalhar imediatamente.

— Os planos já acabados, onde estão?
 — Ali sobre a mesa, naquele envelope azul.
 — Cuidado com eles, Sr. Holster.
 — Tomarei todo o cuidado necessário.

— Bem, se o senhor precisar de mim, estarei no hotel próximo da fábrica. Conhece?

— Conheço. O seu nome?
 — E' Ellery Queen. Porem registrei-me lá com o nome de Hilary King.

(Continua na página 55)



Os homens não esquecem...

UM ROSTINHO SIMPÁ-
TICO COM UMA CUTIS
MACIA E SAUDÁVEL! SE-
JA UMA "LEMBRANÇA
INESQUECÍVEL" NO SEU
AMBIENTE, CORRIGINDO
OS DEFEITOS DA SUA
CUTIS COM O



OLEO de VIOLETAS

de Mme. GRAÇA

REPRESENTANTES: ESPANHA PARAMES & IRMÃO SUA DA ALFÂNDEGA 120

TÔNICO PODEROSO, QUE DÁ À PELE
AS VITAMINAS NECESSARIAS À SUA
BELEZA.
CATALOGO GRATIS
PELO CORREIO

**SABONETE
HIGIENIC**

HIGIENIZA
O CORPO E AS MÃOS
CR\$ 1,90



ENIGMA é o nome des-
te vestido em jersey
negro drapeado preso
em sentido vertical na
frente, com um laço na
cintura. Na cabeça
toque em forma de
mantilha.

Rotenol

NÃO HA MELHOR SABONETE
SEJA QUAL FÔR O PREÇO

A presentamos as nossas lei-
toras alguma coisa muito
CHIC da coleção Lelong que
continua a manter aquele refi-
namento discreto das criações
verdadeiramente parisienses.



incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

A aventura do pernetá

(Conclusão da página 53)

— Vou tomar nota. Onde estará minha lapiseira de ouro? Perdi-a. Ora essa! Senhorita Porter, quer ter a bondade de me dar um desses lap's sobre a mesa?

Nikki obedeceu.

— Pois não.

— Obrigado.

— Bem. Nesse caso, está tudo resolvido.

Mas Ellery protestou:

— Tudo, menos o caso da lapiseira...

— Como assim?

— Onde estará ela? Num caso como estes, tudo tem importância! Procuremos a lapiseira!

Impressionado pelo tom de Ellery, o inventor procurou com os olhos, por sobre os papéis, em cima da cama, mas nada encontrou. Nikki, porém, que fôra procurar debaixo da mesa, disse:

— Aqui está ela!

Holster colocou-a no bolso.

Ellery desculpou-se.

— De fato, não tinha importância...

Despediram-se do inventor. Holster prometeu chamá-los caso acontecesse alguma coisa. Acompanhou-os até a porta.

Ao se afastarem, o inspetor perguntou:

— Por que você fez tanto barulho a respeito da lapiseira, Ellery?

— Para ter a oportunidade de cometer um crime seriíssimo...

— Qual foi o crime?

— Mais tarde você saberá...

VI

Quando Ellery soube que um incêndio terrível queimara o escritório particular de Holster, correu para lá. A porta estava trancada. O fogo começara em torno do corpo de Holster que morrera queimado. Quando o cavalheiro de Washington chegou e pediu contas a Ellery pelo que acontecera, este respondeu que não pudera evitar o crime mas que poderia dizer qual era o criminoso.

CHEGAMOS À SOLUÇÃO. TODOS OS FATOS ESTÃO EXPOSTOS. TODAS AS PISTAS INDICADAS. SÓ RESTA SABER QUEM E COMO MATOU HOLSTER E QUEIMOU OS PLANOS. SERÁ QUE O AMIGO LEITOR É CAPAZ DE DESCOBRIR-LO ANTES DE LER A SOLUÇÃO?

O criminoso, explicou Ellery, só poderia ter entrado pelo muro, pois a chave da porta estava com Holster. Nesse caso, ele teria que desligar a eletricidade e, para isso, precisava ser empregado na fábrica e pessoa com autoridade. O criminoso entrou no recinto e atirou uma bomba incendiária no escritório de Holster. O fogo começara em torno do corpo de Holster, que tinha no bolso. Que? Uma lapiseira. Nessa lapiseira devia estar a bomba. É um truque velho.

Agora vamos por outro lado. Um homem que tem um pé só não poderia fazer aquelas pegadas, porém um homem de dois pés usando dois pés direitos do sapato poderia fazer isso andando com um pé na frente, do outro. Pois bem. Mais há um erro essencial. Qual é? Para completar a ilusão que as pegadas eram de Holster deveria haver sinal de uma muleta. Por que o criminoso não usou muleta? Porque deveria apoiá-la debaixo do braço esquerdo. Porém não podia. Porque não podia? Qual a única pessoa importante, na fábrica,

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papeis

BANKETS



BRONZISOL
ANTISOLAR

De Mme. Campos

FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL

A VENDA EM TODA A PARTE

que não podia? Lupton que não tinha esse braço! Sim. Lupton que é o espião!

E assim, senhores, está resolvido o caso do pernetá.

— Tudo menos uma coisa, protestou Nikki.

— E qual é essa coisa?

— O crime que você disse que cometeu... Que crime foi esse?

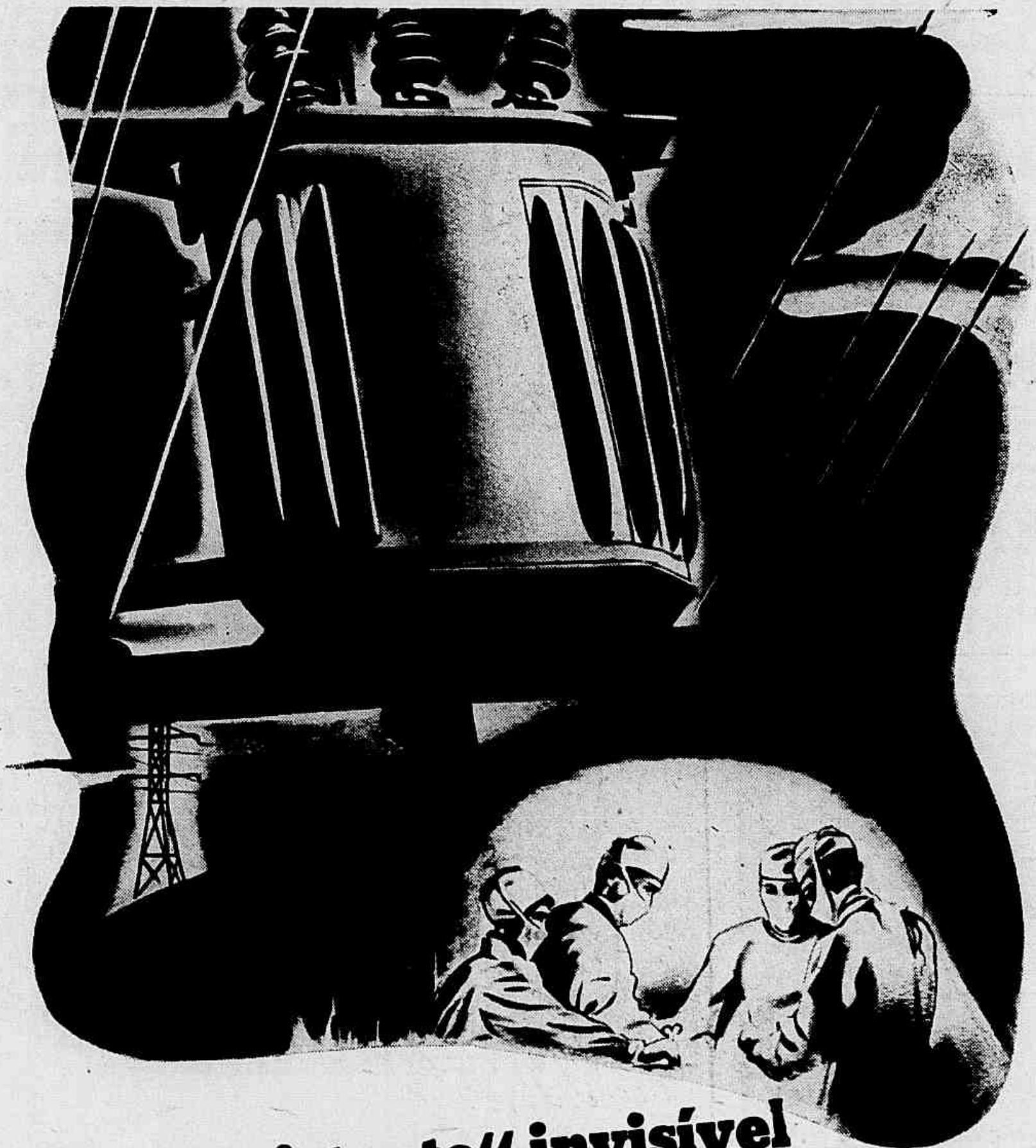
— O espião Lupton já deve ter enviado para o ex-

trangeiro os planos da arma secreta... Pois não adiantou nada com isso. Roubei os planos enquanto vocês procuravam a lapiseira de Holster e substituí-os por outros, falsificados.

E, virando para o homem de Washington, Ellery disse:

— Ei-los!

O homem soltou um suspiro de alívio.



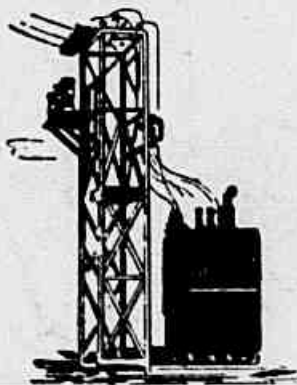
Um "assistente" invisível

NA SALA DE OPERAÇÕES!

Além do cirurgião que maneja firme o bisturi e dos enfermeiros que o auxiliam, há mais alguém trabalhando para salvar uma vida! Ninguém o vê, mas os serviços que presta são inestimáveis.

Transformador é o seu nome. E graças a esse aparelho da General Electric, o cirurgião dispõe da luz necessária, trabalha na temperatura amena proporcionada pelo ar condicionado e conta com os serviços prestados por esterilizadores, bisturis elétricos e cauterizadores.

E em cada dia que passa a corrente elétrica fornecida pelos transformadores permite que a medicina utilize novos processos para combater muitas enfermidades, aumentando assim o nosso nível de saúde e a nossa felicidade.



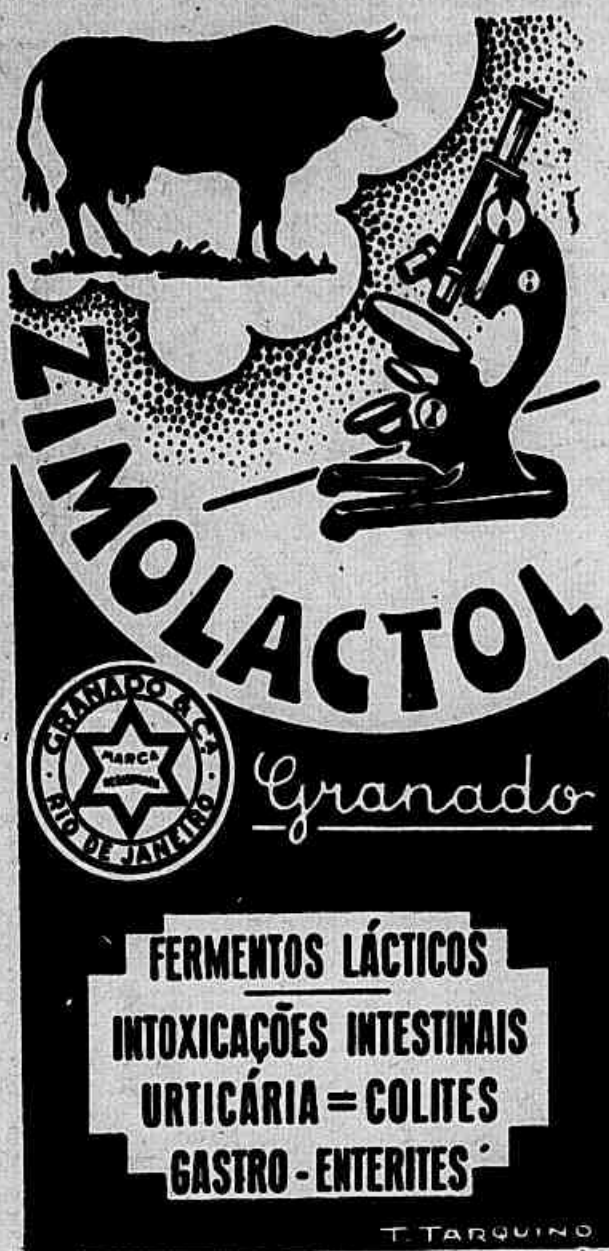
Embora trabalhando para as forças armadas das Nações Unidas, a General Electric continua a todo fazer para fornecer a aparelhagem indispensável ao bom funcionamento das sub-estações distribuidoras de energia elétrica no Brasil.

GENERAL ELECTRIC

LÍDER DA INDÚSTRIA DA ELETRICIDADE



"O MUNDO DE AMANHÃ" e o novo e movimentado programa apresentado pela General Electric S. A. Ouça-o, sintonizando todas as sextas-feiras, às 21 horas, a Rádio Tupi do Rio de Janeiro.



ZIMOLACTOL
Granado

FERMENTOS LÁCTICOS
INTOXICAÇÕES INTestinaIS
URTICÁRIA = COLITES
GASTRO-ENTERITES

T. TARQUINO

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo
Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pílulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

OLEO FIGADO BACALHAU "ESTRELLA"



RICO EM VITAMINAS
JOHN WYMAN
LONDRES

A venda nas principais Drogarias e Farmácias em

Litros e ½ litros

Repr.: W. G. WILLS
Rua México, 98 — RIO

HEMORROIDAS E VARIZES

TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO

Após longos estudos foi descoberto um remédio de componentes vegetais, que permite fazer um tratamento, com ótimos resultados, das hemorroidas e varizes. **HEMO-VIRTUS** é o nome desse remédio, que para hemorroidas internas e VARIZES deve ser tomado na dose de 3 colheres de chá por dia. Para as hemorroidas externas, usa-se o **HEMO-VIRTUS**, pomada. Comece hoje mesmo e leia com atenção o tratamento na bula. Não o encontrando em sua farmácia peça-o ao depositário. CAIXA POSTAL 1.874 (UM-OITO-SETE-QUATRO) S. PAULO

HEMO-VIRTUS

Feira de cal em Búrgos



Conde sem dente.



Dona Esther Lina



É d'ele ciôse...



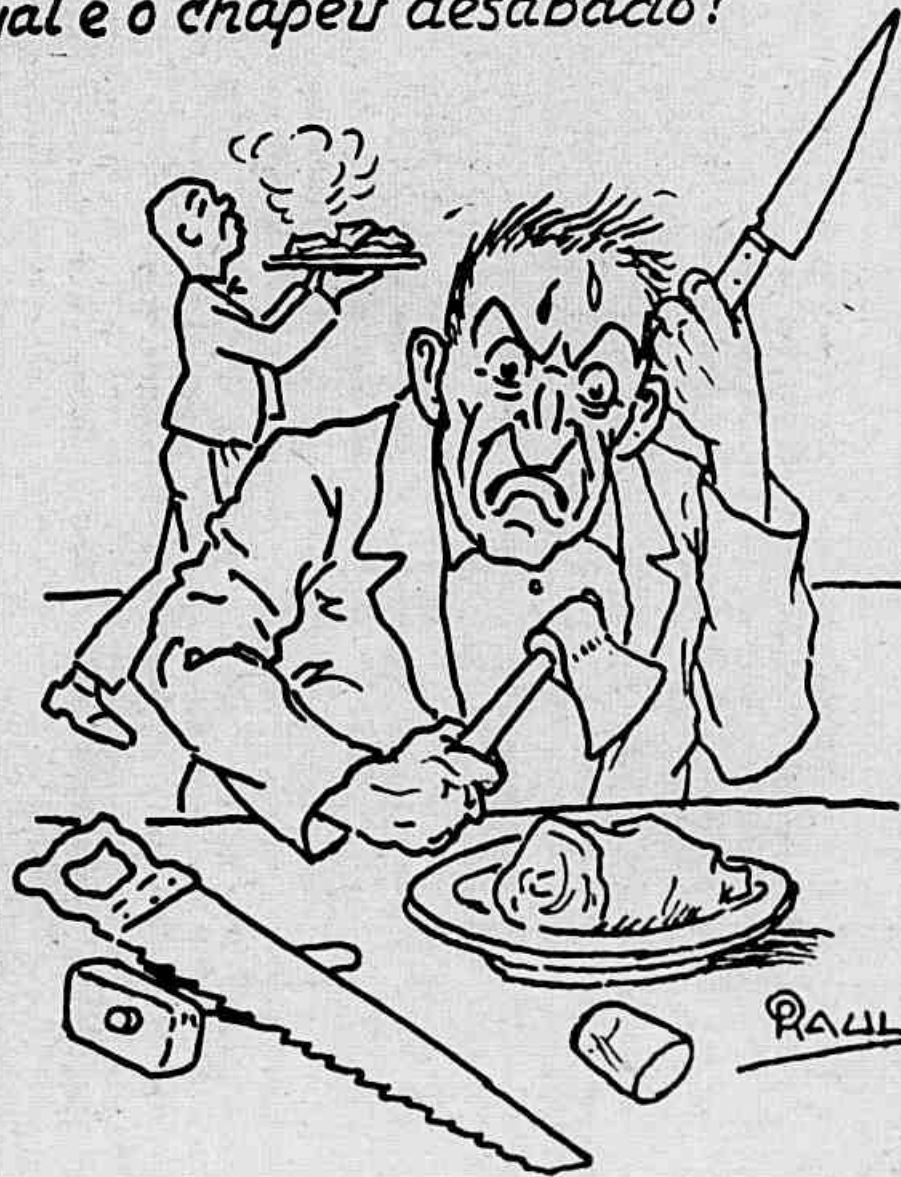
-Vou a uma dose ou passo de uma a dose?



-Qual é o chapéu desabado?



-O cabelo está por um fio...



-Isso é carne ou couro assado?...

DETALHE DE UM JARDIM DE INVERNO



Eis aqui um magnífico detalhe de uma residência norte-americana: um pequeno jardim de inverno, de teto baixo ornamentado com sobriedade por pequenos vasos plantados de orquídeas de florescência profusa e multiforme.

Outras flôres aerófagas e folhagens tropicais de cores vivas se juntam a estas na prateleira de cristal, colocada diante do espelho que toma quase toda a parede do fundo.

Ao centro, um pequeno *totem* indígena e, mais abaixo, um bar embutido sob o grande espelho.

Como mobiliário, duas poltronas de acolchoado estampado com motivos florais.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA

MARCA

UNES

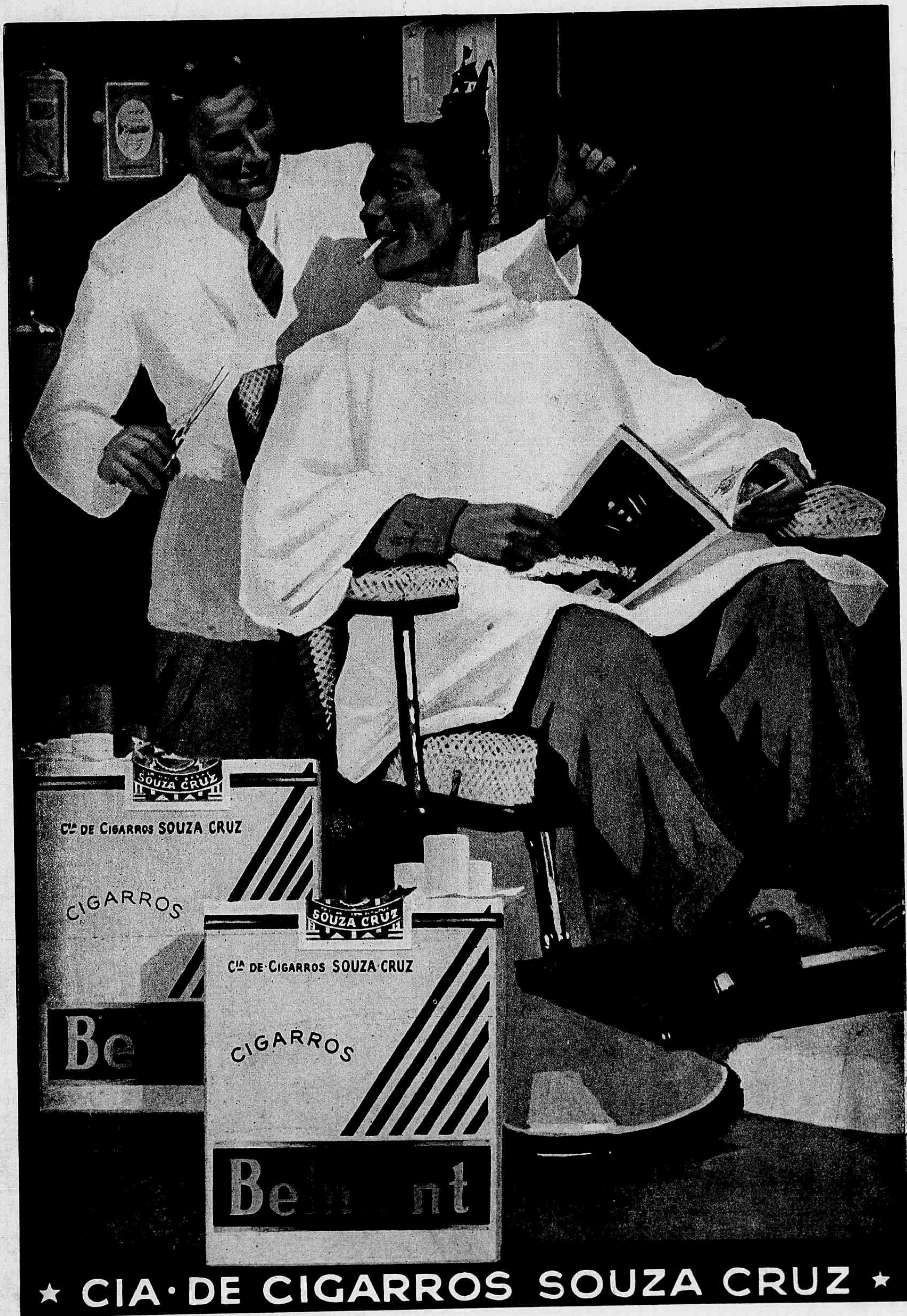
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL

AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA-67-RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



PADEIRA — Pediu informações... beliscou quase meia dúzia de pães e espalhou perdigotos para todo lado...

ALAIN — Ah!... então desconfiam que há algum desertor por aqui por perto!...

PADEIRA — Bonito!... Lá veem êles!... Aposto que vão me aborrecer outra vez com as suas intermináveis perguntas...

ALAIN (hesitante) — Hum... Eles se encaminham para aqui...

PADEIRA — Não disse?... E o senhor vai também se paulificar... querem ver os seus documentos... Trouxe documentos, senhor?

ALAIN — Eu... documentos...

Contra-regra: passos.

AGENTE (voz ríspida) — Boa noite, madame...

PADEIRA — Boa noite...

AGENTE — Dê uma subida aí neste sobrado, Luciano... Aí... Ó amigo!... os seus documentos?

ALAIN — Como, sr. inspetor?

AGENTE — Os seus documentos... sou da Segurança Pública! Os seus documentos!... Queira mostrar-me os seus documentos!...

FIM DO SEXTO EPISÓDIO

SÉTIMO EPISÓDIO

ALAIN — Então os agentes da Segurança desconfiam haver algum desertor por perto, madame?

PADEIRA — Estão dando batidas encarniçadas, senhor... O senhor não viu nada... (amuada) Bonito!... Lá veem êles... Aposto que me vou aborrecer como a vez passada, com as perguntas que não teem mais fim...

ALAIN — Encaminham-se para cá... Tem razão, madame...

PADEIRA — Não disse? E o senhor também vai se aborrecer... hão de querer ver os seus documentos... E' verdade... tem-n'os consigo, monsieur?

ALAIN (indeciso) — Documentos... Os documentos?

PADEIRA — Sim... os seus documentos... Aí veem êles...

AGENTE — Boa noite, madame...

PADEIRA e ALAIN — Boa noite...

AGENTE — Aí, você, Lucien... Dê uma batida nesse sobrado... Alugam cômodos. O nome de todos os moradores ausentes... e os documentos dos que lá se acharem no momento... Ligeiro...

VOZ — Imediatamente, sr. inspetor...

AGENTE (passos) — Aí... Aí, o amigo... Queira mostrar-me os seus documentos...

ALAIN — Como disse, sr. inspetor?

AGENTE (ríspido e breve) — Os seus documentos... Sou da Segurança Pública... Queira mostrar-me os seus documentos...

ALAIN — Perfeitamente, sr. inspetor... (pausa)

AGENTE — Então não é de Paris?

ALAIN — Alfredo Bertrand, sou de Metz...

AGENTE — Fornecido por quem, êste salvo conduto?

ALAIN — O senhor agente deve saber ainda mais do que eu... Só poderia ser fornecido pelas autoridades militares competentes da praça de Metz.

AGENTE — Responda apenas às minhas perguntas e não as observe!...

ALAIN — Está bem, sr. agente...

AGENTE — Inspetor, por favor...

ALAIN — Perdão... sr. inspetor...

AGENTE — Saiu em vinte e dois de Maio?

ALAIN — De Metz.

AGENTE — Que veio o senhor fazer em Paris?

ALAIN — Procurar um médico para o tratamento de minha saúde...

AGENTE — Não apresenta o aspecto de um homem que esteja tão gravemente doente, para vir de Metz a Paris...

ALAIN — Sofro duma endocardite... e vim procurar o professor Rousseliers, especialista em distúrbios cardíacos...

AGENTE — Está bem... A sua profissão?...

ALAIN — Está indicada no salvo conduto, sr. inspetor...

AGENTE — Estou perguntando ao senhor a sua profissão.

ALAIN — Caixeiro-viajante... Represento uma firma de ferragens de Metz...

AGENTE — Bem... Mora então nesta rua, não é assim?

ALAIN — Aqui neste edifício... no terceiro andar...

AGENTE — Bem...

Contra-regra: passos que se aproximam.

AGENTE — Nada de novo, Lucien?

VOZ — Tudo em ordem, sr. inspetor...

AGENTE — Bem... Uma coisa... consta entre os moradores dêste prédio, um com o nome Alfredo Bertrand?

VOZ — Um momento... A lista, François... (passos) Alfredo... Alfredo, não é assim, sr. inspetor?

AGENTE — Sim... Alfredo Bertrand...

VOZ (murmurando e procurando) — Alfredo... Alfredo... Alfredo... Alfredo... Ah!... Ei-lo... Alfredo Bertrand... quarenta e quatro anos... caixeiro viajante da firma Denis Brissard & Cia... da cidade de Metz... mora no terceiro andar... está de passagem por Paris... tratamento de Saúde... foi o que nos informou o encarregado do edifício...

AGENTE — Muito bem... Confere... Madame... Boa noite...

PADEIRA — Boa noite...

AGENTE — Boa noite, sr. Bertrand... Não leve a mal, monsieur... nasceu em Metz?

ALAIN — Sou natural dessa cidade, sr. inspetor...

AGENTE (irônico) — Ótimo clima... Está bem conservado... quarenta e quatro anos... Bem, boa noite... Vamos, rapazes!...

PADEIRA — Boa noite...

ALAIN — Boa noite...

Contra-regra: passos que se afastam.

PADEIRA — Que tipo antipático... (pausa) Ora... o senhor preocupou-se tanto... (pausa) Ficou tão pálido!

ALAIN — Essas emoções, madame, fazem muito mal... à minha doença...

PADEIRA — Ah!... o coração... Tenho um tio que também sofre disso... O nome é mais ou menos... Sei que termina em dite... mas não se preocupe... ficou muito pálido!... São sempre assim... roncam... roncam... mas não fazem mal a ninguém... Isto é: àquêles que nada devem... Mas Deus me livre... quando cai-lhes nas unhas um desertor... Santo Deus, de dez escapam dois e com que custo!...

ALAIN — Madame... fico-lhe imensamente grato pela gentileza...

PADEIRA — Qual! Nem por isso!... Quando precisar de meu telefone, disponha...

ALAIN — Obrigado, madame... e boa noite...

PADEIRA — Boa noite, sr. Bertrand...

Contra-regra: passos que se afastam.

Interlúdio

NEGOCIANTE — E estas peças de madeira, senhor... que acha?

ALAIN — Francamente, meu amigo... eu... eu mesmo nada posso avaliar do artigo, felizmente...

NEGOCIANTE — Sim, felizmente... Perdão, para quem são as muletas?

ALAIN — Para um primo meu que foi ferido em Abbeville...

NEGOCIANTE — Ah!... Sim... Mas o hospital deve

ter fornecido um par de muletas para o rapaz... Como se pode compreender uma coisa dessas?

ALAIN — Mas não agradou ao meu primo... Disse que se acomoda muito mal com elas, e enquanto não lhe der uma outra êle não se tranquiliza... Talvez seja mesmo uma irritação proveniente do estado em que se encontra...

NEGOCIANTE — Tem razão... tem razão... Coitado!... Não se deve contrariá-lo, já basta o mal que o atingiu... Grave o ferimento recebido?

ALAIN — Estilhaço de granada no joelho...

NEGOCIANTE — Pobre rapaz... Mas não ficará inutilizado, pois não?

ALAIN — Creio que Roberto ficará claudicando o resto da vida, da perna esquerda...

NEGOCIANTE — Isso é que é mal...

ALAIN — Quero que mande entregar êsse par de muletas até às seis da tarde, hoje... E' possível?

NEGOCIANTE — Perfeitamente... Queira deixar o enderêço neste papel, por obséquio...

ALAIN — Quanto lhe devo, meu amigo?

NEGOCIANTE — Cento e trinta e cinco francos...

ALAIN — Cento e trinta e cinco francos... Perfeitamente... (contando) Cem... vinte... trinta e cinco... aqui estão os cento e trinta e cinco francos...

NEGOCIANTE — Obrigado...

Interlúdio

KERGUEVEN — Minha filha, eu nunca me enganei a respeito de minha nota!... Que é possível fazer agora?

DENISE — Meu pai... Eu sempre afastei dos meus pensamentos essa realidade que se resume na infelicidade conjugal do meu pobre irmão Alain. Foi para Paris, pai!... Antes de partir disse-me... só vendo o sorriso de môa, com que me disse isso... Que não nascera para a vida pacífica de aldeia!...

KERGUEVEN — Que podemos fazer, Denise? Temos de nos conformar...

DENISE — E' êle? Pobre do meu irmão!... Não pergunta outra coisa nas suas cartas. Só pela mulher... Sinto que Alain tem uma paixão doentia pela espôsa, mas também acredito que êle faça tudo em seu espírito para se desvencilhar dessa mulher...

KERGUEVEN — E' verdade, Denise... Perdeu a regularidade de antes a correspondência de meu filho Alain... (pausa).

DENISE — Não!... Não se deixe assaltar por êsses pensamentos... Não é preciso que os diga... eu sei... nada aconteceu a Alain... e a Linha Maginot é um grande baluarte... Você sabe isso ainda melhor do que eu...

KERGUEVEN — Denise... já recebi o primeiro golpe... receberei o segundo!... (soluços na voz) Orgulho-me dêle!... Um francês!... Um Kergueven!...

DENISE (pranto na voz) — Sim... um bravo... E' êle que tinha tanta confiança na Vitória!...

Contra-regra: passos precipitados e gritando de longe.

IVES — Meu general!... Meu general!...

DENISE — Deus do céu!... E' a voz de Ives! (passos precipitados) Que teria acontecido?

KERGUEVEN (emocionado) — Por que não falas, Ives? Que foi?

IVES — Meu general!... O sr. Alain de Kergueven!...

DENISE — Meu irmão?

IVES — Sim... o menino!... O menino!...

KERGUEVEN — Que tem o meu filho, velho?

IVES — Acaba de chegar ao castelo...

DENISE — Aqui?

KERGUEVEN — Estás louco, Ives?

IVES — Não!... Não estou louco, senhor... Eu o vi entrar no bâteo e se encaminha para cá...

KERGUEVEN — Que dizes? Alain? Não é possível! Ele está na linha de frente!... Estás enxergando de mais...

IVES — Não... não... não, meu general... Ele chegou de muletas... Eu vi quando saltou no portão do castelo... foi...

Contra-regra: ouve-se o toc-toc de muleta, toc-toc que vem se aproximando sem interromper a fala de Ives.

IVES — ...a carruagem do padre Minier que o trouxe de Brest...

DENISE — Pai!... Ouça!... Sim... uma pessoa... O ruído de muletas no vestibulo...

Contra-regra: passos precipitados e o toc-toc de muletas lento se aproximando cada vez mais.

DENISE (dando um grito de alegria) — Alain!...

Contra-regra: cessar o ruído de muletas.

KERGUEVEN — Meu filho!... (emoção profunda na voz) — Tu!... Meu herói!...

DENISE — Oh!... Querido irmão... Apoie-se em mim...

KERGUEVEN — Alain... Em mim também!... Ives!... (exaltado e emocionado) Velho!... Tira ferrugem das pernas... Corra!... Avise a todos que venham à sala cumprimentar meu filho!... Não vê que o menino chegou?...

ALAIN (indeciso) — Oh!... Meu pai!... Denise!... Quanta felicidade a minha!... Sentí-los todos perto de mim... junto a mim...

IVES — Aqui... na poltrona, meu general...

DENISE — A almofada, Ives!...

KERGUEVEN (falsa cólera) — Ligeiro, Ives!... Diabos!... Nem parece mais aquêles relâpago de Chemin des Dames, que pulava trincheira para acutillar os boches de Hindenburg ou Moltke!... Vamos!... Uma almofada...

IVES (passos) — Aqui está a almofada...

KERGUEVEN — Toma as muletas, querida...

IVES — Pode deixar, senhora Westbury...

Contra-regra: ruído de duas peças de madeira.

ALAIN — E Irene, Denise... (pausa longa) Que houve com minha espôsa? Por que não está ela aqui? Está no seu quarto?

KERGUEVEN — Tua espôsa embarcou para Paris há duas semanas, meu filho... Depois... depois falaremos disso... mas não há importância para te trazer receios. Naturalmente a tua ausência obrigou-a a isso... ela quiz espairar...

ALAIN — Ai...

DENISE — Magoaste-te, Alain?...

ALAIN — Pouco, querida irmã... Batí com o joelho na ponta da poltrona... não foi nada... passou... passou...

KERGUEVEN — O mocho... arraste o mocho para aqui, Ives...

IVES — Sim, meu general...

KERGUEVEN — Estira as pernas, meu filho... estira-as bem... assim...

Contra-regra: gemidos abafados de Alain.

DENISE — Oh!... meu irmão... como deves ter sofrido...

KERGUEVEN — Meu filho... conta-me tudo... Não vês como estou ansioso... Foste ferido gravemente? Ein?

DENISE — Por que ficaste todo êsse tempo sem nos escrever, Alain?

KERGUEVEN — Onde vens, meu filho?... Onde foste ferido?...

DENISE — E porque não avisaste da tua chegada a Brest, Alain? Iríamos buscar-te. Por que não nos avisaste?

ALAIN — Eu queria dar-lhes uma surpresa... (pausa) Pai... Tu, irmã... Que significa isso? (pausa longa) Por que não respondem à minha pergunta?... Sim... Por que estão vestidos os dois de negro?!

Contra-regra: ouve-se o soluçar bem abafado de Denise.

ALAIN — Chorando... o senhor, pai... irromperam as lágrimas dos seus olhos? Ambos de luto... Sim, a gravata preta do pai... O vestido negro de Denise?

KERGUEVEN — Não recebeste a nossa carta endereçada ao 247.º, meu filho?

ALAIN — Carta? Mas o que houve, meu pai? Luto por quem? Leslie? Teu marido morreu, minha querida irmã?

KERGUEVEN — Alain, meu filho!... (pausa e soluço na voz) O teu pobre irmão Henry foi morto na Bélgica, no dia 15 de Maio.

ALAIN — Oh!... meu Deus!... Henry? Meu irmão? (soluços abafados) Henry, morto?

DENISE — Sim, Alain... o nosso pobre Henry...

KERGUEVEN (solene e emocionado) — Foi citado em ordem do dia pela sua conduta heroica à frente dos seus tanques!...

ALAIN — Oh!... Pai!... E' terrível, isso!... Terrível!...

KERGUEVEN — Ives!... Conduze minha filha para os seus aposentos... Vai, Denise... Ficarei a sós com o teu irmão... Não quero que chores mais...

DENISE — Oh, pai... Ele que partiu tão ufano!... Tão confiante na grande causa que a nossa pátria defende... Pobre Henry...

IVES — Vamos, madame Westbury... Morreu como um herói, madame... permite-me que a acompanhe?...

Contra-regra: soluços distantes de Denise e passos que se afastam.

ALAIN — No dia quinze, na Bélgica, pai? Isso foi um golpe terrível!... Repito, pai... Um golpe tremendo...

KERGUEVEN — Sim, tremendo!... Henry, teu irmão, meu filho, morreu como um herói!... Sustentou até os últimos momentos a dignidade dos Kergueven... Morreu como um Kergueven... Foi ele o primeiro a afrontar o perigo!... Eu te lerei mais tarde a carta que me enviou dois dias antes de sua morte... Mas falemos de ti, Alain! Ferido? Gravemente? Onde, Alain?

ALAIN — Tranquelize-se, meu pai... Não é grave. Um joelho deslocado, os tendões partidos...

KERGUEVEN — Não podes ainda dobrar a perna?

ALAIN — Não... mas isso se resolverá com o tempo...

KERGUEVEN — Um estilhaço de obús ou uma bala de metralhadora?

ALAIN (indeciso) — Não... não... Isto é, pai... nem um nem outro... Foi um ferimento sem ser exatamente um ferimento... Eu me encontrava numa patrulha como voluntário!...

KERGUEVEN — Voluntário!... Sim!... Voluntário!... Um Kergueven!... Não espera que o chamem!... Os Kerguevens sempre se apresentaram!... Orgulho-me de ti, meu filho!... E depois!... Sim... Tu te ofereceste para esta missão perigosa, não é verdade?

ALAIN — Ofereci-me, pai...

KERGUEVEN — Um reconhecimento?...

Contra-regra: passos que se aproximam.

IVES — Seu general, precisa de mim? Isto é, meu general... Estou tão comovido que nem ligo mais uma idéia a outra... Venho para dizer uma coisa e acabo dizendo outra toda diferente...

KERGUEVEN — Aproxima-te, meu velho... Aproxima-te... Sei que estás ansioso para ouvir o meu Alain, que acaba de chegar da linha de frente!... Sabes que se ofereceu como voluntário, meu velho?... O mesmo que fizemos nós no Somme... (entusiasmado) Ouviste, velho?... O mesmo que fizemos nós...

IVES — O sangue, meu general!... Um Kergueven...

KERGUEVEN — Senta-te aí, velho... Ele vai nos contar!... Serviço de patrulha... Estou te dizendo para sentar, velho surdo... Senta-te!...

IVES (emocionado) — Sim, meu general... sento-me... sento-me...

KERGUEVEN — E depois, Alain!... Foste como voluntário numa patrulha...

ALAIN (agastado) — Sim, meu pai... Um reconhecimento durante a noite para fazer alguns prisioneiros...

KERGUEVEN — Estás ouvindo, Ives... Segurar os boches à unha!... À unha!... E depois, meu filho!...

ALAIN — O inimigo nos bombardeou. Travou-se uma formidável luta corpo a corpo. Eram trinta homens... e nós doze ou quinze...

KERGUEVEN — Bravos!... Bravos!...

ALAIN — Um cento e cinco explodiu perto de mim e caí violentamente numa cratera de pedras. Partí o joelho... Evacuaram-me e transportaram-me para Paris!

KERGUEVEN — Quando?

ALAIN — Quando? Quando que... ah!... Sim... no dia... dia quatorze de Maio.

KERGUEVEN — Foste bem tratado, meu filho?

ALAIN — Muito bem tratado, meu pai...

KERGUEVEN — Onde foste tratado? O nome do Hospital?

ALAIN — No Hospital Sevrin, Boulevard Vitor.

KERGUEVEN — Devias ter-me escrito, meu filho. Eu teria ido ver-te.

ALAIN — Escrevi uma carta, meu pai.

KERGUEVEN — Pois nada recebemos...

ALAIN — Pois escrevi...

KERGUEVEN — Sofreste muito, sim... Avalio o teu sofrimento...

ALAIN — Oh!... Um pouco. Sobretudo moralmente. Eu queria voltar imediatamente à frente, meu pai... Não poderia concordar com a minha situação de ferido... imobilizado, enquanto os meus companheiros lutam denodadamente pela pátria querida...

KERGUEVEN — Oh!... Meu filho!... A flama de nossa família arde em teu peito!...

ALAIN — Trataram-me durante três semanas e como era necessário dar lugar para os outros que vinham chegando feridos como eu dos campos de batalha, tive uma licença de seis semanas...

KERGUEVEN — Sim, meu filho... nós te trataremos... Tu verás!... Em seis semanas estarás completamente restabelecido... pronto para outra!...

ALAIN — Creio que muito breve estarei restabelecido de meu ferimento...

KERGUEVEN — Como não... oh... Diabos... Com meus excessos de carinho esqueci-me que és um ferido de guerra e que deves estar morrendo de cansaço... Que estás fazendo aí, velho moleirão... por que não vais aprontar o quarto de meu filho...

IVES (rindo) — Pronto, meu general... Estou indo...

KERGUEVEN (jubiloso) — Corre, meu velho... Mais um herói na mansão dos Kerguevens!... Vai arrumar o quarto de meu filho... ligeiro...

Contra-regra: passos que se afastam.

ALAIN — Pai...

KERGUEVEN — Fala, meu filho...

ALAIN — Partirei amanhã...

KERGUEVEN — Partirás amanhã!... Que estás me contando aí? Por que partirás amanhã, si ainda não alegraste suficientemente os meus olhos, e como hás de querer partir assim ferido? Estás louco, meu querido filho?

ALAIN — Não, pai; partirei amanhã ou no máximo depois de amanhã...

KERGUEVEN — Por que? Por que não ficarás no castelo?

ALAIN — Porque os médicos aconselharam-me os banhos de Dax. Completarei a minha cura ali...

KERGUEVEN — Bem... si é prescrição médica, está bem... Irás aos banhos de Dax...

Contra-regra: passos que se aproximam.

IVES — Meu general... O estafeta... Uma carta para meu general...

KERGUEVEN — Uma apenas... (intrigado) Diabos!... Urgente... Vamos ver... Timbre do Estado Maior... Pode ir, Ives...

IVES — Sim, meu general...

KERGUEVEN — E hoje veio fora do horário do serviço postal de Benoet... Deve ser alguma notificação de importância...

Técnica: música bem suave em "back-ground".

ALAIN — Que foi, pai? Que tem o senhor? Que diz essa carta? Alguma coisa com o meu cunhado Leslie de Westbury?

KERGUEVEN (voz estranha) — Espera, meu filho... Deixa-me ler a carta até o fim...

Contra-regra: ouve-se o murmurar do general Kergueven durante esse tempo sincronizado com a música, palavras imperceptíveis no seu sentido.

KERGUEVEN — Alain!... (duro) Alain!...

ALAIN — Meu pai!... Que tem o senhor?

KERGUEVEN — Sabes donde veio esta carta?

ALAIN — Esta carta... Donde vem?... Donde vem, pai?

KERGUEVEN (dando um berro) — Sim!... Donde vem?

ALAIN — Eu não compreendo, meu pai... O seu nervosismo também está me desorientando...

KERGUEVEN — Só o meu nervosismo? Ouvel! Verás si é apenas o meu nervosismo que te desorienta! E' uma comunicação do Ministério da Guerra...

ALAIN (gaguejando) — O Minis... O Ministério da Guerra?

KERGUEVEN (exaltado) — Comunicam-me que o soldado de segunda classe Kergueven, Jean Marie, do 247.º Regimento, terceiro batalhão, fôra dado como desaparecido durante uma patrulha na noite de 8 de Maio... E o meu amigo particular, o coronel Bressilon, avisa-me confidencialmente que talvez estejas prisioneiro...

ALAIN — Não é possível, meu pai... Há um lamentável engano nessa notificação administrativa...

KERGUEVEN — Engano? Aqui está o ofício com tôdas as letras... Si foste dado como desaparecido... Não! Si foste evacuado pelo teu regimento na qualidade de ferido, como podes figurar no Ministério como desaparecido? Uma resposta para isso, Alain de Kergueven!

ALAIN — Um engano do informante, meu pai.

KERGUEVEN — Não!... Essas coisas jamais acontecem... O Ministério não tem o hábito de anunciar à família a morte ou o desaparecimento de um soldado... quando não está certo e provado no que diz... Entendeste, meu filho? Essas notificações são feitas com provas positivas.

ALAIN — Mas, meu pai... Às vêzes acontece que...

KERGUEVEN (violento) — Não hás de querer me ensinar o funcionamento da máquina administrativa, tu, um soldado de segunda classe, a um general do Exército Francês?... Para o teu chefe de batalhão, ou morreste sem deixar traços, ou foste prisioneiro sem deixar testemunhas...

ALAIN — Ambas as hipóteses, meu pai, são inexatas como vê...

KERGUEVEN — Admitamos que o regimento tenha cometido um erro. Tu me disseste que foste tratado no Hospital Sevrin, não é verdade, Alain?

ALAIN — Sim, meu pai.

KERGUEVEN — Esse hospital naturalmente te identificou entre os seus feridos. Então essa gente também teria se enganado? Teria esquecido de mencionar a tua partida em convalescença?

ALAIN — Mas meu pai... é possível... **Errare humanum est!**

KERGUEVEN — Não!... Um erro, admito; dois, jamais! Espera...

ALAIN — Um momento, meu pai...

KERGUEVEN — O que?

ALAIN — Onde vai o senhor?

KERGUEVEN — Telefonar ao médico-chefe do hospital para lhe pedir explicações...

ALAIN — Não, meu pai... não telefone...

KERGUEVEN — Tremes... larga a manga de minha túnica!... Por que tremes? Por que não queres que eu

telefone ao médico-chefe dêsse hospital onde foste tratado, meu filho?

ALAIN — Não!... Não telefone, meu pai!... Suplico-lhe!... Não telefonel

KERGUEVEN (desorientado) — Por que?

ALAIN — Porque não fui tratado lá.

KERGUEVEN (voz abafada pela cólera) — Ein? (pausa) — Disseste que não foste tratado lá?

ALAIN — Não!

KERGUEVEN — Miserável!... E ainda trazes no corpo a farda dum exército que se tem coberto de glórias em mil campanhas... Miserável...

ALAIN — Perdão, meu pai... estrangula-me...

KERGUEVEN — Cão!... Vou arrastar-te pela gola da túnica... Sou velho mas não para impedir o que vou fazer... Levanta!... Levanta, infamel...

ALAIN — Basta!... Estou de pé!...

KERGUEVEN — O que? Nem ferido estás? Em pé, como eu? Sem muletas?

ALAIN — Não estou ferido.

KERGUEVEN — Espera!... Espera, cão!... O meu chicotel!... Onde está o meu chicotel... Um miserável desertor em meu castelo!... Um traidor entre os Kerguevens!... O meu chicotel...

ALAIN — Mas, pai!...

KERGUEVEN — Um desertor!... Desonraste um uniforme!... O teu nome!... Teu pai!... Onde está o meu chicotel...

FIM DO SÉTIMO EPISÓDIO

OITAVO EPISÓDIO

KERGUEVEN — Miserável que és! Então foi tudo uma burla? Nem ferido estás?

ALAIN — Sim... não estou ferido.

KERGUEVEN — Tu desonraste o teu uniforme!... O teu nome... O teu pai... Só há uma espécie de castigo para os canalhas de tua marca!... O chicotel (passos de um lado para outro) O meu chicotel!... Onde está o meu chicote? Ah!... Aqui está!...

ALAIN — Antes de me chicotear, general Kergueven, ouça-me, é tudo quanto lhe peço!

KERGUEVEN — Então, um desertor?

ALAIN — Sim... desertei da linha de frente.

KERGUEVEN — E essa licença que me mostraste?

ALAIN — Era falsa.

KERGUEVEN — Deixaste então a linha de frente voluntariamente!... Sim!... Tu o disseste! Um miserável desertor.

ALAIN — Peço-lhe, meu pai!... Nada de melodramas. Nada de grandes frases. Eu queria desaparecer discretamente por consideração a si. Preparei cuidadosamente o meu ato, para lhe poupar a vergonha pública da minha decisão. A prova é que oficialmente...

KERGUEVEN — Não é preciso que a vergonha seja pública para me atingir. Tu, abandonares os teus amigos diante do inimigo? Uma infâmia como esta?

ALAIN — Eu lhe repito que as aparências estão salvas. Não terá de enrubescer diante dos seus colegas. Mas já que estamos sós, de homem para homem, vou lhe dizer porque abandonei o meu fuzil...

Contra-regra: passos que se aproximam.

ALAIN — Porque eu não queria arriscar a minha pele pelos sinistros bandidos que desfecharam a guerra... esta guerra, meu pai, sabendo que a França não estava armada... Se o sabiam, são mais criminosos do que eu, que fugi da linha de frente! Si não sabiam, meu pai, são imbecis, indignos da confiança do país!...

KERGUEVEN — Cala-te, soldado!... Não tens o direito de julgar os teus superiores!

ALAIN — Perdão. Vós outros, soldados, obedecéis, porque sois soldados de carreira. Eu, cidadão, discuto!...